

200304644

CLAUDIA MASCARENHAS FERNANDES ROHENKOHL

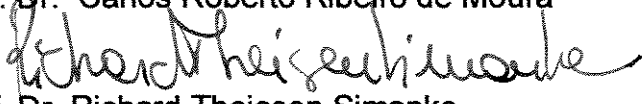
CONFIGURAÇÕES EM TORNO DA NOÇÃO DE
NATUREZA INFANTIL NA OBRA DE FREUD

Dissertação de Mestrado em Filosofia
apresentada ao Departamento de Filosofia do
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas, sob
orientação do Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani

Este exemplar corresponde a versão final
da tese defendida e aprovada pela Comissão
Julgadora em 13 / 12 / 02.

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Carlos Roberto Ribeiro de Moura


Prof. Dr. Richard Theiesen Simanke


Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani

Campinas, Dezembro/2002.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	T/UNICAMP
	R636C
V	EX
TOMBO BC/	52095
PROC.	16.124/03
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	12/02/03
Nº CPD	

CM0017B008-3

BIB ID 276372

**FICHA CATALOGRÁFICA ELEBORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH-UNICAMP**

R636c Rohenkohl, Claudia Mascarenhas Fernandes
Configurações em torno da noção de Natureza Infantil em
Freud / Claudia Mascarenhas Fernandes Rohenkohl -
Campinas, SP : [s.n.], 2002.

Orientador: Luiz Roberto Monzani.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Sexo (psicologia)
3. Perversão sexual 4. Édipo, Complexo de 5. Psicanálise infantil.
6. Fantasia. 7. Ciência - Filosofia. I. Monzani, Luiz Roberto.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani, pela paciente e atenta orientação
Aos Profs. Drs. Carlos Alberto de Moura e Richard Simanke, pelas
indagações e sugestões.

A Paulo em especial, por todas as logísticas
A Jossete e Gilvani pelo lado prático da vida.

Para Albenzio e Mali

RESUMO

A delimitação do campo psicanalítico se fez em torno de algumas apropriações de conceitos já existentes que foram derivados e tomados pela teoria freudiana de forma tão contundente a ponto de não mais se remeterem ao seu antigo campo. Esse trabalho vai tecer a rede entre as oscilações e aproximações realizadas durante os anos de 1895 e 1925 da obra freudiana entre as noções de perversão e sexualidade infantil, que impuseram a leitura da criação de um construto denominado natureza infantil. Essa construção não se fez sem hesitações e contou com dois aportes importantes: a constituição de duas séries, geografia do prazer no corpo e construção da fantasia, e a distinção fundamental entre vida sexual adulta e vivências sexuais infantis.

ABSTRACT

The delimitation of the psychoanalytic field involved the appropriation of already existing concepts, which were taken by the Freudian theory in such an aggressive manner, that they reached a point where no longer lead to their original field. This dissertation intends to relate the notions of perversion and infantile sexuality as approached by Freud from 1895 to 1925, considering the fact that these notions imposed the creation of the idea of an infantile nature. This construction counted on two important points: the constitution of two series, the pleasure geography of the body and the construction of fantasy, and the fundamental distinction between adult sexual life and infantile sexual experiences.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO PRIMEIRO: DERIVAÇÕES	29
Sobre a Sexualidade	29
Infância Inocente	35
A Construção das Zonas Erógenas.....	45
Fantasia.....	48
Sobre as Perversões.....	53
CAPÍTULO SEGUNDO: ENTRE DOIS TEXTOS E DOIS TEMPOS	71
Os Três ensaios sobre a sexualidade	73
Desvios do instinto.....	76
Tornar visível a criança.....	97
O preço para amadurecer.....	136
Uma criança é espancada.....	151

Essa criança, não sou eu.....	153
Édipo: o conteúdo que faltava	159
O papel da masturbação.....	168
A necessária repressão	172
 CAPÍTULO TERCEIRO: NATUREZA INFANTIL	179
 O recorte em três períodos.....	179
 As séries de Freud	184
 A criança e seu adulto	187
 A perversão e sua função.....	199
 Natureza Infantil	205
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	217
 BIBLIOGRAFIA	225

INTRODUÇÃO

Origina-se com o pensamento freudiano a aproximação entre as noções de perversão e sexualidade infantil. A despeito de todas as oscilações inerentes à construção teórica da psicanálise, nossa investigação baseia-se numa interrogação principal: quais os efeitos na montagem do projeto freudiano que tal aproximação provoca e em que condições essa aproximação se opera ?

Ao empreendermos essa pesquisa nos deparamos com três ordens de questões que vão revezar seu aparecimento durante nosso percurso. A primeira delas se restringe a analisar o movimento das descobertas freudianas, a lógica entre as aproximações e distanciamentos das principais noções¹ por nós estudadas. A segunda dessas ordens de questões se refere a estratégia usada pelo autor em suas explicações. Privilegiaremos duas delas: a redução de fenômenos desconhecidos a princípios ou fatos já

¹ Perversão, sexualidade infantil, natureza infantil, zonas erógenas, polimorfia perversa, fantasia.

conhecidos², e a associação de noções abstratas a fenômenos visíveis³. A terceira delas, costurada na borda das outras duas, pretende delinear modestamente a lógica entre as questões metodológicas e epistemológicas, sendo possível verificar, muitas vezes, que as aproximações e distanciamentos entre os conceitos apresenta uma íntima relação entre conteúdo e forma⁴.

É o aparecimento dessas três ordens de questões que nos faz remarcar a expectativa de Freud em fazer da psicanálise uma ciência. Essa expectativa não pode ser negligenciada, mesmo que, aparentemente seja a preocupação com a clínica que firma sua importância aos olhos do leitor, insistimos para além da relação analítica, numa psicanálise que é "*também* uma ciência"⁵ e, como tal, é passível de leitura e de interpretação a ser realizada por qualquer sujeito⁶. O propósito nesse trabalho é restringir nosso interesse a uma leitura específica que o movimento do texto freudiano

² Como por exemplo no caso da inversão na noção de perversão.

³ Claramente desenvolvida entre o fenômeno da masturbação e a noção de complexo de Édipo.

⁴ Verificamos explicitamente esse aspecto principalmente no segundo dos três ensaios.

⁵ MONZANI, L. , *Freud, movimento de um pensamento*. São Paulo: ed. Unicamp, 1989.

oferece: acompanhar as suas oscilações na aproximação entre as noções de perversão e sexualidade infantil sem desconsiderar a força da construção da noção de natureza infantil como um dos efeitos desse movimento.

Esse trabalho longe da ambição de comprovar, ou desenvolver teses que confirmem a pertinência da psicanálise às ciências naturais, a reconhece aí nesse campo. Não obstante, é possível apontar que a intenção freudiana de fazer da psicanálise uma ciência, apresenta-se em vários momentos na construção da teoria e na delimitação do campo psicanalítico⁷. Dentre os efeitos desse propósito podemos, de imediato, já destacar no desenvolvimento de seus conceitos e suas explicações, o necessário

⁶ Idem.

⁷ Alguns autores destacam distintas ordens de problemas enfrentados pela filosofia da ciência. Seleccionamos aqui alguns desses problemas: natureza do conhecimento, o valor ou a possibilidade do conhecimento, as formas por ele assumidas, o problema da verdade, origens do conhecimento, ou o tipo de abordagem adotado na investigação. PENNA, *Introdução à epistemologia*. Rio de Janeiro : Imago, 2000. O presente trabalho se encontra no domínio da filosofia da ciência, não exatamente no confronto das diversas relações entre os distintos setores do conhecimento (WHITEHEAD, *O conceito de natureza*, São Paulo: Martins Fontes, 1994), mas nas relações internas à uma teoria na sua busca pelo conhecimento, em que condições são marcados os seus princípios. A medida em que a ciência é compreensão, a filosofia da ciência vai se interessar pelas articulações que propiciam essa compreensão. O que observamos é que a natureza do conhecimento científico, a maneira de como deve ser justificada com recurso à razão e à observação, muda historicamente (CHALMERS, *A fabricação da ciência*, São Paulo: unesp, 1994.), no presente trabalho não iremos adentrar por análises históricas de como esse conhecimento se constitui na história das ciências, porém, vamos observar o quanto, a forma de aproximar conceitos, reduzi-los a uma familiaridade, a confirmação de hipóteses, torna o texto bastante original no decorrer da construção do campo psicanalítico.

procedimento de tornar visível (ou relacioná-los a certa visibilidade) as manifestações ou fenômenos abstratos estudados. Talvez a perversão e a sexualidade infantil sejam duas noções que se prestem de forma cabal à necessidade metodológica de emprestar visibilidade às explicações de certos fenômenos no decorrer da construção da teoria.

Essa aproximação desvela outra face fundamental da psicanálise: a importância em ser tratada como uma teoria para o conhecimento da constituição do sujeito humano; como conhece o mundo, como estrutura seu psiquismo, como adoece. A psicanálise passa a ser uma peça fundamental para o estudo das relações entre o normal e o patológico desse ser humano, ela realiza, na verdade, um corte na velha dicotomia "normal x patológico" quando concebe a intrínseca relação entre a psicopatologia e a constituição do sujeito. No percurso desse trabalho é possível verificar, portanto, que a aproximação entre perversão e sexualidade infantil se apresenta como um retrato da visão psicanalítica em descrever os fenômenos patológicos e normais com os mesmos mecanismos, assim como já foi verificado em relação às formações do inconsciente, quando Freud aborda os sonhos, chistes e atos falhos, com mecanismos iguais aos dos sintomas patológicos.

A aproximação entre as noções de perversão e sexualidade infantil se presta, tanto metodologicamente à necessidade de criar estratégias que ofereçam visibilidade às explicações da teoria, serve para compor esse quadro importante de rever os limites entre o patológico e o normal, assim como o seu conteúdo fornece elementos fundamentais para a originalidade da construção de uma natureza infantil.

Observamos assim que debate suscitado pela Psicanálise, no que tange à perversão, projeta-se sobre a sexualidade infantil. Essa proximidade entre as noções de perversão e sexualidade infantil origina-se com o pensamento freudiano: "*.... essa presumida constituição que exhibe os germes de todas as perversões só poderá rastrear-se na criança, pois é nela que todas as pulsões puderam emergir com intensidade moderada*⁸".

Além de buscar na infância a fonte para a etiologia das neuroses, chama-nos a atenção a determinação do autor de privilegiar o tempo vivido pela criança como um período em que os germes da perversão podem ser rastreados, pois, ao que parece, essa síntese é o arcabouço do que Freud está denominando "natureza infantil", no período compreendido

⁸S. FREUD (1905) *Três Ensayos sobre la Sexualidad*, Buenos Aires: Amorroutu, 1974, vol. VII. p. 156.

essencialmente entre 1905 e 1924. Esse rastreamento dos germes de todas as perversões, que só poderá ser realizado na criança, interessa-nos na medida em que iremos investigar qual é a natureza do infantil para Freud. A criança aparece na cena principal, além de apoio à busca da origem das afecções patológicas, como a possibilidade de visibilidade para as manifestações que podem explicar e, por fim, fazer Freud compreender a etiologia das patologias.

Na criança, *todas as pulsões podem surgir com intensidade moderada*, sem o transbordar de um excesso de prazer ou desprazer. O surgimento na criança de todas as pulsões com intensidades moderadas aponta, tanto para o caráter de visibilidade da criança (o que surge nela), quanto para uma indiferença entre a intensidade de prazer das zonas erógenas, ou seja, não existe uma predominância de uma zona erógena em relação às outras, principalmente em relação a um primado genital. A partir dessa afirmação, pretendemos delinear uma primeira relação entre os dois temas. A segunda relação que podemos adiantar transparece na separação entre pulsão e objeto⁹. Essa separação entre pulsão e objeto caracteriza as

⁹ J. LAPLANCHE, *La Sexualité*, em Bulletin de Psychologie, tome XXII a XV 1969-70. {O autor mostra como, em Freud, trata-se de um erro achar que a pulsão sexual seja determinada pela excitação vinda do objeto}. E em, P. VALAS *Freud e a Perversão*. Rio de

pulsões de forma geral, tanto na perversão, quanto na sexualidade infantil¹⁰. Parece-nos, portanto, que a aproximação dessas duas noções¹¹ instaura uma reorganização em toda semântica sobre a sexualidade e constitui, de forma original, a concepção de uma natureza infantil.

Encontramos reflexões sobre o papel da sexualidade infantil na etiologia das neuroses já nos escritos iniciais, quando Freud, após um longo desenvolvimento sobre a existência do componente sexual na etiologia das neuroses, admite o papel das ocorrências de vivências sexuais prematuras como fator precipitador dessas neuroses: *"sustentamos, portanto, que as experiências sexuais infantis constituem a pre-condição fundamental da histeria, isto é, constituem realmente a disposição para esta, e que são elas que criam os sintomas histéricos"*¹².

Janeiro: Jorge Zahar, 1990. {Freud conclui daí que é preciso dissociar até certo ponto a pulsão sexual do objeto}. De outra forma, G. LANTERI-LAURA, *Leitura das perversões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, dedica-se a mostrar a separação entre os conceitos operacionais *objekt e ziel*.

¹⁰ S. FREUD (1905), "Tres Ensayos..." op.cit. p. 174. *"... a influência da sedução não ajuda a descobrir a condição inicial da pulsão sexual, senão que confunde a inteligência que dela podemos ter, na medida em que aporta prematuramente à criança o objeto sexual, do qual a pulsão sexual não mostra necessidade nenhuma"*. {Nem a sedução apontaria para uma condição inicial intrínseca entre pulsão e objeto}.

¹¹ {a aproximação aqui referida é relativa à necessidade de Freud em tomar a perversão como paradigma para tratar da sexualidade infantil; discutiremos mais tarde a diferença entre as concepções de perversões, a distinção entre a disposição perversa polimorfa e a própria perversão. Mas a questão que se apresenta é; por que Freud escolheu a estrutura da perversão para ser o paradigma da sexualidade infantil ?}

¹² S. FREUD (1905), "Tres ensayos ..." op.cit. p. 239.

Ao sustentar com todo vigor a pré-condição sexual da histeria, Freud nos indica o caminho que será percorrido por ele mais tarde em relação à sexualidade infantil; inicialmente apenas indicando a sua existência, para depois realizar sua sistematização. Os germes das vivências infantis estão, portanto, no alicerce da formação dos sintomas histéricos:

A partir disso posso concluir que o caráter das cenas infantis - se vivenciadas com prazer ou apenas passivamente - tem uma influência determinante na escolha da neurose posterior (...) ¹³ .

Se o passo inicial foi esse - o caráter determinante das cenas infantis na formação dos sintomas - ele não parou por aí; realizou uma associação entre essas cenas infantis e os traços da perversão. Resta-nos, ainda, explicitar as possíveis relações entre o que Freud denomina cena infantil e os traços perversos da sexualidade, dado que o fato de tornar a perversão um paradigma para tratar da sexualidade infantil, não as torna semelhantes e nem tão pouco da mesma ordem.

Realizar uma aproximação entre estas duas noções, perversão e sexualidade infantil é, de certo modo, enfrentar a leitura da constituição de

duas séries, entre uma espécie de geografia do prazer no corpo e a construção da fantasia do neurótico. Acompanharemos, neste trabalho, as oscilações marcantes do percurso freudiano na constituição de uma natureza infantil que delineia pontos de conexão nas duas séries encontradas (geografia do prazer no corpo e a construção da fantasia) e a delimitação de bordas entre a vivência sexual infantil e a vida sexual adulta.

Para tal empreitada, teremos que beber das fontes sobre a sexualidade na teoria freudiana, percorrer as articulações sobre as relações entre pulsão e objeto, desbravar o terreno inóspito das várias edições sobre a caracterização de uma sexualidade infantil, para, enfim, chegarmos à problemática da inclusão da fantasia na caracterização dessa sexualidade infantil através do complexo de Édipo. Esse percurso nos servirá também para questionarmos as relações entre o complexo de Édipo e a organização pulsional, uma vez que acreditamos que somente dessa forma desaguaremos na construção da noção de uma natureza infantil.

Em relação à ligação entre a etiologia sexual e a natureza infantil, vejamos como o caráter infantil, determinante na formação de sintomas da vida adulta, já nos é apresentado por Freud em 1896, em seu texto **A**

¹³ Idem, p. 248.

Sexualidade na Etiologia da neurose :... *“em todo caso de neurose há uma etiologia sexual; mas, na neurastenia, é uma etiologia contemporânea, enquanto nas psiconeuroses, os fatores são de natureza infantil”*¹⁴ “.

Mais uma vez o que se encontra, apontado pelo autor, é uma pesquisa sobre esses “ fatores de natureza infantil”. Esses fatores caracterizam a natureza do infantil, o que os especifica? O que estaria Freud almejando com a expressão “ Natureza Infantil” ?

Interessa-nos verificar o que a construção que se opera, de modo oscilante, entre perversão e sexualidade, oferece de característico aos fatores de natureza infantil. Acreditamos que um dos aspectos em que a semântica da teoria psicanalítica oferece extrema originalidade, é a conjunção entre as noções de sexualidade infantil e perversão¹⁵.

Observamos, uma vez caracterizada a sexualidade infantil, que a teoria se volta para a vida sexual adulta, e o neurótico será então definido como aquele que conservou alguns traços da infância. Nos **Três ensaios**

¹⁴ S. FREUD (1896), *“A Sexualidade na Etiologia das Neuroses”*, Obras Completas , Col. Standard, Rio de Janeiro: Imago V.II, 1969, p. 294.

¹⁵ Em seu livro sobre A leitura das perversões, Lanteri-Laura aponta uma hipótese semelhante à nossa: *“ A originalidade da contribuição freudiana para o conhecimento das perversões parece-nos situar-se em outro lugar (diferente do lugar de considerar que os perversos tinham vida social e profissional normal, pois os positivistas já assim consideravam), na ambígua identificação das condutas perversas com as satisfações da*

sobre a teoria sexual, por exemplo, encontramos explicitamente essa comparação :

(...) Todavia, não queremos deixar de destacar que a existência da amnésia infantil proporciona outro ponto de comparação entre o estado de alma da criança e o do psiconeurótico. Já fomos anteriormente confrontados com outro ponto semelhante, quando nos foi impingida a fórmula de que a sexualidade dos psiconeuróticos conserva o estado infantil ou foi remetida a ele.¹⁶

A partir de que momento Freud começa a pensar a noção de sexualidade infantil? Acreditamos que essa noção introduz elementos que consolidam e sistematizam suas concepções acerca da sexualidade e ainda que, ao aproximar a sexualidade infantil e perversão re-arrumam o saber sobre a natureza do infantil operada pela psicanálise. Outras questões, entretanto, nos intrigam: Existiria diferença constituinte entre o infantil que aparece no período da infância e esse infantil que supostamente foi conservado no caso dos neuróticos? Será, por exemplo, que a manifestação

sexualidade infantil: isso constitui uma inovação...." G. LANTERI-LAURA, *Leitura das perversões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed. 1994, p. 92.

de uma disposição perversa, como a polimorfia perversa infantil, ou um traço perverso na criança, como a fantasia perversa, dar-se-á da mesma forma no adulto?

Freud passou vários anos tentando delinear uma distância ótima entre a sexualidade infantil e a vida sexual adulta. Apostamos que a aproximação entre as noções de perversão e sexualidade infantil instaura uma reviravolta que será determinante para uma construção teórica sobre a natureza infantil. Acreditamos que esse paradigma da perversão tomado para pensar a sexualidade infantil é descritivo, porém, tem caráter decisivo na constituição da noção de natureza infantil, que é lida no tempo do *só-depois* e costurada entre cena principal e bastidores na teoria. Enfatizamos, inclusive, o quanto essa reviravolta determina uma mudança na lógica do pensamento a respeito das delimitações entre o adulto e a criança.

Acreditamos que a problemática envolvendo essas questões nos levará, em primeiro lugar, a indicar uma revisão¹⁷ no estudo dos períodos importantes relativos a tal construção.

¹⁶ S. FREUD, "*Tres Ensayos..*" op.cit. .p. 159.

¹⁷ Do ponto de vista histórico, existem, portanto, marcos propostos por alguns autores, dentre os quais destacamos J. LAPLANCHE *Freud e a Sexualidade - o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.22 - 23. Segundo esse autor, os períodos importantes são os seguintes: I) entre 1895 e 1897, no qual Freud adotaria uma concepção clássica de

A partir desta dissertação, apostamos na existência de três períodos relativos à construção freudiana sobre a natureza infantil. Um primeiro período, que compreende a década 1895 e 1905, no qual Freud retrata as fontes teóricas para a delimitação de uma sexualidade infantil, introduzindo essa noção simultaneamente à noção de perversão. O estudo da etiologia da histeria, seu interesse primeiro, leva-o a pensar na existência de vivências sexuais infantis. Os rastros de alguns conceitos já podem ser identificados na passagem de uma identidade difusa entre sexualidade e genitalidade para a sexualidade perversa polimorfa. A nomeação dos conceitos já estava presente, mas não havia uma singularidade ou mesmo uma originalidade presente na sua organização, portanto, tratava-se de uma redução ao familiar¹⁸ e de uma introdução de noções básicas que vão ser utilizadas mais tarde. Estamos denominando esse período de “mapeamento do campo”.

No segundo período, de 1905 até 1915, Freud explicita e descreve as perversões e a sexualidade infantil, e propõe uma abordagem da perversão

sexualidade em que predomina a tese da importância da sexualidade para a descoberta da etiologia da neurose e a teoria da sedução; II) entre 1897 e 1912/13 (antes de “**Introdução ao Narcisismo**”), no qual predominam três temas: a importância da fantasia, o Complexo de Édipo e o desenvolvimento da noção de sexualidade.

que o diferencia de seus contemporâneos sexólogos, separando a pulsão do seu objeto. Desta forma, torna possível caracterizar a sexualidade infantil a partir do caráter descritivo de uma noção de perversão modificada e assim as vivências corporais infantis ganham uma importante roupagem para a teoria. Passam-se quase vinte anos para que se possa solidificar a aposta freudiana. Em termos metodológicos encontramos aqui a busca da relevância explanatórias e, como em todo momento desse nosso percurso, a verificabilidade da empreitada. Estamos caracterizando esse período, como o período da “reviravolta dos conceitos”¹⁸.

O terceiro período é o momento em que Freud toma a perversão e caracteriza a fantasia infantil, vai de 1915 a 1924. A fantasia é finalmente redimensionada e organizada, passando a ter um lugar original na teorização freudiana, e o complexo de Édipo é incorporado à sexualidade infantil. Acreditamos que se trata de um período de “construção teórica”, que

¹⁸ É Hempel que aponta como uma possibilidade da metodologia científica a estratégia da redução ao familiar, quando se efetua a redução do fenômeno enigmático a fatos ou princípios já familiares. Em *Filosofia da ciência natural*, Rio de Janeiro: Zahar ed. 1974.

¹⁹ S. FREUD. “*Tres Ensayos ...*” op.cit. p. 135, “*A disposição à perversão é uma disposição geral, originária da pulsão sexual, só se tornando normal em razão de modificações orgânicas e inibições psíquicas sobrevindas durante o seu desenvolvimento*”..

possibilitará numa leitura só-depois²⁰ de todos os períodos anteriormente marcados. Apontamos aqui já a possibilidade de inferências indutivas que consigam através da construção de hipóteses, explicar regularidades e compreender os fenômenos. Toda observação, seja clínica (atendimento de adultos) ou seja empírica (observação de crianças), será levada por Freud do particular à generalidade.

Privilegiamos dois textos nas nossas análises, **Três ensaios sobre a sexualidade** e **Uma criança é espancada**²¹, como dois marcos importantes dessa aproximação entre as noções de sexualidade infantil e de perversão. Sobre a relevância do primeiro texto, mais conhecido, Laplanche observa que:

Quando se lê um texto tão violento quanto os Três ensaios sobre a teoria sexual, o futuro desvio instintual é muito difícil de prever. (...): O excelente prefácio de Michel Gribinski à edição

²⁰ Só-depois, o *Nachtäglichkeit*: É verdade que tudo o que Freud constrói na sua teorização está imerso em uma temporalidade. Quanto à atemporalidade do inconsciente, o que Freud ressalta com isso é a indestrutibilidade do desejo (PORGE, E. verbete tempo, em Dicionário enciclopédico de Psicanálise, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.519). O só-depois é escrito por Freud como um segundo tempo que re-significa o primeiro tempo, essa re-significação se dá a tal ponto que, esse primeiro tempo pode ser considerado uma construção do sujeito realizada a partir do segundo tempo.

Gallimard marca bem o caráter polêmico e forte deste livro. Mesmo que, como ele também lembra, muitas coisas que se encontram nesta obra já fossem “velhas” (como se diz) - e não se deixou de dizer que Freud apenas reuniu elementos que estavam dispersos por toda parte - essa reunião não deixa de ser explosiva²².

É verdade que a reunião de determinados elementos pode ter como resultado - tal como ocorre na química – uma mistura explosiva, e é esse caráter explosivo apresentado por Laplanche o ponto que queremos destacar. Entretanto, o que pensamos ser fundamental para desenvolver nosso ponto de vista é desvendar como tais elementos que eventualmente possam já ser considerados “velhos” (no caso a perversão e a sexualidade infantil) podem ser transformados quando reunidos de outra forma. Vemos esse procedimento, tomar de sistemas conhecidos para afirmar nova base conceitual, muito mais como estratégia metodológica do autor do que um ensaio ao acaso.

No presente caso, a aproximação entre essas noções foi fundamental para marcar esse caráter polêmico do texto. O potencial explosivo dos três

²¹ S. FREUD (1919), “*Pegan a un niño, aportacion al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales*”. Buenos Aires: Amorrótu, 1974.

ensaios não se restringe, entretanto, à reunião dos “velhos” elementos antes dispersos. Para Laplanche, a obra possui um caráter inteiramente subversivo, de tal forma que o leitor desavisado poderia não se dar conta dele. E o que seria, segundo Laplanche, esse caráter perverso da obra? Nada mais, nada menos que a constatação da ausência de normas na sexualidade humana. Entretanto, para nossa pesquisa, o caráter inteiramente subversivo da obra pode também ser destacado a partir de uma reorganização de conceitos já existentes, que quando re-dimensionados em outro campo podem gerar efeitos inovadores. O potencial explosivo do texto advém dessa nova rede conceitual que começa a ser construída com esse texto, e uma nova lógica de articulações também sofre os efeitos dessa explosão conceitual inovadora.

O segundo texto, **Uma criança é espancada**, tem em vista a criança imaginária, sem no entanto, como comenta Sauret, reduzir a construção da fantasia a um desenvolvimento linear na concepção de episódios infantis.

*Tais episódios infantis estão ligados a motivos inconscientes
que pré-determinam a posição subjetiva do adulto (neurótico);*

²² J. LAPLANCHE . *Freud e a Sexualidade*, op. cit., p.22 e 23.

*esta posição terminal não consiste nos traços de caracteres
lisíveis da infância: o processo em questão não deixa Freud se
reduzir a um desenvolvimento linear*²³.

A possibilidade de leitura sobre a infância não pré-determina a posição subjetiva do adulto, o que nos indica a contribuição freudiana possibilitando outra direção para a concepção de desenvolvimento infantil.

Esses dois textos de Freud constituem os elementos fundamentais para as nossas indagações, a saber: que alterações, convergências, avanços, sistematizações, enfim, o que a aproximação entre sexualidade infantil e perversão engendraram, na delimitação do campo psicanalítico, à noção de Natureza Infantil para a teoria psicanalítica?

A partir dessas leituras dois desdobramentos são possíveis: verificar em que medida a relação entre geografia do corpo e construção da fantasia são fundamentais para Freud compor o quadro da natureza infantil; e quais são as oscilações enfrentadas por Freud na delimitação entre a sexualidade infantil e a vida sexual adulta nessa construção.

²³ J. M. SAURET, *De infantile à la struture*. Paris: Presses Universitaires du Mirail, 1992, p.61.

Essa dissertação de mestrado se divide em quatro partes. A primeira é relativa às derivações das noções de perversão e sexualidade infantil, o apelo às noções de zonas erógenas e fantasia, ao modo como esses conceitos são constituídos dentro do *corpus* teórico da psicanálise freudiana, onde e como se encontram. A segunda parte, representada pelo texto **Três ensaios sobre a sexualidade**²⁴, descreve como se deu a caracterização da sexualidade infantil a partir da noção de perversão e quais as suas conseqüências. A terceira parte, delimitada pelo texto **Uma criança é espancada**²⁵, procura evidenciar a relação entre as manifestações corpóreas sexuais na infância e a fantasia infantil, também a partir do estudo das perversões. A quarta e última parte pretende destacar a noção construída pela psicanálise freudiana no que tange à noção de Natureza Infantil e que compromissos internos à teoria essa noção outorga.

²⁴ S. FREUD. "*Tres ensayos...*" op. cit.

²⁵ S. FREUD, "*Pegan a un niño...*" op.cit. .

CAPÍTULO PRIMEIRO: DERIVAÇÕES

Sobre a Sexualidade

No decorrer de toda a obra de Freud, a sexualidade vai se revestindo de uma importantíssima roupagem. De início restrita à genitália e com fins reprodutivos, aparece posteriormente como polimorfa e perversa, e torna-se o ponto central da reflexão freudiana na busca sua pesquisa etiológica das neuroses. Veremos, neste capítulo, o percurso do autor, desde seu afastamento da definição de sexualidade vigente em sua época, até a aposta na existência de uma sexualidade na infância. E essa sexualidade na infância não aparece nem naturalmente e nem espontaneamente em sua obra. Constituída inicialmente sob moldes aparentemente patológicos e erguida para servir à demonstração de futuras neuroses, somente mais tarde sustentará definitivamente um lugar fundamental no pensamento psicanalítico.

Iniciaremos essa investigação interrogando: por que a sexualidade ? Ou, como questiona Assoun, ao apontar a legitimidade dessa pergunta: *nem*

*que seja para descansar de ter escutado o inconsciente, insistir em falar da Coisa sexual: por que, afinal, ele não falaria de outra coisa ?*²⁷

A sexualidade, desde o início da teorização freudiana, tem um papel absolutamente central. A entrada da sexualidade incide no limite das explicações freudianas, e essa espécie de primado vai a tal ponto que alguns autores chegam a afirmar que o abandono da sexualidade obriga ao conseqüente abandono de outros aspectos importantes da teoria²⁸. É devido a esse aspecto convergente sobre a noção de sexualidade na teoria que nos deteremos em seu percurso neste início de trabalho. Vamos nos debruçar sobre a constituição da primazia do sexual porque nos interessa chegar até as mais finas tramas envolvidas na construção da noção de natureza infantil.

Freud faz da sexualidade a “mola mestra” para dar conta dos casos patológicos e recorre ao patológico²⁹ para construir seu modelo de normal. Assoun afirma que a Coisa sexual é importante para a psicanálise porque se

²⁷ P. L. ASSOUN, *Metapsicologia Freudiana, uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.97.

²⁸ J. LAPLANCHE “La Sexualité”, *Bulletin de Psychologie*, curso de nove aulas entre 1969 e 1970.

²⁹ G. CANGUILHEM, *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forence universitária, 1966 p. 23: “É no Patológico com letra maiúscula, que se decifra o ensinamento da saúde, de certo modo assim como Platão procurava nas instituições do Estado o equivalente, ampliado e

constitui seu objeto por excelência: *"pode até ser, afinal, que o ser sexual seja necessário à psicanálise para que se constitua sua coisa como sua própria"*³⁰. A pesquisa sobre a sexualidade, o "ser sexual", vai contemplar a teoria psicanalítica constituindo o seu próprio objeto.

Do início da sua obra até 1905, existe uma relação intrínseca entre o sexual e a patologia e mesmo depois disso o patológico continuou servindo de modelo conceptual para teorizar o normal. Nesses primeiros textos que se dedicaram a explicar o patológico, observamos uma teorização que dedica-se claramente a explicar o aparecimento precoce das vivências sexuais infantis de forma patológica. De acordo com Sulloway,

assim como o normal e o patológico são referências maiores da visão teórica de Freud, essa dicotomia não deve obliterar a unidade essencial dessa visão, nem, em particular, o fato de que, logicamente assim como historicamente, essas referências têm uma relação estreita. O que significa dizer que o patológico

mais facilmente legível, das virtudes e vícios da alma individual." Temos indícios que Freud também parte do patológico para decifrar os ensinamentos sobre o normal.

³⁰ P. L. ASSOUN, *Metapsicologia freudiana, uma introdução*. Op.cit., p. 97.

serviu a Freud, ao menos no início, de modelo conceptual principal para a sua teoria do normal ³¹.

A atividade de Freud em conhecer e delimitar o objeto da psicanálise aponta para essa espécie de metodologia, que ao nosso ver não se apresenta apenas no início da obra, de usar o patológico para descrever e caracterizar o normal.

Sulloway citando Jones e Kris³² afirma ainda que ambos reconheceram que essa certeza inarredável de Freud em estabelecer o papel “onipresente” da sexualidade³³ nas neuroses viria da ambição inicial do autor de transformar a psicologia numa disciplina da biologia ou mesmo da fisiologia. Porém, o fato de querer assegurar as bases biológicas da sexualidade não basta para explicar essa “onipresença” da sexualidade na teoria freudiana³⁴.

³¹ SULLOWAY, *Freud biologist d'esprit*, Paris: Fayard 1992, p. 10.

³² SULLOWAY, op.cit. p. 82.

³³ Na verdade, o estabelecimento da participação da sexualidade na etiologia da histeria é anterior à psicanálise (J. LAPLANCHE “la sexualité”, op.cit). Em Breuer, porém, essa descoberta ficou reprimida. Seria interessante acompanhar a descrição realizada por Sulloway a propósito da ruptura Freud e Breuer. O autor afirma que não foi o reconhecimento do papel da sexualidade na etiologia da histeria que provocou esse rompimento, mas a obstinação de Freud em colocá-lo como único determinante, em tentar provar o seu primado.

³⁴ Bases da física e da química na psicanálise freudiana foram amplamente pesquisadas por ASSOUN, em *Epistemologia freudiana*, Rio de Janeiro: Imago, 1983; e nos comentários

Contrariamente a Sulloway, Assoun tece comentários sobre como a Coisa se conjugou ao sexual. Para Assoun, Freud desnudou o que seus companheiros de pesquisas omitiam nos seus julgamentos sobre a histeria, mas que apareciam em comentários chistosos. Breuer, Charcot e Chorbak falavam inadvertidamente sobre o *"penis normalis, dosim, repetatur"*. Portanto, para Assoun: *"o que se repete de modo mais compulsivo é justamente aquilo que não pode ser dito, de modo efetivo, uma única vez."*³⁵ e logo definirá: *"a sexualidade é aquilo que vale a pena ser dito sobre a Coisa"*³⁶. Desta forma, comenta que Freud não foge à metafísica, uma vez que confunde a Coisa com o seu conteúdo, e seu erro consistia justamente, segundo o autor, em fazer da sexualidade a causa da neurose, quando ela era apenas seu tema. Mas a contribuição de Freud teria sido tornar o lugar da Coisa (uma verdade que não pode ser dita ou uma mentira que não pode ser sabida) um lugar de saber, mesmo em relação à Coisa genital: ela é evocada justamente quando não a dizem.

realizados por GABBI Jr. Na sua tradução do texto freudiano: Projeto para uma psicologia científica, Rio de Janeiro: Imago, 1995.

³⁵ P. L. ASSOUN, op.cit., p. 101.

³⁶ Idem, p. 105.

Já para Sulloway, Freud precisava encontrar um caráter universal para as suas descobertas e para a sua busca sobre a etiologia das neuroses. É essa sexualidade de caráter universal que Freud vai “fabricar” para tentar resolver suas inquietações, pois:

(...) a sexualidade fornecia a Freud a fonte constante onde achar a quantidade de afeto e de descarga ab-reativa que estimava necessária para constituir os componentes econômico e dinâmico de sua teoria da psicose³⁷.

Retomemos novamente Assoun, que discute o caráter do “não dito” a respeito da Coisa sexual, ele delega a Freud a responsabilidade de ter tornado esse tema um tema discursivo, fundador.

Tanto ter elevado à categoria de tema fundador, como ter claras intenções em universalizar suas descobertas, fez com que o tema da sexualidade se deixasse inserir pelo autor como um pivô nas suas explicações e validações teóricas até o final de seus escritos. E, como veremos, tal determinante não é operado por ele sem hesitações. Pelo

³⁷ SULLOWAY op.cit. p. 84.

contrário, podemos percorrer oscilações imprimidas por essa noção de sexualidade, especialmente sobre a sexualidade infantil.

Infância Inocente

Nos primeiros textos freudianos podemos perceber uma tensão nas suas concepções sobre a sexualidade infantil. A oscilação do pensamento de Freud em torno da sexualidade é de fato notória. No início, juntamente com a sexologia proposta pela época, ele compactua com a omissão da sexualidade infantil ou relaciona-a com a patologia, como comenta a passagem de Monzani³⁸ sobre os pensadores da época: *já que a finalidade da sexualidade é a reprodução, tudo aquilo que não atender a essa finalidade será relegado ao campo do negativo (sexualidade infantil e senil) ou do desvio (homossexualismo, perversão).*

Em 1895, no **Projeto**³⁹, a relação da sexualidade com a patologia é marcante: as histéricas têm uma predisposição sexual precoce hereditária, estimulada pela sedução de um adulto ou pela masturbação. No entanto,

³⁸ L. MONZANI, *Freud, movimento de um pensamento*. Campinas: Unicamp 1989, p. 29.

essas vivências só serão representadas como sexuais posteriormente, na puberdade. Mesmo que antes da puberdade não exista possibilidade de representação sexual, ainda assim a importância do **Projeto** de Freud em relação à sexualidade infantil destaca-se no modo como problematiza essa questão⁴⁰. Nesse momento, o aparecimento de temas relacionados ao sexual na infância como a masturbação, a sedução do adulto e a disposição para a liberação sexual precoce ainda estão diretamente associados à patologia:

Ora, a análise indica que a perturbação em um trauma sexual é evidentemente a liberação de afeto, e que a experiência leva-nos a conhecer os histéricos como pessoas de quem se sabe, em parte, que elas, através da excitação mecânica e de sentimentos (masturbação), tornaram-se sexualmente excitáveis precocemente, e de quem, em parte, pode-se supor

³⁹ S. FREUD (1895), *Projeto para uma Psicologia Científica*. trad. Osmyr Gabbi Jr Rio de Janeiro: Imago. 1995.

⁴⁰ Os comentadores de Freud concordam quanto ao fato de que “concepções de época” estavam presentes na teorização freudiana sobre o sexual. É o caso, por exemplo, da relação da sexualidade infantil com o negativo e a morbidez (tal como citado acima). Acreditamos, no entanto, que a discussão sobre a contribuição freudiana não deveria se voltar para o fato de ele ter sido ou não precursor de tais temas (sexualidade infantil e perversão), mas pelo que trouxe de novo através da forma como tratou esses temas e como os reuniu.

*que uma liberação sexual precoce esteja presente em sua disposição*⁴¹.

Retiramos das conclusões de Freud nesse texto de 1895 que existem dois fatores que concorrem para a formação de sintomas histéricos. O primeiro, de origem constitucional (disposição para uma liberação sexual precoce); e o segundo, de ordem contingente (masturbação e sedução do adulto). Porém, a ocorrência somente do segundo, sem a disposição⁴² incitada pelo primeiro, não seria condição suficiente para a histeria.

Interessa-nos investigar, em nossa pesquisa sobre as vicissitudes apresentadas por Freud na gênese da noção de sexualidade infantil, o que ocorre com essa liberação sexual precoce:

quando o atentado ocorreu, a liberação sexual não estabeleceu vínculos com o atentado enquanto sexual, porque não havia, devido à ausência da sexualidade antes da puberdade, como

⁴¹ S. FREUD . *Projeto...*op.cit.

⁴² A disposição é um termo que merece algum comentário, mesmo porque está diretamente ligado à dicotomia freudiana entre interno e externo na busca para etiologia das neuroses. Normalmente, o emprego da palavra disposição está relacionado ao caráter hereditário ou constitucional, o que muitas vezes provoca "inibições no desenvolvimento". Segundo Strachey Nota 1 do texto A disposição à neurose obsessiva, 1912, S. FREUD, Obras completas, col. Standard, Vol XII, Rio de Janeiro: Imago, 1969), em alguns textos posteriores da obra o termo foi usado também no sentido dos efeitos da experiência na infância.

*representar sexualmente a liberação sexual. A liberação sexual foi representada como estando ligada à fome e não à sexualidade.*⁴³

Se a vivência sexual existe antes da puberdade, ela não é reconhecida como tal, assim, a representação de objetos sexuais não se estabelece, e a falta de referência sexual na constituição da representação privará o pensamento de uma meta; porém a conclusão do autor em ligar imediatamente essa falta de representação à fome pode ser prematura. Parece-nos possível que ela fique à deriva, ou seja, sem representação, até a puberdade. De qualquer forma, o que nos interessa aqui é apontar a não ligação do sexual com representações ainda no período da infância.

Aqueles que se tornam excitáveis precocemente (ou seja, durante a infância) apresentam uma “disposição” a se tornarem histéricos. Portanto, existem consequências para o aparecimento da liberação sexual precoce,

⁴³ O GABBI, O Notas de comentários sobre o projeto para uma psicologia científica, em FREUD (1985) *Projeto para uma Psicologia científica*, Rio de Janeiro: Imago, 1995, Nota 334, p. 187.

pois, dada a incapacidade de representar a sexualidade na infância, ocorre um distúrbio do pensar e do julgar⁴⁴.

No caso Emma, apresentado no **Projeto**, fica claro por que a teoria vigente está centrada na “violação”. Emma sofre um *atentado* aos oito anos, quando um adulto lhe belisca os órgãos genitais por cima do vestido. Aos doze anos⁴⁵, quando entra numa loja sozinha, sente-se atraída sexualmente por um dos balconistas e, nesse instante, ela pensa que um deles está rindo do seu vestido, então foge correndo da loja. Seus sintomas começam a partir da segunda cena.

Fica claro, portanto, que o sintoma é concebido a partir da tese de que a recordação, na puberdade, tem caráter mais intenso do que a vivência anterior da cena. A representação da vivência inicial tem aqui seu destaque para a etiologia, a sensação da vivência cede terreno para sua representação. Na infância, não é possível viver a cena como sexual, uma vez que não existe representação para o sexual. Isso só poderá ocorrer na

⁴⁴ É o início da importância que Freud dará à ignorância do indivíduo. Freud estará todo o tempo a se perguntar por que o indivíduo ignora sua condição desejante.

⁴⁵ O espaço entre esses dois acontecimentos é relatado por J. LAPLANCHE (la sexualité op. cit), “como Freud vai explicar o fato de que essa cena (a dos oito anos) foi reprimida? O elemento essencial é que entre as duas cenas existe uma passagem, algo que faz com que, na realidade, elas tenham sido produzidas em, podemos assim dizer, dois universos de compreensão diferentes. Entre eles, continua o autor, existiu o momento fisiológico e

puberdade, quando vier a existir uma outra vivência que propicie, por associação, o reconhecimento da representação ocorrida na infância como sendo de ordem sexual.

No nosso entender, a impossibilidade de representar o sexual antes da puberdade se dá nesse momento porque sexual é sinônimo de genital e porque a genitalidade imprime um peso à exigência da reprodução da espécie, também ainda não viabilizada antes da puberdade. No exemplo, trazido por Freud na segunda parte do **Projeto**, dedicada a explicar a patologia, a sua personagem é inicialmente bulinada na região genital. O sintoma se forma a partir de um fracasso na capacidade de o indivíduo representar o sexual antes da puberdade, somente quando são posteriormente suscitadas é que essas representações adquirem um caráter sexual e, assim, provocam os sintomas. Eis a razão pela qual, nesse momento da teorização, a representação da sexualidade ter caráter especial na formação de sintomas: o fato de não poder ser pensada na infância.

Afirmar que o texto do **Projeto** já representa o interesse de Freud em desvendar as relações entre a patologia e a normalidade, através do estudo

psicológico da puberdade”. P.1117. Na leitura de J. LAPLANCHE, o trauma fica localizado entre as duas cenas, nem em uma nem em outra.

das patologias e as suas relações com a sexualidade, só reforça a nossa tese de que aí estão os germes, não só da dimensão lógica da sua construção teórica, quanto aponta para um recurso metodológico: apropriar-se da aproximação entre patologia e sexualidade na construção do seu campo teórico.

No **Projeto**, nota-se que Freud ainda está claramente marcado pela concepção de sexualidade vigente em sua época: a sexualidade tem pré-disposição interna (liberação sexual precoce), genital (masturbação ou estimulação por algum adulto) e só está presente na infância no caso dos neuróticos. Conseqüentemente, sua indagação a propósito da infância é permeada por esta proposição: a sexualidade é genital e seu aparecimento na criança é patológico.

Dissertar sobre a etiologia das neuroses levaria Freud, em alguns momentos, a se distanciar e, em outros, a se aproximar de alguns pensadores contemporâneos. Distancia-se ao retirar a hereditariedade do centro das suas explicações, uma vez que para ele a hereditariedade poderia compor o quadro explicativo da origem das neuroses, embora em papel secundário:

*o que confere caráter distintivo em minha linha de abordagem é que eu elevo essas inferências sexuais ao nível de causas específicas, reconheço sua atuação em todos os casos de neuroses e, finalmente, traço um paralelismo regular, uma prova da relação etiológica especial entre a natureza da influência sexual e a espécie patológica da neurose. [...] direi finalmente, que a patogênese da neurastenia e da neurose de angústia podem finalmente ocorrer sem a cooperação de uma disposição hereditária*⁴⁶

Por outro lado, nesse momento, aproxima-se de seus contemporâneos quando interpreta sexual como genital. Quando se refere à neurastenia e à neurose de angústia, podemos citar claramente: a primeira deve-se à fraqueza sexual com etiologia fornecida pela masturbação moderada; enquanto a segunda aparece *“como efeito específico de várias perturbações da vida sexual...abstinência forçada, excitação sexual não consumada, coito interrompido*⁴⁷”. Quanto às psiconeuroses, também encontramos a genitalidade como sinônimo de sexual:

⁴⁶ S. FREUD (1896), *“A hereditariedade e a etiologia das neuroses”*, Obras Completas, coleção Standard, Rio de Janeiro: Imago, vol. III, 1969. p. 172 e 173.

⁴⁷ idem, p. 173.

*O evento do qual o sujeito reteve uma lembrança inconsciente é uma experiência precoce de relações sexuais com uma real excitação dos genitais, resultante de abuso sexual cometido por outra pessoa, e o período de vida no qual ocorre este fatal evento é a infância, até a idade de oito a dez anos, antes que a criança atinja a maturidade sexual.*⁴⁸

No **manuscrito K⁴⁹**, a hereditariedade perde terreno na etiologia das neuroses e, na busca de solução para a origem precoce do desprazer, um fator externo aparece: a moralidade. A moralidade e a vergonha são forças repressoras. O autor então desliza com todo o vigor para a teoria da sedução (**carta de 30 de maio e carta 52⁵⁰**). Trata-se da sedução paterna e, sendo o pai um “sedutor perverso”, a vivência da cena toma uma roupagem importante na etiologia.

O autor não abandona nenhum dos fatores antigos na busca da etiologia da patologia, mas agora o pano de frente será a sedução paterna. A importância a ser marcada aqui é que a existência de um aspecto

⁴⁸ idem. p. 174.

⁴⁹ S. FREUD, Anexo da carta de 1 de janeiro de 1896. A Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess. Rio de Janeiro: Imago, Organizadas por J. M. MASSON. 1986.

determinante para a etiologia, em primeiro plano, não exclui os outros aspectos e essa oscilação vai acontecer ao longo de sua correspondência com Fliess⁵⁰. O esquema da teoria da sedução continua sendo o mesmo, porém não é somente o pai o possível responsável pela sedução, mas também a mãe, a babá ou até mesmo o irmão. Já há um indício de enfraquecimento da etiologia exclusivamente paterna. A hereditariedade passa a ser a árvore genealógica das seduições paternas ou familiares.

A infância só acordará definitivamente da sua inocência, no bojo da obra publicada, a partir do texto **Três Ensaios sobre a Sexualidade**⁵², no qual ficará estabelecida a sistematização e a caracterização da sexualidade infantil como um evento cotidiano, expressando-se através de vários acontecimentos da vida infantil como, por exemplo, o “chupar o dedo”. Acreditamos que o despertar da infância do campo da inocência tornou-se possível para a teoria devido a dois fatores determinantes: 1- descoberta da existência da representação sexual já no período da infância, 2- a polimorfia perversa. Portanto, a construção das zonas erógenas (expressão corpórea

⁵⁰ S. FREUD. Cartas de 6 de dezembro de 1896 e de 30 de maio de 1896, respectivamente. “correspondência...” op.cit..

⁵¹ A este respeito, em relação à obra freudiana, L. MONZANI, *Freud, movimento de um pensamento*, op. cit. relata: “O que assistimos foi a um complexo movimento no qual, a bem dizer, nada foi abandonado, mas sim redefinido, repensado, retificado.” p. 54.

da polimorfia perversa, obtenção do prazer na parcialidade do objeto) será fundamental para esse desenvolvimento, como veremos adiante. São esses os dois aspectos que serão constituídos por Freud a partir dos **Três ensaios** e do texto **Uma criança é espancada**. Vejamos agora a construção de seu campo.

A Construção das Zonas Erógenas

Uma noção incipiente de zonas erógenas já aparece esboçada na **carta 52**⁵², quando Freud admite a possibilidade de que o irmão de sua paciente tinha como atividade sexual o beijar (lamber) os pés das irmãs quando elas se despiam à noite, e a associação da paciente permitiu que ela lembrasse, por outro lado, de que seu pai beijava, durante a noite, os pés da ama-de-leite. Decididamente, a sensação de prazer pode estar em outra parte do corpo que não a genital. Essa carta mostra, pela primeira vez, uma referência à noção de zonas erógenas:

⁵² S. FREUD "*Tres Ensayos...*" op.cit.

⁵³ S. FREUD, "*Correspondência...*" op.cit.

*... por conseguinte a histeria não é a sexualidade repudiada , mas sim a perversão repudiada (perversão que vinha por parte do sedutor). [...] Além do mais, por trás disso está a idéia das zonas erógenas abandonadas. Em outras palavras, durante a infância, a liberação sexual parece ser obtida a partir de inúmeras partes do corpo, as quais, em épocas posteriores, só conseguem liberar a substância da angústia de 28 dias e não as outras.*⁵⁴

As perversões deixam de ser explicadas pelo abandono tardio dessas zonas e passam a ser o efeito das sensações erógenas que só-depois manteriam sua força. Por exemplo: tem-se uma perversão quando predominam o olfato, a urina, as fezes e o sangue, com efeito sexualmente excitante⁵⁵, apresentando a possibilidade de erotização fora da esfera genital⁵⁶. As zonas erógenas estão, portanto, em princípio, a serviço da explicação das perversões. Existe, desde o início da obra de Freud, uma

⁵⁴ Idem, carta 6 de dezembro de 1986, carta 52. p. 213.

⁵⁵ Outra relação encontrada nesse momento é entre repressão e perversão. A repressão é exercida quando ocorre uma barreira na passagem de uma zona erógena para outra, oral para anal, por exemplo, pois se o prazer leva à compulsão, é preciso transformá-lo em desprazer e, para isso, é necessária a entrada da moralidade. A repressão servindo a tais propósitos ocorre para transformar uma fonte de prazer interna em fonte de repulsa interna. Se moralidade entra em jogo na construção da teoria para esclarecer o problema da repressão, como passar de prazer para desprazer? Como irá ocorrer o abandono das zonas sexuais não genitais? O. GABBI, em *Freud racionalidade sentido e referência*, Campinas:

íntima relação entre zonas erógenas e perversão, o que abre caminhos para a relação entre perversão e sexualidade infantil.

A **carta de 14 de novembro** de 1897 deixa claro que a liberação sexual é promovida pela estimulação periférica dos órgãos genitais, das idéias ou dos traços mnêmicos, por ação retardada. Complementa Freud: "*a lembrança fede tanto quanto os objeto*"⁵⁷. Duas consequências podem-se extrair disso: que a liberação sexual na infância não é tão localizável quanto será mais tarde na vida adulta, e que a liberação não genital tem o poder de provocar algo que é análogo à liberação sexual. Essas duas consequências serão reveladoras para a caracterização da sexualidade infantil. Portanto, podemos dizer que as primeiras relações entre a perversão e a sexualidade infantil são dadas pela noção de zonas erógenas, e a possibilidade de representar esse prazer parcial corpóreo vai se dar inicialmente a partir da noção de fantasia.

Unicamp ed., 1984, afirma que o estudo da repressão do prazer levou a um interesse pela perversão e a uma modificação no aparelho psíquico.

⁵⁶ S. FREUD *Correspondências a Fliess*, carta de 11 de janeiro 1897, op.cit.

⁵⁷ Idem

Fantasia

É preciso esclarecer que, nesse momento, outra importante noção já estava sendo elaborada: a noção de fantasia. A **carta de 21 de setembro de 1897** - comumente adotada como marco para a queda da etiologia paterna da teoria da sedução, devido à famosa frase: "*não acredito mais em minha neurótica*⁵⁸", deve ser compreendida, segundo Monzani⁵⁹, muito mais como um desabafo do autor do que como uma grande e repentina ruptura. Acreditamos, no entanto, que a construção da noção de fantasia, iniciada em meados de abril, portanto quase seis meses antes, isto sim, foi um novo elemento para a teoria, que re-arruma as relações entre o interno e externo, como foi citado acima. Todavia, a partir dessa re-arrumação, a exclusividade da etiologia paterna fica abalada. Posteriormente, Freud relata que além da mãe, do irmão, ou mesmo da babá, o próprio paciente também pode construir uma fantasia de sedução.

⁵⁸ Idem, p. 265.

⁵⁹ L. MONZANI, op.cit. da p. 27 a p. 55.

Não existe um abandono brusco da teoria da sedução paterna, é ilusão pensar que após essa carta a psicanálise teve uma grande mudança em seu campo teórico, pois, em cartas posteriores como a de **27 de abril de 1898**, Freud vai afirmar: *“duvido que o pai seja inocente também neste caso”*; ou como em **12 de dezembro** do mesmo ano: *“minha confiança na etiologia paterna aumentou enormemente”*. O que de certa forma também prova que, para Freud, a fantasia não exclui a teoria da sedução paterna ⁶⁰.

A fantasia é, ao mesmo tempo, uma forma de defesa contra as lembranças e um modo de remontar a elas. São formadas por fragmentos de coisas ouvidas na infância (mais tarde, na obra de Freud, as vivências também compõem as fantasias). A fantasia parece tentar um equilíbrio na distinção, para a etiologia, entre fatores internos e externos, pois é a partir de algum acontecimento ocorrido na infância que ela posteriormente irá se formar, mesmo que se constitua como uma distorção da realidade vivida. Um elemento importante nessa construção é que os fragmentos de “coisas ouvidas” podem não ter necessariamente correspondência com o ocorrido, ou melhor, na sua prática, Freud não terá mais como objetivo chegar a uma

⁶⁰ S. FREUD, “Correspondências...” op. cit., p. 312.

cena original em que esta corresponda a um fato vivido pelo paciente. A importância teórica da noção de fantasia é a admissão de que o desejado e o ocorrido podem ter o mesmo peso na etiologia.

A tese da fantasia poderia também impedir Freud de pensar a sexualidade infantil. Essa relação entre fantasia e sexualidade infantil necessita ser elaborada pela teoria, o que ocorrerá paulatinamente. Afinal, a questão que a fantasia interroga na teoria é: existe sexualidade infantil e esta produz fantasias, ou sexualidade infantil não existe e é a fantasia do adulto que constrói uma sexualidade na infância, ocorrendo como se fosse lembrança da adolescência?

É diante desses questionamentos que se encontra aí já referida a oscilação de Freud. Qual é o primeiro traço em que se organiza o aparelho psíquico: a sensação ou a lembrança, ou melhor, a sensação ou a representação?

Em **Lembranças Encobridoras**⁶¹, texto de 1899, Freud se refere a um tipo de lembrança da infância que é uma construção posterior sobre

⁶¹ S. FREUD, (1899), "*Lembranças encobridoras*", Obras completas, col. Standard, Rio de Janeiro: Imago, vol. III, 1969.

algumas cenas infantis com o propósito de reprimir fatores importantes da vida do indivíduo.

Entre tratar-se de uma recordação de uma cena autêntica (*"Estou pronto a concordar com o senhor que a cena é autêntica"*), ou de uma construção inconsciente (*"quase como trabalho de ficção"*⁶²) define o autor:

toda fantasia dessa espécie suprimida tende a deslizar para uma cena infantil. Mas suponha agora que isso não pode ocorrer a não ser que haja um traço de memória cujo conteúdo oferece um ponto de contato à fantasia – como se andasse meio caminho para encontrá-la. ⁶³

Desta forma, o autor realiza uma formação de compromisso: nem "totalmente ficção" e nem "totalmente autêntico". Acreditamos que aqui se delineiam os traços iniciais das relações entre a fantasia e o infantil, que perseguiremos até o texto **Uma criança é espancada**, e dada a afirmação: "toda fantasia dessa suprimida tende a deslizar para uma cena infantil", marca-se em Freud a necessidade de encontrar um ponto de apoio entre

⁶² Idem, p. 349.

⁶³ Idem, p. 346 e 349.

fantasia e os conteúdos dos traços de memória. Observem como o autor apresenta essa relação já no texto de 1899:

*Nossas lembranças infantis mostram-nos nossos primeiros anos, não como eles foram, mas como nos apareceram nos períodos posteriores em que lembranças infantis, como nos acostumamos a dizer, não emergiam, elas foram formuladas nessa época. E inúmeros motivos, sem nenhuma referência à precisão histórica, participam de sua formação, assim como da seleção das próprias lembranças.*⁶⁴

A fantasia, portanto, pode remeter tanto à noção de sexualidade infantil como pode servir para encobri-la; deste modo, a noção de fantasia, apesar de aparecer desde os primórdios da teoria, ainda encontra vários entraves para a elaboração da sua participação na etiologia das neuroses. Serão necessários ainda uns bons anos de elaboração teórica da psicanálise para que ela encontre um lugar na formalização dos conceitos. A fantasia surge para explicar inicialmente os fenômenos de amnésia e de defesas, justificando as lembranças da vida de um indivíduo, isso sem admitir necessariamente a noção de sexualidade infantil, pois, se a fantasia é uma

construção presente sobre o passado, ela pode "afastar" a ocorrência ou a anterioridade da sexualidade infantil.

A inicial definição de fantasia, como "fragmento" de coisas ouvidas na infância, será fundamental para a possibilitar a construção de representantes psíquicos desses prazeres parciais, favorecendo a representação do sexual no período da infância, o que antes disso era impossível. Portanto a fragmentação implícita à noção de fantasia, também ajudará nas relações entre fantasia e zonas erógenas, que já se encontrava acionada em relação à noção de perversão.

Sobre as Perversões

Sabemos que o conceito de polimorfia perversa não define uma perversão. A mudança realizada por Freud sobre a noção de perversão, certamente permitiu tornar a perversão um paradigma descritivo para a construção da noção de sexualidade infantil. Não podemos ainda tornar irrelevante o fato de que foi a reformulação da noção de perversão que permitiu uma teorização sobre a sexualidade infantil. Torna-se necessário,

⁶⁴ Idem, p. 354.

então, perseguir algumas passagens a propósito dos sentidos que a perversão passa a ter em Freud nesse início de construção do campo psicanalítico.

Na **carta 52**⁶⁵, Freud ensaia uma oposição inicial entre neurose e perversão. A primeira, uma psiconeurose sexual, consistiria em uma atualização de eventos sexuais ocorridos numa etapa anterior⁶⁶: *“O que determina a defesa patológica (repressão), portanto, é a natureza sexual do evento e a sua ocorrência numa fase anterior.”*⁶⁷

A segunda patologia, a perversão, estaria localizada como uma *“outra consequência”* das experiências sexuais prematuras. A diferença consistiria na instauração da defesa que, no caso da perversão, ou teria ocorrido numa etapa muito anterior à constituição do aparelho psíquico, ou nunca teria sido

⁶⁵ S. FREUD, “Correspondências....” op.cit..

⁶⁶ Idem, Carta 52: “Ora, a experiência clínica nos evidencia três grupos de psiconeuroses sexuais — histeria, neurose obsessiva e paranóia; e nos ensina que as lembranças recalcadas referem-se àquilo que era atual, no caso da histeria, entre as idades de 1 1/2 e 4 anos; no caso da neurose obsessiva, entre os 4 e os 8 anos; e, no caso da paranóia, entre os 8 e os 14 anos.”

⁶⁷ Idem, p. 210.

realizada. A perversão participa do quadro⁶⁸ nosográfico para explicar o que acontece quando a vivência sexual ocorre antes dos quatro anos, uma vez que Freud acredita que antes de tal idade não existe repressão.

Continua o autor:

*o que falta é explicar por que as experiências sexuais, que, na época em que eram atuais, geraram prazer, passam, quando são lembradas numa fase diferente, a gerar desprazer em algumas pessoas e, em outras, a persistir como compulsão. No primeiro caso, é evidente que elas devem estar liberando, numa época posterior, um desprazer que não foi liberado de início.*⁶⁹

	Wz	Wz + Ub	Wz + Ub + Vb	Idem
	até 4 anos	até 8 anos	até 14-15 anos	
Histeria	atual	compulsão	recalcado em Wz	
Neur. obs.		atual	recalcado nas indicações de Ub	
Paranóia			atual	reprimido nas indicações de Vb
Perversão	atual	atual	compulsão (atual)	recalcamento impossível ou não tentado

68

⁶⁹ S. FREUD, "Correspondência..." op.cit. p.

Mas Freud não se encontra ainda convencido. Precisa saber mais sobre a explicação dessas derivações nas diferentes épocas psicológicas e sexuais.

De início, Freud vai se apoiar na tese fliessiana da bissexualidade dos seres humanos como razão para a existência de dois resultados, neurose e perversão, para a vivência sexual prematura: no masculino, o excesso de liberação causa prazer, gerando a perversão; no feminino, pelo contrário, há uma liberação de desprazer, ocasionando as neuropsicoses de defesas.

O deslizamento para provar as teses de Fliess sobre a bissexualidade dos seres humanos é encontrado em vários momentos das cartas. Durante esses primeiros anos de elaboração teórica, havia como Anzieu denominou: *"um desejo fantasmático de fusão"*⁷⁰ entre as teorias de Freud e de Fliess.

Esse encontro entre Freud e Fliess não será passageiro e trará consequências para as teorizações psicanalíticas⁷¹. Segundo Porge, ao escrever sobre o problema do plágio entre ambos os autores, já que Freud considerava a psicanálise como uma ciência da natureza, não era de

⁷⁰ D. ANZIEU, *L' Auto-analyse de Freud et la découverte de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1959.

⁷¹ As trocas teóricas entre Freud e Fliess foram já objeto de estudo de vários comentadores, o que demonstra sua relevância. Destacamos dentre eles: Anzieu, Porge, Sulloway,

surpreender que ele estivesse persuadido a “encontrar em Fliess um representante qualificado da biologia do sexual, um verdadeiro fundador neste domínio, a ponto de saudar neste, o ‘ Kepler da biologia’ ”⁷². Mesmo que, continua o autor, no decorrer da obra freudiana, o desenvolvimento dado por Freud à noção de bissexualidade tenha sido distinto da concepção fliessiana, Freud nunca deixou de pensar em Fliess a cada vez que abordou a questão.

Portanto, inicialmente, a explicação para a diferença entre neurose e perversão será dada através da teoria da bissexualidade de Fliess.

Estou tentando introduzir a idéia de que há uma substância masculina de 23 dias cuja liberação produz prazer em ambos os sexos, e uma substância de 28 dias cuja liberação é experimentada como desprazer. (...) Num ser puramente masculino, haveria um excesso de descarga masculina também nas duas fronteiras sexuais - isto é, haveria geração de prazer e, por conseguinte, perversão; em seres puramente femininos,

Rodrigué. A influência de Fliess nas teorizações freudianas não se restringe à questão da bissexualidade, citamos: as noções de periodicidade, polimorfia e latência.

⁷² E. PORGE, *Roubo de idéias* ? Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

*haveria nessas ocasiões um excesso de substância desprazerosa.*⁷³

Além de querer comprovar as teses de Fliess sobre a bissexualidade, nesse parágrafo Freud está construindo duas séries: 1) prazer, perversão e masculino; 2) desprazer, neurose e feminino. Como até aos quatro primeiros anos de vida existe a possibilidade da ocorrência das duas séries, ambas as saídas, tanto para a perversão quanto para a neurose, são possíveis. O tipo de defesa tem papel preponderante nessa escolha. É interessante observar como, desde os primórdios da sua teorização sobre a perversão, Freud aposta numa espécie de “defesa diferente” em relação à neurose. O que não deixa de impor uma questão a mais sobre a natureza do desejo e da repressão, formulada por Gabbi⁷⁴ ao indagar-se sobre qual o fator determinante de uma vivência sexual que conduz a uma neurose ou a uma perversão.

⁷³ S. FREUD, “Correspondências ...” op.cit.. Acompanhamos desde o início essa tentativa de Freud em apoiar a bissexualidade, o que o leva a formular, ainda nos três ensaios: “*Para explicar por que o efeito da vivência sexual prematura é , ora perversão, ora neurose, valho-me da bissexualidade de todos os seres humanos*”. p. 213.

⁷⁴ GABBI, *Freud racionalidade e referência...* Op.cit.

Já na **carta de 14 de novembro de 1897**⁷⁵, Freud aponta uma grande novidade: a possibilidade de a neurose masculina se dever ao fato de as vivências infantis afetarem, por ação retardada, também as outras duas zonas sexuais (oral e anal), além da genital, estimulada normalmente pela masturbação. *A genitalidade não leva à neurose*, esta é a grande tese da carta. Quando, por ação retardada, a memória se depara com uma vivência ligada à genitalidade, o que se produz é libido:

*E agora quanto às neuroses! As vivências infantis que afetam apenas os órgãos genitais nunca produzem neurose nos homens (e nem nas mulheres masculinas), mas tão-somente compulsão à masturbação e libido. Contudo, uma vez que, em regra geral, as vivências da infância afetam também as duas outras zonas sexuais, permanece em aberto também para os homens a possibilidade de que a libido, ao ser despertada por ação retardada, leve à repressão e à neurose*⁷⁶.

Como se pode observar, a busca incessante de Freud em relação à descoberta da etiologia da neurose desperta relações entre conceitos que são fundamentais, tal arrumação encontra-se subsidiada, nessa espécie de

⁷⁵ S. FREUD. "Correspondências..." Op.cit.

estratégia do autor em tomar a patologia como paradigma para o normal. É nessa direção que essa carta deve ser considerada uma virada para a teoria: a indicação de que é a sexualidade perversa que gera neurose, e não mais a sexualidade genital. Aqui podemos abrir outra possibilidade para conhecer os motivos que levaram Freud a escolher a perversão como paradigma descritivo para sexualidade infantil: se a descoberta da etiologia das neuroses estava na infância, e se era a sexualidade perversa que gerava a neurose e não a genital, logo, uma sexualidade descritivamente perversa e o período da infância como origem das neuroses se encontrariam. Notem que está marcada, portanto, desde a correspondência com Fliess, dada a rearrumação na diferença entre o normal e o patológico, a tentativa freudiana de eleger a perversão como paradigma: o homem não é natural, é perverso.

Devemos descrever, portanto, a tentativa freudiana de estabelecer uma distinção que vai se delineando nesses textos iniciais: perversão como patologia, compondo um quadro nosográfico, e a perversão como constitutiva das neuroses, a partir da sexualidade infantil. O ponto inicial é o que vimos acima descrito na carta de **14 de novembro de 1897**, em que a perversão começa a se tornar "o negativo da neurose".

⁷⁶ Idem, p. 281.

Precisamos aprender a falar sem indignação sobre o que chamamos de perversões sexuais — essas transgressões da função sexual tanto na esfera do corpo quanto na do objeto sexual. As perversões não são bestialidades nem degenerações no sentido patético dessas palavras. São o desenvolvimento de germes contidos, em sua totalidade, na disposição sexual indiferenciada da criança, e cuja supressão ou re-direcionamento para objetivos assexuais mais elevados — sua “sublimação” — destina-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais.⁷⁷

Ao oferecer sua explicação sobre o que seria a perversão, nesse mesmo texto, Freud a concebe como uma inibição no desenvolvimento libidinal normal. Em termos de fantasia, o neurótico se iguala ao comportamento do perverso. Comentando o caso Dora Freud afirma:

As psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões. Portanto, não surpreende que nossa histérica de quase dezenove anos soubesse da existência desse tipo de relação sexual (sucção do órgão masculino), criasse uma

⁷⁷ S. FREUD (1901), “Fragmento de um caso de histeria” Obras completas, Col Standard, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1969. p.47.

fantasia inconsciente dessa natureza e a expressasse através da sensação de cócegas na garganta e da tosse.

Explica o autor ainda sobre o caso Dora: *"É que, no caso dela, um fato digno de nota proporcionava a precondição somática para tal criação independente de uma fantasia que coincide com a prática dos perversos"*⁷⁸.

Nesse fragmento sobre o caso Dora, Freud ensaia uma relação entre a fantasia e a sensação: a sensação de cócegas na garganta e a tosse são a expressão de uma fantasia inconsciente. Existe, já nesse início da obra, uma tentativa de conexão entre a sensação da vivência e a representação. Mas observamos que, ao ressaltar a lembrança como fator na disposição para a fantasia, Freud se afasta da noção de sensação da vivência.

Nesse caso, por exemplo, a paciente de Freud tinha sido em sua infância, como denomina o autor, uma "chupadora de dedos". Essa lembrança justificava uma predisposição fantasiosa que se distingue de uma prática perversa. O que nos interessa aqui é, sobretudo, a famosa frase de Freud: *"As psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões"*⁷⁹.

⁷⁸ Idem, p. 49.

⁷⁹ Idem, p. 48.

Encontra-se aqui um primeiro eixo da perversão: o de ser constitutivo de uma normalidade:

*Em nenhuma pessoa sã faltará algum complemento da meta sexual normal que poderia ser chamado de perverso, e esta universalidade basta por si só para mostrar o quão inadequado é usar reprovatoriamente o nome de perversão*⁸⁰.

Um segundo eixo da perversão é definido como uma patologia, constituinte, inclusive, de um quadro nosográfico, no qual já existem três grupos de psiconeuroses: histeria, neurose obsessiva e paranóia. É nesse mesmo quadro, como falamos acima, aparece pela primeira vez a perversão: *“outra consequência das vivências sexuais prematuras é a perversão”*⁸¹.

Mesmo existindo, já nos textos iniciais de Freud, essa apresentação bifurcada da perversão (perversão patológica e perversão constitutiva), a relação que existe entre a noção de perversão e sexualidade infantil não ultrapassa os limites do aspecto descritivo, tanto no que tange à não realização da meta da reprodução, quanto à não subordinação das pulsões a

⁸⁰ S. FREUD, “*Tres Ensayos...*” op. cit. p.146.

⁸¹ S. FREUD, “*correspondência...*” op. cit. p.211.

uma organização privilegiadamente genital. Alguns autores deixam claro seu posicionamento quando se referem aos **Três Ensaios sobre a Sexualidade**.

Valas, por exemplo, afirma que:

*A disposição perversa polimorfa da sexualidade infantil não deve ser confundida com a perversão no adulto, mesmo que esta seja o potencial para esta última, assim como para toda organização sexual no adulto*⁸².

O que tem que ficar claro no presente texto é que, subsidiando a aparente discussão sobre a perversão no adulto (impedimento da meta sexual genital quando a genitalidade já pode ser apresentada como meta) e a condição perversa da criança (distribuição de prazer sexual em zonas corpóreas sem a exigência de uma convergência numa meta sexual genital), quais ordens de questões se delimitam em função da aproximação entre perversão e sexualidade infantil.

Não é o caso de apenas as perversões, isoladamente, terem nos obrigado a realizar a modificação no conceito de

⁸² P. VALAS, *Freud e a perversão*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 34.

*sexualidade que levantou tantas objeções contra nós. O estudo da sexualidade infantil teve muito mais influência sobre esse fato, e foi o concurso desses dois fatores que se tornou decisivo para nós.*⁸³

O próprio Freud reconhece o fator decisivo da sua contribuição aos estudos, tanto da sexualidade infantil quanto da perversão: o *concurso desses dois fatores*. Portanto, não poderemos perder de vista a perspectiva de que ambos os fatores observados apenas *isoladamente* não oferecem uma mudança significativa para essas noções, implicando à construção da noção de “natureza infantil” a importância de considerar o “*concurso desses dois fatores*”.

Não é difícil constatar que a relação entre perversão e sexualidade infantil permitiu à psicanálise restabelecer uma articulação particular entre normalidade e patologia⁸⁴. A despeito de ser considerada uma patologia, a perversão, nesses primeiros textos freudianos, já alcança uma inscrição diferenciada: “o homem não é natural, é perverso”, portanto essa alteração

⁸³ S. FREUD, (1916). “Conferência XXI”, Obras completas, Col. Standard, vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1969. P.

⁸⁴ A patologia, especificamente aqui a perversão, é definida ainda nesse momento como transgressões da função sexual tanto na esfera do corpo quanto do objeto. Idem: “Fragmento de um caso de histeria”.

faz, com o que se restringia ao campo apenas do desvio e do negativo, componha a definição de sexualidade normal. O escopo da mudança não se restringe apenas ao aspecto quantitativo, mas sobretudo ao aspecto qualitativo da visão do ser humano e do que lhe constitui. Tomemos a seguinte indagação: em que medida essa re-arrumação entre o normal e o patológico, constituído a partir da aproximação entre sexualidade infantil e perversão, constrói uma concepção de natureza infantil extremamente particular e característica da psicanálise?

Suspeitamos, na ordem das questões fundamentais para a construção de uma teoria, de aspectos metodológicos inerentes à essa formulação: Monzani refere-se a tal modalidade de construção teórica através de uma metáfora: a do pêndulo e da espiral. Enfatiza o autor:

*A primeira imagem que nos ocorre é a de um pensamento que avança por oscilações, ora enfatizando um aspecto, ora o seu contrário, que, porém, a longo prazo, acaba por integrar esses diferentes pólos.*⁸⁵

⁸⁵ L. MONZANI. *Freud, movimento de um pensamento*, op.cit., p. 301.

Esse seria o lado pendular, ora enfatiza um lado, ora o seu oposto. O movimento *espiralado* é a condição de se retomar a mesma questão, depois de “adormecida”, mas em outro nível que não é mais aquele tomado anteriormente.

Ao perseguir a lógica do movimento que propicia condições para tais articulações, assistimos primeiro a uma aproximação entre o patológico e a sexualidade normal. Daí Freud faz nascer a necessidade de aproximar as origens da neurose e perversão, criando assim as condições necessárias para tomar a perversão como paradigma descritivo da sexualidade normal e mais tarde, como veremos neste texto, para discriminar com precisão a caracterização da sexualidade infantil a partir da noção (já modificada) da perversão.

Daí as primeiras relações entre as noções de sexualidade infantil e perversões são oferecidas, na delimitação do campo analítico, pela construção das categorias de zonas erógenas e fantasia. No primeiro caso, das zonas erógenas (possibilidade de prazer fora da esfera genital), uma aproximação inicial e possível entre perversão e sexualidade infantil se faz aí: trata-se da insubordinação dessas zonas de prazer a um primado genital. No segundo caso, o da fantasia (fragmentos de coisas ouvidas na infância),

a aproximação possível entre perversão e sexualidade infantil gerou, dada a possibilidade de representações de coisas fragmentadas, indicação de se poder representar o prazer parcial (das zonas erógenas e o prazer na perversão).

Após esse mapeamento inicial entre essas quatro noções (perversão, sexualidade, zonas erógenas, fantasia) que se articulam desde os primeiros textos de Freud, interessa-nos chegarmos às suas conseqüências em relação à noção de natureza infantil que acreditamos relacionada aos textos: **Três ensaios sobre a sexualidade e Uma criança é espancada**, no privilégio oferecido pelo primeiro às zonas erógenas, e sobre o destaque favorecido pelo segundo à noção de fantasia.

Em suma, no período de 1895 a 1905, que chamamos de mapeamento do campo, Freud, mesmo que já aponte “os germes” para a caracterização de uma sexualidade infantil, ainda toma, em sua obra publicada, a sexualidade como sinônimo de genitalidade, posição ainda compartilhada com os sexólogos da época. Conseqüentemente, durante esses primeiros anos, o aparecimento de manifestações sexuais na infância é patológico. Assistimos ainda no debate sobre a etiologia das neuroses, uma distinção clara entre hereditariedade e disposição e, por outro lado, masturbação e

violação do adulto. No próximo capítulo, seguiremos de perto o movimento de transformação desses pressupostos à medida que a teoria avança. Nesse percurso também o campo sobre a natureza infantil vai sendo delineado, e é somente *só-depois* que, entre ambivalências e oscilações, tais transformações serão reconhecidas.

CAPÍTULO SEGUNDO: ENTRE DOIS TEXTOS E DOIS TEMPOS

No capítulo anterior vimos como Freud foi mapeando o campo psicanalítico com conceitos fundamentais de onde assistimos as primeiras aproximações entre perversão e sexualidade, complementada pelas noções de zonas erógenas e fantasia. Esse segundo capítulo se dedica a apontar momentos principais dessas aproximações entre a perversão e a sexualidade infantil, a partir de dois textos fundamentais para o nosso estudo: **Três ensaios sobre a sexualidade**⁸⁶ e **Uma criança é espancada**⁸⁷. São textos fundamentais porque neles se encontram explícitas as lógicas inerentes à aproximação entre perversão e sexualidade infantil, escoando daí as relações que o autor dedica à construção da noção de uma natureza infantil. No primeiro deles, **Três ensaios**, observamos um privilégio na sua literalidade: a essa aproximação (perversão e sexualidade infantil) faz destacar explicitamente uma geografia dos prazeres para o corpo. No segundo texto, **Uma criança é espancada**, no mesmo rastro de uma aproximação entre as noções de perversão e sexualidade infantil, será

⁸⁶ S. FREUD *"Tres ensayos para una teoria sexual"*. Buenos Aires: Amorroutu vol.VII, 1974.

⁸⁷ S. FREUD *"Pegan a un niño"*. Buenos Aires: Amorroutu, 1974.

recortada a inclusão da noção de fantasia infantil ao arcabouço da sexualidade. Em ambos os textos, trata-se dessa aproximação necessária à delimitação do campo teórico psicanalítico, dado que após as primeiras aproximações conceituais Freud cumpre a tarefa de tomar de bases conhecidas⁸⁸ suas primeiras articulações, agora a tônica será a re-arrumação dessas noções familiares ao campo psicanalítico propriamente dito. A despeito de poder ser considerado haver uma operação de redução entre conceitos de outras disciplinas, acreditamos que ele realiza aí uma verdadeira reviravolta dos conceitos.

Examinaremos cada um dos **Três ensaios** separadamente para termos, não só uma noção do desenvolvimento dado pelo autor aos temas, como à lógica respeitada pelo autor, nos momentos relativos, por exemplo, a implosão da noção de perversão pelo desligamento das supostas relações endógenas entre pulsão e objeto, o aproveitamento do campo descritivo da perversão para a sexualidade infantil, e as oscilações constituintes entre vivências sexuais infantis e vida sexual do adulto.

⁸⁸ " A explicação científica não visa criar familiaridade com os fenômenos conhecidos da natureza (...) mas se essa concepção puder ser dada numa conceitualização que revele analogias com o familiar, tão melhor. HEMPEL, *Filosofia da Ciência natural*, Rio de Janeiro: ed. Zahar, 1974, p. 112.

Já no texto **Uma criança é espancada**, apontamos que o uso da perversão como paradigma descritivo encontra também um lugar privilegiado, porém nesse caso, na inclusão necessária do conceito de complexo de Édipo na sexualidade infantil, além de destacarmos a função do tempo da simultaneidade em enlaces pontuais entre as duas séries ventiladas anteriormente: sensação corporal (geografia do prazer no corpo) e representação das vivências (construção da fantasia). Poderemos observar a partir das duas séries construídas pelo autor, que as conexões existentes entre ambas descrevem o que estamos denominando de natureza infantil.

Os Três ensaios sobre a sexualidade

Após quase dez anos de oscilações em relação ao componente sexual das neuroses e, conseqüentemente, em relação à sexualidade infantil, finalmente são publicados por Freud⁸⁹ os **Três ensaios sobre a**

⁸⁹ Existem controvérsias sobre o quanto o autor já sabia sobre a sexualidade infantil antes de 1905. Segundo nota introdutória do editor James Strachey, ed. Amorrotu, parece evidente que Freud já tinha conhecimentos sobre sua teoria da sexualidade desde o historial clínico de "Dora", "*os delineamentos principais da teoria já estavam estabelecidos*"(p.115) e continua adiante: "*não obstante, Freud não tinha pressa por dar publicidade a seus resultados*" (idem). Não negamos que já existiam indícios que, sem dúvidas, apontavam para essa descoberta. O próprio Freud comenta em várias ocasiões sobre isso : "uma teoria

sexualidade. Ao texto inicial foram sendo somados, durante quase vinte cinco anos, comentários, justificativas e inovações que inauguram a publicação da sistematização relativa à noção de sexualidade e sua importância nas descobertas freudianas, antes apenas ventilada em sua obra:

Os leitores de meus três ensaios sobre a teoria da sexualidade dar-se-ão conta de que jamais empreendi qualquer remodelação completa dessa obra em suas edições posteriores, ao invés disso, foi mantida a posição original e foram acompanhado os progressos efetuados em nosso conhecimento mediante interpolações e alterações no texto. Com isso, pode ter acontecido freqüentemente que o velho e o novo não se deixaram fundir bem numa unidade livre de repetições⁹⁰.

da sexualidade pode muito bem ser a sucessora imediata do livro dos sonhos "(carta a Fliess 1899) e mais tarde: "estou reunindo material para a teoria da sexualidade, à espera de que alguma chama venha acender todo o material acumulado" (carta a Fliess 1900). Marcamos a diferença entre "os germes", os indícios sobre a sexualidade infantil e sua publicação que só ocorrerá em 1905. Existe portanto, uma distinção entre a evolução interna do pensamento do autor e a cronologia de sua obra publicada. Portanto, resta-nos a questão: se já sabia, por que não publicaria?

⁹⁰ S. FREUD. "Organização genital infantil, uma interpolação na teoria da sexualidade", Obras completas, col. Standard, Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 173.

O fio condutor desta leitura, na eminência de esclarecer algumas ordens das nossas questões, estender-se-á entre: 1) re-arrumação na delimitação entre normal e patológico, a partir da separação na suposta relação natural entre pulsão e objeto. 2) A tensão entre as noções de perversão e sexualidade infantil e a construção das noções-chave para a caracterização de uma sexualidade na infância; 3) A problemática a respeito das vivências sexuais na infância e da vida sexual do adulto.

Dividido em três partes (as aberrações sexuais, a sexualidade infantil e as transformações da puberdade), o texto inicia a construção de uma *reformulação determinante* a respeito da sexualidade, e incluímos também uma inovação sobre a noção de natureza infantil. Laplanche afirma, a esse respeito, com toda razão, que todos os três ensaios sobre a sexualidade tentarão demolir essa concepção dita popular, harmoniosa e adaptadora da sexualidade⁹¹. Mas, sem dúvida, o que ele também destitui é a visão vigente da sexologia: *Não é seguramente só a “opinião popular “ que está sendo visada por Freud: é toda a concepção pacientemente montada pela **biologia** e pela **psiquiatria** do século passado que está sendo diretamente atacada*⁹².

⁹¹ J. LAPLANCHE , *Freud e a sexualidade: O desvio biologizante*. op. cit.

⁹² L. MONZANI, *Freud, movimento de uma pensamento*, op.cit., p. 29.

Desvios do instinto

O primeiro desses ensaios é pouco eleito pelos comentadores de Freud, Laplanche⁹³ o identifica como sendo apenas uma compilação de argumentos, sem qualquer vontade de originalidade. Outros comentadores entretanto, como Monzani e Rodrigué, apontam para a relevância desse primeiro ensaio. O primeiro, Monzani⁹⁴, enfatiza seu caráter polêmico: “o primeiro ensaio situa-se num plano essencialmente polêmico” [...] “é a longa e a paciente desmontagem desse conceito de sexualidade”. O segundo deles, Rodrigué⁹⁵, afirma : “ O primeiro ensaio, em aparência, não inova. Parte de um saber constituído que não tenta continuar ou refutar, mas perverter” .

Partilhamos aqui das idéias de Monzani e Rodrigué e acreditamos que, numa primeira ordem da abordagem, consideramos que o caráter revolucionário de um texto nem sempre está em novíssimas idéias, mas no arranjo que se pode criar com elas, como é o caso desse primeiro ensaio,

⁹³ J. LAPLANCHE , *Freud e a sexualidade*, op.cit., p. 23.

⁹⁴ L. MONZANI . *Freud, Movimento de um pensamento*, op.cit., p. 28 e 29.

por poucos considerado como marca freudiana. Numa segunda ordem da abordagem aqui tratada, consideramos que Freud tem um propósito importante ao partir de uma base conhecida pela ciência da época e que cria em seu método a necessidade de recorrer a um sistema de termos iniciais oriundos de outras teorias⁹⁶. A sua relevância, seu "caráter perverso"⁹⁷, sua polêmica, reside no fato de ser também uma estratégia que abre caminho para as teses expostas no segundo ensaio sobre a sexualidade infantil. Esse texto demonstra: "*que o sexo supera em muitos os limites impostos pela teorias instintivistas*"⁹⁸ e, apesar de citar e comentar diversos teóricos da época a respeito da sexualidade⁸⁸, Freud deixa claras algumas restrições em relação aos pensadores das *ciências sexualis*⁹⁹.

⁹⁵ E. RODRIGUÉ, *Sigmund Freud: O Século da psicanálise, 1895-1995*. São Paulo: Escuta, 1995. p. 121.

⁹⁶ HEMPEL, *Filosofia da ciência natural*, idem.

⁹⁷ Em Claude MURCIA, "Um caso de perversão narrativa", *Critique*, novembro 1991, tomo XLVII, n. 534. O autor estabelece algumas referências para declarar o caráter perverso de um texto. São elas: heterogeneidade narrativa e indeterminação temporal. No caso de Freud, estamos usando o "seu caráter perverso" do texto apenas no sentido descritivo da palavra perverso, que perverte normas e antigos conceitos, não chegando a ser um caso de heterogeneidade narrativa e nem de indeterminação temporal (mesmo compondo um texto com complementos de quase vinte e cinco anos).

⁹⁸ RODRIGUÉ E. *Sigmund Freud, o século da Psicanálise*, op. cit., p. 121.

⁸⁸ Os contemporâneos de Freud, ao desenvolverem uma clínica psiquiátrica das perversões, no final do século XIX, propiciaram a emergência da discussão sobre uma sexologia com pretensões científicas. "Inversão sexual" e "degenerescência patológica" serão referências-chave na diferenciação entre o normal e o patológico para a época. Albert Moll, um dos autores acima referidos, irá em 1897, caracterizar toda atividade sexual infantil como

Podemos resumir essas restrições em duas proposições:

1- Algumas formas de degenerescência caracterizadas por esses autores não são degenerescências:

*“vários fatos fazem ver que os invertidos não são degenerados nesse sentido legítimo do termo”*¹⁰⁰

2- A concepção bissexual não é de origem orgânica :

*“é preciso reconhecer, portanto, que a inversão e o hermafroditismo somático, são, em linhas gerais, independentes entre si”*¹⁰¹

Freud irá apresentar, a partir desse primeiro ensaio, o alicerce para a diferenciação entre a psicanálise e o “pensamento de época” sobre a coisa sexual. Um dos autores, que aborda essa diferenciação e a descreve como um campo “pervertido “ por Freud, é Rodrigué:

patológica. Segundo o autor, até os sete anos qualquer manifestação sexual é considerada *mórbida*. A consideração da existência do sexual na infância como patologia, como no caso de Moll, é diferente da configuração de uma sexualidade infantil circunscrita no âmbito da normalidade, como pensa Freud.

⁹⁹ É preciso separar, portanto, qual concepção de sexualidade está sendo tratada por Freud e seus contemporâneos. Pois, nestes termos, sabe-se que a sexologia permaneceu ligada a uma concepção de normalidade relacionada com a genitalidade, e a psicanálise propõe uma “ampliação” do conceito de sexualidade.

¹⁰⁰ FREUD S. , *“Três ensaios ...”*. op. cit. p. 126.

¹⁰¹ Idem, p. 129.

é assim que Binet cunha o termo fetichismo em 1888. Krafft-Ebing e Havelock Ellis lançam os termos “sadismo”, “masoquismo” e “narcisismo”. O campo estava nomeado, prestes a ser subvertido pela revolução Freudiana¹⁰².

Além da re-arrumação freudiana dos conceitos já existentes, uma re-definição dessa rede conceitual será conhecida pela modificação dos limites entre normal e patológico. Se, com Rodrigué e Monzani, podemos dizer que o campo já estava nomeado e foi por Freud pervertido¹⁰³, o que Freud perverte?

Freud perverte ao distinguir e separar a pulsão¹⁰⁴ sexual de seu objeto. A partir daí, a pulsão sexual não será mais originalmente ligada ao objeto e passa a ser independente dele. Essa implosão de uma espécie de

¹⁰² RODRIGUÊ, E. *Sigmund Freud, o século da Psicanálise*, op.cit. p.119.

¹⁰³ Essa perversão de conceitos utilizada por Freud foi comentada, por Rodrigué (op. cit) e por Laplanche (op. cit.), entre outros.

¹⁰⁴ O termo que iremos utilizar nessa dissertação é pulsão, gostaríamos de manter o privilégio da distinção entre pulsão e instinto, e nos utilizaremos do primeiro para nos referirmos à sexualidade humana: “*com Trieb, a ênfase recai sobre o impulso quase cego, demoníaco, procurando mais a satisfação do que um fim preestabelecido*”, e *Instinkt “é definido como reação finalizada e pré-formada, dada como herança*”. Em J. LAPLANCHE, *Freud e a sexualidade, o desvio biologizante*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1997, p. 16 e 17 respectivamente. Só faremos aí uma exceção: quando formos citar o título do texto traduzido para a língua Portuguesa, pois, a Imago editora manteve a tradução de instinto para o termo *trieb*, e acreditamos que ficaria menos confuso para o leitor manter, no caso de um título, a mesma expressão, sem portanto, que precisássemos fazer alguma alteração do que foi publicado na coleção Standard.

ligação endógena entre pulsão e objeto tem caráter transformador para a teoria e ao mesmo tempo que se faz como uma condição na delimitação do campo psicanalítico. Se pensarmos que a separação referente à antiga orientação da pulsão está geneticamente ligada ao objeto, podemos até afirmar que o que a psicanálise propicia a partir disso é uma desnaturalização do chamado instinto.

Como nos ensina a experiência, nos casos considerados anormais, a pulsão sexual e o objeto sexual estão meramente soldados uma ao outro – fato este que arriscamos deixar passar em virtude da uniformidade do quadro normal, em que o objeto parece constituir parte integrante da pulsão. Somos, assim, alertados a afrouxar o laço que, em nossos pensamentos, estabelecemos entre a pulsão e o objeto. Parece provável que o instinto sexual seja, em primeiro lugar, independente de seu objeto; nem parece provável que sua origem seja determinada pelos atributos de seu objeto.¹⁰⁵

O destaque dessa citação nos evoca duas questões fundamentais para nosso debate. A primeira delas é que ao desfazer a concepção de uma

¹⁰⁵ S. FREUD , “Três ensaios ...”, op. cit., p. 149.

relação natural entre pulsão e objeto, Freud não está rompendo com a tradição de uma *Naturwissenschaft*¹⁰⁶, porém é possível nos indagarmos quais os efeitos para sua concepção de natureza, quando desnaturaliza o instinto e rompe com a concepção de uma relação endógena entre pulsão e objeto. Acreditamos que o modo de tratamento epistêmico do objeto continua o mesmo, tratar a psicanálise como ciência da natureza continua sendo seu empenho, porém, realiza um descolamento entre a pulsão e o objeto tido como natural em sua origem. A segunda das questões que podemos por em relevo, a partir dessa citação, são as relações entre o normal e o patológico que estão aí nessas letras de Freud. Se o patológico nas *Ciências sexualis* era considerado a partir da concepção do laço unívoco e intrínseco entre pulsão e objeto, a medida que possamos desconsiderar nessa relação qualquer determinação endógena, o patológico e o normal sofrem uma nova delimitação. Isso porque o parâmetro da lógica que une a pulsão e objeto não será mais o mesmo, logo, um objeto pode "estranhamente" ser ligado a uma pulsão sem que seja aí caracterizado para a psicanálise freudiana uma patologia. Além de alertar para afrouxar o laço que em nossos pensamentos

¹⁰⁶ " (para a psicanálise freudiana) Ainda é pouco dizer que a psicanálise é uma *Naturwissenschaft*: na realidade, não há, literalmente falando, ciência que não seja da

temos entre pulsão e objeto, alerta-se também o afrouxar das relações entre normal e patológico.

O que implica que desde a gênese da pulsão sexual, esta não se encontra conectada ao seu objeto. No nosso entender, essa proposta freudiana será determinante para Freud caracterizar a sexualidade infantil e, no presente contexto, para pensarmos os elementos da natureza infantil. Se no indivíduo normal, a pulsão *parece*, trazer-lhe uma aparente ligação, uma *ligação natural* entre a pulsão e o objeto, não poderemos deixar de nos interrogar se o estudo sobre a criança implicaria numa “demonstrável” separação entre objeto e pulsão. É dessa forma que o indivíduo adulto parece apresentar essa “aparente solda”. Na criança, Freud a supôs como fonte para uma pesquisa empírica sobre a independência entre pulsão e objeto, sendo que a relação entre pulsão e objeto pode ser rastreada, demonstrada, diríamos inclusive, visível. Em outras palavras, esse ensaio apesar de manter a psicanálise na tradição da ciência natural, coloca como fundamental que não existe relação intrínseca entre a pulsão e o objeto.

Essa desnaturalização¹⁰⁷ do instinto e a quebra de uma relação endógena entre a pulsão e o objeto, além de ampliar a noção de sexualidade, também introduz uma reviravolta a respeito da noção de perversão. A perversão será então inserida quando se trata de desvios de meta¹⁰⁸, os desvios de objeto não são perversões. Isso se deve ao fato de que, dando credibilidade ao dito freudiano, como o objeto não tem uma relação unívoca e originária com a pulsão, *“pode ser qualquer objeto contanto que esteja em posição favorável”*¹⁰⁹. O objeto não se origina com a própria pulsão, e sua *posição favorável* é estar em situação que satisfaça a condição de sua meta. Meta *“é a ação através da qual a pulsão se realiza (se impulsiona)”*¹¹⁰, define Freud no início do seu texto. O objeto para determinada pulsão será aquele que, além poder ser variável, consiga sustentar a satisfação da pulsão: manter a sua força constante. É sobre essa

¹⁰⁷ A desnaturalização do instinto aponta unicamente para afirmação de que há um desvio do instinto quando se trata de sexualidade, Freud não abandona seu projeto de ciência natural, porém, a partir desse momento mesmo que se faça uma conexão entre pulsão e objeto que aparentemente pode ser endógena, genética, natural, ela não terá originalmente nenhuma relação. Tudo que é sensível é da natureza, mas, as relações entre os fenômenos nem sempre são predestinadas.

¹⁰⁸ Meta é uma tradução possível para Ziel (usada, por exemplo, por O. GABBI na versão que fez para o Projeto), que pode também ser denominado objetivo, assim como aponta a distinção que está sendo realizada por Freud entre objeto e objetivo.

¹⁰⁹ S. FREUD *A pulsão e seus destinos*, ed. Eletrônica Balesteros.

¹¹⁰ S. FREUD *Tres ensayos....* op. cit., p. 123.

ação que irá recair o acento distintivo entre o normal e o patológico nesse primeiro ensaio, ou melhor, patológico é o impedimento, é a não realização ou o próprio desvio na realização da pulsão. Patológico é o impedimento da força constante da pulsão. Mas será que qualquer desvio de meta caracterizaria uma perversão?

Todavia, mesmo no processo sexual mais normal reconhecem-se os rudimentos daquilo que, se desenvolvido, levaria às aberrações descritas como perversões. É que certas relações intermediárias com o objeto sexual (a caminho do coito), tais como apalpá-lo e contemplá-lo, são reconhecidas como metas sexuais preliminares.¹¹¹

Não é qualquer impedimento ou desvio que estaria na ordem da patologia, mas aqueles desvios que não chegariam a uma meta sexual definitiva¹¹². Qual seria essa meta sexual definitiva? A longa argumentação do primeiro ensaio, para retirar o homossexualismo do lado das perversões, nos indica que, a pulsão não está *"teleologicamente orientado para a*

¹¹¹ Idem, p. 136.

¹¹² É a " 'metáfora ética', o ponto central do primeiro ensaio", afirma Rodriguê, *O século da Psicanálise*, op. cit., p. 122.

reprodução¹¹³. Esse ensaio é a paciente desmontagem desse conceito de sexualidade, como comenta Monzani¹¹⁴.

O que nos parece é que Freud está preso a uma necessidade de explicar como se chega à genitalidade e como, apesar do caráter perverso da sexualidade, quase que universal, o indivíduo pode dar continuidade a sua espécie.

O que tenta provar com seus **Três ensaios sobre a sexualidade**, contrariamente à concepção vigente, principalmente nos dois primeiros ensaios, é que a sexualidade na infância¹¹⁵ não está no campo do negativo, que homossexualidade¹¹⁶ não é desvio, e que as perversões podem ser distinguidas entre: uma "perversão normal" (metas preliminares) e a "perversão patológica" (impedimento da meta)¹¹⁷.

As perversões são ou (a) transgressões anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas à união sexual, ou (b) demoras nas

¹¹³ L. MONZANI, *Freud, movimento de um pensamento*, op. cit., p. 29.

¹¹⁴ Idem, *Ibidem*. Já que a finalidade da sexualidade é a reprodução, tudo aquilo que não atender a essa finalidade será relegado ao campo do negativo (sexualidade infantil e senil) ou do desvio (homossexualismo, perversão).

¹¹⁵ Ver o segundo dos *Três ensaios*...

¹¹⁶ Ver primeiro dos *Três ensaios*....

¹¹⁷ S. FREUD "Tres ensayos..." assim como no final do ensaio Freud utilizará a denominação: perversões positivas e perversões negativas. P. 152.

*relações intermediárias com o objeto sexual, que normalmente seriam atravessadas com rapidez a caminho do alvo sexual final.*¹¹⁸

Mesmo que a reprodução seja a orientação para uma finalidade, Freud amplia o espectro das oscilações da pulsão sexual antes de atingir essa finalidade.

A reviravolta na noção de perversão permitiu a Freud afirmar que mesmo no alvo sexual normal, união dos genitais, encontramos traços característicos da perversão. E o que ainda poderia despertar a suspeita de uma ligação natural entre pulsão e objeto, da reprodução como “meta a ser atingida” é, então, desfeita. Meta a ser satisfeita em nada reconhece a existência de um laço original e primitivo entre pulsão e objeto. Afinal, a dissociação fundamental entre a pulsão e o objeto não poderia estar reduzida à meta sexual da união dos genitais fixando uma “aparente ligação” entre o que originalmente não tinha sido ligado.

Tratar a reprodução como fator que propiciaria uma “aparente ligação” entre pulsão e objeto nas representações de meta não coloca, no entanto, obstáculos à implementação da noção de sexualidade infantil. Tal

¹¹⁸ Idem, p. 136.

impedimento não ocorre devido ao conceito de repressão e ao distanciamento que é instigado aí por Freud entre vida sexual adulta e o sexual na infância, inclusive isso ajuda na aproximação entre as noções de perversão e sexualidade infantil, pois em ambos, existiria um distanciamento da satisfação da meta da reprodução e do primado dos genitais.

O retorno à infância, na busca da etiologia para as neuroses e para a perversão¹¹⁹, obriga Freud a pensar como a sobrevivência humana seria possível nessas condições. Nesse primeiro ensaio, são o asco, a vergonha e a dor que possibilitam essa tentativa de resolução. São forças de resistência. O asco a vergonha e a dor¹²⁰ impedem o prolongamento das metas preliminares: *"Chama a atenção aqui que o asco estorva a supervalorização libidínica do objeto sexual"*¹²¹. Pode acontecer de esses sentimentos: *"serem*

¹¹⁹ S. FREUD, "Na eleição do fetiche se manifesta a influência persistente de uma impressão recebida quase sempre na primeira infância. ...". Continua mais adiante, "Em outros casos é uma conexão simbólica de pensamentos, muitas vezes consciente para o indivíduo, que o levam a substituir o objeto pelo fetiche, (...) não obstante tampouco este simbolismo parece sempre independente de vivências sexuais da infância." *"Tres ensayos ..."* op. cit. p. 140-141.

¹²⁰ S. FREUD, *"Tres ensayos ..."* { da mesma forma que o asco, a vergonha e a dor são elementos da resistência : "A força que se opõe ao prazer de ver, mas pode eventualmente ser superada por ele, (como vimos antes no caso do asco), é a vergonha." p. 143 " A dor, que com isso é superada, alinha-se com o asco e a vergonha que se opunham à libido como resistência." p 144. }. Se o asco impede a demora nas metas preliminares, no caso do ânus é a própria repugnância que imprime a marca da perversão, ou seja, o prazer em permanecer em zonas excretoras.

¹²¹ Idem, p. 138.

vencidos pela libido", ocasionando a restrição da meta sexual que pode se deter ante a genitália.

Esses sentimentos não explicariam realmente, em sua totalidade, a perversão. Pois, nem o asco, nem a vergonha e nem a dor, teriam força suficiente para servir de impedimento ao prazer sexual das metas preliminares, e nem somente o fato de existir prazer sexual nessas metas preliminares justificaria a perversão; foi necessário, então, chegar à conclusão de que: *quando há nela as características de exclusividade e fixação, então nos vemos autorizados, na maioria das vezes, a julgá-la como um sintoma patológico.*¹²²

São exatamente essas características de exclusividade e fixação que definiriam uma patologia, ou melhor : *" a exclusividade e a fixação fazem a diferença*¹²³". Ambas resultariam de vivências infantis: *"com a significação das impressões sexuais precoces*¹²⁴". Logo, parece que o caráter exclusivo e

¹²² Idem, p.147. Em outro momento continua a provar esses dois fatores em relação ao fetichismo: *"O caso só se torna patológico quando o anseio pelo fetiche se fixa, indo além da condição mencionada, e se coloca no lugar do alvo sexual normal, e ainda, quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual. São essas as condições gerais para que meras variações da pulsão sexual se transformem em aberrações patológicas."*
p. 140.

¹²³ E. RODRIGUÊ , op. cit., p. 120.

¹²⁴ S. FREUD, *"Tres ensayos ..."* op. cit., p. 140.

fixo de uma meta preliminar é determinado por fatores da vida infantil do indivíduo, a patologia apareceria a medida em que esses fatores que não sofreram o processo de repressão e continuassem atuando na vida adulta.

No nosso entendimento, portanto, duas relações já podem ser destacadas, neste primeiro ensaio, entre a perversão e as vivências infantis: 1) as vicissitudes das vivências sexuais infantis normais que não sofrem repressão podem se expressar na vida sexual adulta como resíduos da infância (em relação ao normal); 2) a fixação e a exclusividade de alguma meta preliminar, são determinadas por vivências infantis, e podem persistir na vida sexual adulta (em relação ao patológico).

É a decomposição das relações entre normal e patológico a partir dessa espécie de rompimento de uma relação genética entre pulsão e objeto, que nos permite apostar aí também numa estratégia metodológica de Freud para preparar o terreno para a sexualidade infantil. Quanto à decomposição da própria pulsão, segue o próprio Freud:

Com isso podemos ter um indício de que talvez a própria pulsão sexual não seja uma coisa simples, mas reúna componentes que voltam a separar-se nas perversões. A clínica nos tem

*revelado, portanto, a existência de fusões que não se deixam conhecer como tais na conduta normal uniforme.*¹²⁵

Aqui mais uma vez observamos o autor associar a separação, a dispersão da pulsão à noção de perversão e, uma aparente solda, ou fusão da pulsão a uma conduta normal e uniforme. Importante tomar esse exemplo para ressaltar que as bases da ciência natural continuam firmes para o autor, dado que a ela também pertence a importância para o dado observável e sua verificação empírica. A compreensão das relações entre normal e patológico vão passar necessariamente pela confrontação na clínica das observações entre as fusões ou dispersões das pulsões.

O aspecto descritivo do uso realizado por Freud sobre a noção de perversão como paradigma para a caracterização da noção de sexualidade infantil também se enlaça com a necessidade de parâmetros observáveis, é o que lemos de forma explícita nesse ensaio:

Mas devemos dizer ainda que essa suposta constituição que exhibe os germes de todas as perversões só é demonstrável na criança, mesmo que nela todas as pulsões só possam emergir

¹²⁵ Idem, p. 148.

*com intensidade moderada. Vislumbramos assim a fórmula de que os neuróticos preservaram o estado infantil de sua sexualidade ou foram re-transportados para ele. Desse modo, nosso interesse volta-se para a vida sexual da criança, e procederemos ao estudo do jogo de influências que domina o processo de desenvolvimento da sexualidade infantil até seu desfecho na perversão, na neurose ou na vida sexual normal.*¹²⁶

Há dois aspectos nesse parágrafo cujo destaque é imprescindível. O primeiro se refere à fórmula que afirma que os neuróticos *preservam* o estado infantil. É daí que certamente nascem as concepções e leituras da obra freudiana que apontam para uma espécie de continuidade imutável entre o infantil da criança e o infantil do adulto. O segundo aspecto que merece ser destacado é a origem comum entre as duas patologias, neurose e perversão: o processo da sexualidade infantil.

Em relação à orientação e referência de métodos da ciência natural para sua pesquisa psicanalítica, Freud vai se utilizar do patológico como

¹²⁶ Idem, p. 156.

parâmetro, também por que ele poderá oferecer um campo rico para observações, é também o que aponta Gabbi¹²⁷:

O patológico é sempre o campo privilegiado de observação de fenômenos psicológicos, dado que os elementos constitutivos do fenômeno sempre se apresentam separados, com total visibilidade de suas relações de pura exterioridade... Em contrapartida na normalidade, os mesmos elementos formam unidades, sínteses, amálgamas, que acabam por tornar a observação difícil ou mesmo impossível.

O que Gabbi refere como fundamental para o método escolhido por Freud, tornar a visibilidade ponto de partida na constituição de suas hipóteses, é o que acreditamos ocorrer também com o uso da criança, além da perversão. Freud assegura que o estudo da criança é pertinente e válido porque pode servir de *demonstrativo*, “*esses germes das perversões só são*

¹²⁷ GABBI, nota 5 da tradução do livro de Freud, “*Projeto...*” Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 111.

*demonstráveis na criança*¹²⁸. O que mais uma vez retorna de forma contundente sobre a natureza do infantil como demonstrável e visível.

Será que, se existisse essa especificidade de um caráter infantil, ele seria descrito dessa forma, ou seja, como possuindo a capacidade de *demonstrar* os germes de todas as perversões? Estaria Freud pressupondo uma certa “transparência” na sexualidade da criança e com isso caracterizando uma natureza infantil? Que “visibilidade” é essa que Freud imprime à criança?

Outro fato que não poderemos deixar escapar é o uso da criança como um pretexto (*deste modo, nosso interesse volta-se para a vida sexual da criança*¹²⁹) para o estudo das psiconeuroses¹³⁰.

¹²⁸ Idem, Ibidem.

¹²⁹ S. FREUD, op. cit. (grifo nosso). Também no texto **Uma criança é espancada**, como veremos mais adiante, Freud tenta se utilizar da criança para entender o que se passa na vida adulta. Assim, a partir da investigação que realiza em **Uma criança é espancada**, Freud volta a afirmar que sua concepção acerca das perversões tem suas raízes na sexualidade chamada “adulta” e “normal, não ficando reduzida e ilhada na vida sexual da criança.

¹³⁰ S. FREUD, “Tres ensayos....” op. cit. “O caráter histérico permite identificar um grau de repressão sexual que ultrapassa a medida normal; uma intensificação da resistência à pulsão sexual (que já ficamos conhecendo como vergonha, asco e moralidade); e uma fuga como que instintiva a qualquer ocupação do intelecto com o problema do sexo, que tem como consequência, nos casos mais acentuados, a manutenção de uma completa ignorância sexual, mesmo depois de alcançado o período de maturidade sexual” p. 149. “Ela (a psicanálise) mostra que de modo algum os sintomas surgem apenas à custa da chamada pulsão sexual normal (pelo menos não de maneira exclusiva ou predominante), mas que representam a expressão convertida de pulsões que seriam designadas de

O terreno preparatório para a descrição e estudo da sexualidade infantil está pronto: a noção de perversão foi transformada, realizou-se uma quebra da relação entre pulsão e objeto, implementou-se uma ligação inicial, porém clara, entre o que se demonstra no infantil e a noção descritiva de perversão. A conseqüente ampliação das noções de perversão e sexualidade infantil imprime a necessidade de aprofundar nos tempos de maturidade criança e adulto.

Um primeira leitura poderia apontar a criança apenas como pretexto para Freud aprofundar-se nas suas investigações sobre a etiologia das neuroses, utilizando-se assim da mesma como essencialmente “demonstrativa”. Mas o que vemos sobressaltar por entre as letras do próprio Freud é que o que antes parecia ser um pré-texto, a partir dos **Três ensaios**, transforma-se no seu motivo central. É o que sublinha Laplanche ao afirmar que, com a sexualidade infantil, trata-se:

perversas (no sentido mais lato) se pudessem expressar-se diretamente, sem desvio pela consciência, em propósitos da fantasia e em ações. Portanto, os sintomas se formam, em parte, às expensas da sexualidade anormal; a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão” p. 150.

*de algo muito particular, que é o que se chama a sexualidade ampliada, ampliada até o pré genital- digamos até o extragenital*¹³¹.

Essa ampliação do campo da sexualidade não é o único fator a destacar. Monzani distingue além disso uma verdadeira virada:

*O mérito de Freud não foi somente o de falar de uma sexualidade infantil, ou de ter realizado um recuo temporal, [...], Freud operou uma reconstrução absolutamente inédita na semântica da sexualidade.*¹³²

E o próprio Freud comenta: *É fácil compreender por quê, de vez que as crianças se tornaram o tema principal da pesquisa psicanalítica e substituíram, assim, em importância, os neuróticos com os quais ela iniciou seus estudos*¹³³.

A hipótese que está em jogo aqui é a de que através das crianças, Freud, poderia demonstrar esse caráter difuso e desorganizado da sexualidade humana, e a perversão lhe serve, tanto como estratégia (ao

¹³¹ J. LAPLANCHE, *Freud a Sexualidade, o desvio biolologizante*, op. cit. p., 34.

¹³² L. MONZANI, *Freud, movimento de um pensamento*, op. cit., p. 31

necessitar de noções que já faziam parte de sistemas científicos já conhecidos), quanto como parâmetro na descrição dessa mesma sexualidade infantil por ser a patologia também um instrumento de possível visibilidade (re-definindo o conteúdo dos conceitos).

O primeiro ensaio retrata claramente a tentativa de Freud de conceber a meta sexual como diversificada, fragmentada em metas parciais; para isso, a separação entre pulsão e objeto é fundamental. Essas premissas possibilitarão a descrição de uma sexualidade infantil. Portanto, o caráter inicialmente "perverso" do texto freudiano de 1905, que estilhaça a noção de sexualidade vigente e re-organiza os limites entre normal e patológico, serve para que ele possa comprovar a existência de uma sexualidade infantil sem renunciar ao propósito de fazer ciência.

Chegamos ao final desse estudo sobre o primeiro ensaio com algumas premissas importantes: a necessidade da conjunção das noções de perversão e, sexualidade infantil para caracterização dessa ultima, e a função do uso da noção de perversão como parâmetro descritivo para a construção da noção de sexualidade infantil.

¹³³ S. FREUD, "*prefácio à juventude desorientada, de Aichhorn*", (1925), Obras completas, col. Standard, vol. XIX, 1969, p. 341.

Tornar visível a criança

A leitura aqui realizada a respeito do segundo dos três ensaios escritos sobre a sexualidade, implica redimensionar alguns aspectos do trabalho de Freud sobre a sexualidade infantil. Um trabalho não só com vistas a provar a existência de uma sexualidade no período da infância, mas seu exaustivo *labor* na construção de uma semântica a respeito da existência de uma natureza infantil. Percorreremos o texto numa leitura inicialmente cronológica, para depois degustarmos o efeito do tempo do só-*depois* na obra freudiana.

1905: A marca do ano. Em 1905 temos, portanto, um Freud que aposta na existência da sexualidade infantil, descreve a fragmentação das pulsões parciais e comprova o caráter normal das exteriorizações sexuais infantis.

Auto-erotismo e zona erógena formam o par perfeito na descrição da sexualidade infantil ainda nesse ano da primeira edição. O primeiro, auto-

erotismo, definido como a obtenção de prazer sem o auxílio de um objeto¹³⁴, um estado no qual as pulsões se satisfazem sem que haja uma organização para tal. O segundo, zona erógena, retrata a situação de uma pele ou mucosa sobre as quais certos tipos de estímulos provocam prazer. Caso esses estímulos tenham *“aptidão para isso”*, qualquer parte do corpo pode funcionar como uma zona erógena. Porém, a condição prévia para a satisfação é que esta seja uma repetição: *“para que se crie uma necessidade de repeti-la, essa satisfação tem que ter sido vivenciada antes”*¹³⁵. Essa necessidade de repetir a satisfação irá marcar a característica de uma sexualidade pulverizada em todo o corpo, que tenderá à repetição mesmo após a organização genital. A satisfação das primeiras vivências se relaciona à satisfação das necessidades vitais, como por exemplo, na alimentação. Portanto a *“tendência à repetição”* é uma tendência de repetir a primeira satisfação que é a da necessidade do organismo, a sexualidade iniciaria

¹³⁴ É interessante observar aqui a contribuição de Sauret em considerar o auto-erotismo como posterior à relação com o outro. Seria pela falta da presença do outro para a satisfação das necessidades biológicas, inicialmente (teoria do apoio), que a criança começa a tentar se satisfazer sozinha. SAURET, *De l'infantile a la struture*, op. cit. Segundo J. LAPLANCHE, a noção de apoio é um conceito importante, mas no entanto, implícito à obra de Freud. Porém é possível retirar-la somente de alguns poucos textos freudianos essa noção. LAPLANCHE, *Freud e a sexualidade, o desvio biologizante*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1997, p.28.

¹³⁵ S. FREUD, *“Tres ensayos ...”* op. cit., p. 167.

suas vivências de satisfação “apoiada “ na satisfação das necessidades do organismo.

A descrição dessa sexualidade que tenta satisfazer a pulsão em qualquer parte da mucosa ou pele do corpo, posteriormente à teorização da separação entre pulsão e objeto realizada no primeiro ensaio, será determinante na caracterização da sexualidade pela psicanálise, comemorada pelo próprio Freud: *só pode alegrar-nos sumamente descobrir que, uma vez compreendida a pulsão vinda de uma única zona erógena, não temos muito mais coisas importantes a aprender sobre a atividade sexual das crianças* ¹³⁶.

Devemos agora nos debruçar sobre a polimorfia perversa. Vejamos o que retrata Freud: *é instrutivo que sob influência da sedução a criança possa converter-se em um perverso polímorfo, sendo induzida a praticar todas as transgressões possíveis.* ¹³⁷

A polimorfia perversa pode ser despertada a partir da sedução, porém, logo mais adiante, afirma que para estar sob domínio de tal influência

¹³⁶ Idem, p. 168.

¹³⁷ Idem, p. 173.

tem de apresentar uma *disposição*¹³⁸. Temos que distinguir, portanto, que Freud trata de uma disposição (endógena) que se expressa através de uma sedução (externa). O que nos faz recordar uma discussão semelhante que Freud comanda no **Projeto**¹³⁹: constitucionais (disposição sexual precoce) e contingentes (masturbação, sedução do adulto). Em 1905 ainda faltam elementos articuladores para uma melhor compreensão entre fatores constitucionais e fatores contingentes¹⁴⁰. Sabemos que a condição inicial da pulsão na criança é de não demonstrar nenhuma necessidade de objeto sexual. Desta forma, é o próprio Freud quem define:

...a influência da sedução não ajuda a descobrir a condição inicial da pulsão sexual, mas confunde nosso entendimento dela, na medida em que traz prematuramente para a criança o

¹³⁸ É talvez neste sentido de uma disposição que LAPLANCHE adicione ao caráter perverso polimorfo uma condição virtual: " a criança é virtualmente um perverso polimorfo", *La sexualité* op. cit. p.198. A discussão promovida por Laplanche realiza, a propósito da sedução, uma contribuição para rever o corpo erógeno da criança como um campo aberto em zonas erógenas a partir da sedução do adulto. Pretende a partir daí sair do biologismo das explicações eminentemente endógenas sobre a origem da sexualidade infantil. LAPLANCHE, *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1997.

¹³⁹ S. FREUD, *Projeto para uma psicologia científica*, op.cit.

¹⁴⁰ Segundo Laplanche, somente após 1914/1915, com a divisão das pulsões ente pulsão sexual e pulsão de auto-conservação e da introdução ao narcisismo, que Freud vai referir-se à noção de apoio e dessa forma abre uma possibilidade diferente para a distinção entre fatores contingentes e constitucionais. LAPLANCHE, *Freud e a sexualidade, o desvio biologizante*, op.cit.

*objeto sexual, do qual a pulsão sexual infantil não demonstra inicialmente nenhuma necessidade*¹⁴¹

Os acréscimos¹⁴² de 1910, 1915, 1920 e 1924, inicialmente se apresentam com o intuito de estreitar e acrescentar argumentos em favor das hipóteses sobre a existência da sexualidade infantil, mas, além disso, demonstram uma independência, propiciada pela influência de textos importantes que foram sendo produzidos durante esses anos. Apesar de acreditarmos que em 1905 Freud já tinha conseguido caracterizar a sexualidade infantil, discordamos do comentador Strachey quando afirma que *"apesar dos consideráveis acréscimos que teve o livro desde sua primeira edição, o essencial já estava em 1905"*¹⁴³, uma vez que os acréscimos de 1915 e 1924 trouxeram mudanças significativas em relação à própria composição da sexualidade infantil.

O ano de 1905 ficou marcado como sendo a data inaugural e revolucionária para a psicanálise. O texto final, mesmo depois de vinte anos de acréscimos, ficou datado no ano de 1905. As edições de 1905 e 1910 não apontam diferenças significativas: o objetivo iniciado em 1905, de comprovar

¹⁴¹ S. FREUD, *"Tres ensayos ..."* op. cit., p. 174.

a existência de manifestações sexuais infantis normais, é mantido na edição de 1910. Ambas as edições, portanto, apresentam-se com o objetivo de comprovar e convencer o leitor sobre as manifestações da sexualidade apresentadas pelas crianças.

Em 1910, Freud escreve em seu prólogo que não gostaria de destruir o caráter unitário do texto e, por essa razão, iria somente fazer alguns acréscimos nesse ano. Esses acréscimos foram de ordem quantitativa, ou seja, foram somados ao texto elementos para corroborar e fortalecer as hipóteses sobre a natureza da sexualidade infantil, argumentando contra autores que publicavam também sobre o tema (por exemplo, Linder, Moll e Adler), e a eles se contrapondo.

O ano de 1905 ficou decididamente marcado como o ano de virada na teoria, como um ano revolucionário para as teses freudianas sobre a sexualidade infantil. Apesar de concordarmos com o caráter transformador do texto em 1905, acreditamos que essa marca contundente, impressa nesse ano, deve-se também a uma leitura realizada num texto condensado de vinte anos de descobertas: no *só-depois*.

¹⁴² Ver anexo dos textos de Freud publicados entre 1905 e 1924.

¹⁴³ S. FREUD, "*Tres ensayos...*" op. cit. nota introdutória de James Strachey, p. 113.

Vamos agora pescar o que as modificações das várias edições trazem de transformador e como elas recobrem o texto inicial, oferecendo, de forma enigmática, uma leitura *só-depois* muito surpreendente caso o tomemos como um texto de 1905.

Alguns textos, conceitos e suas contribuições entre 1905 e 1924.

Durante todo esse período, compreendido aqui entre 1905 e 1924, citamos, em algumas oportunidades, as passagens que notamos tratarem-se de verdadeiras viradas na teoria, no que tange às oscilações propostas pelas noções de sexualidade infantil e perversão. Diante disso, recorreremos a um pequeno recurso levando o pêndulo para o lado dos textos que apontaram e acrescentaram mais uma volta da espiral¹⁴⁴.

Podemos apontar três tópicos que foram ventilados por Freud a partir da segunda edição em 1910: observação direta de crianças, caráter sexual do simbolismo infantil e os sentimentos infantis em relação aos pais. Nesse período, o autor ainda baseava suas investigações sobre a vida sexual infantil no método de observação direta, que pensava conferir credibilidade e testemunho às intervenções psicanalíticas. Deve-se acrescentar a isso tudo

¹⁴⁴ Mais uma vez recorreremos à metáfora do pêndulo e da espiral de MONZANI, op. cit.

a colaboração da publicação dos textos **Leonardo, uma lembrança**¹⁴⁵ e **Análise da fobia de um menino de cinco anos**¹⁴⁶.

A respeito desse último, o próprio Freud relata que aprendeu sobre o simbolismo sexual infantil e sobre a figuração sexual precoce por objetos, na vida de uma criança. É nessa edição também que se refere de modo tangencial à questão dos sentimentos das crianças em relação aos progenitores: *Nos inteiramos de que as crianças de três a cinco anos de idade são capazes de uma clara eleição de objeto acompanhada de fortes afetos*¹⁴⁷. (observem que não é mencionado explicitamente, por exemplo, que esses sentimentos, esses afetos, poderiam fazer parte do complexo de Édipo).

Contrariamente a isso, em 1915, alguns incrementos foram explicitamente importantes e mudaram o rumo do que vinha até então sendo escrito por Freud neste ensaio. A repressão para explicar a amnésia infantil, a formação reativa e sua diferença com a sublimação, a demarcação da diferença entre sexual e genital, a propriedade da erogeneidade em todo o

¹⁴⁵ S. FREUD, (1910) "*Leonardo uma lembrança de sua infância*", Col Standard, Rio de Janeiro: Imago, Vol XI, 1969.

¹⁴⁶ S. FREUD, (1909) "*Análise de uma fobia de uma criança de cinco anos*". Col. Standard, Rio de Janeiro: Imago, Vol. X, 1969.

corpo e órgãos internos. Acrescentam-se a isso as fases da masturbação infantil: a primeira, a do chupeteio; a segunda, no quarto ano de vida, correspondendo ao florescimento da atividade sexual infantil e a terceira, a da puberdade.

Toda a sessão sobre a investigação sexual infantil foi introduzida em 1915. Descreve o autor que paralelo ao florescimento sexual iniciado dos três aos cinco anos, as crianças desenvolvem uma pulsão de saber. A ação dessa pulsão não está exclusivamente subordinada à sexualidade, apesar de recair com inesperada intensidade nos problemas sexuais, e bifurca-se entre sublimação e trabalho da pulsão de ver. Mais uma vez temos o tangenciar das questões edípicas, o florescimento do sexual dos três aos cinco anos, sem que complexo de Édipo seja abordado explicitamente. Fala-se da castração e da inveja do pênis, sem que haja uma teorização sobre o complexo de Édipo, uma vez que, a castração aqui está relacionada à crença das crianças de que todos possuem pênis e uma decepção com respeito a essa crença levaria ao complexo de castração.

Acreditamos, contudo, que uma importante colaboração para o segundo dos três ensaios nesse ano é a organização libidinal infantil. A partir

¹⁴⁷ S. FREUD, "*Tres ensayos...*" op. cit. p. 176

desse ano, a vida sexual infantil vai apresentar uma lógica pré-genital organizada como oral e anal. Na primeira, o objeto sexual é o mesmo da nutrição e sua meta é a incorporação. Na segunda, constitui-se uma divisão ativo e passivo, e sua meta sexual na atividade é o apoderamento e na passividade constitui-se no prazer advindo das mucosas erógenas das paredes dos intestinos.

A organização libidinal, diferentemente da organização das fases da masturbação, imprime uma especificidade à sexualidade infantil, marcando um limite maior em relação à vida sexual adulta, do que o estabelecido em 1905, com a ampliação da concepção de sexual. Vejamos alguns detalhes encontrados em alguns textos desse período.

O conceito de narcisismo elaborado no texto **Sobre o narcisismo: uma introdução**¹⁴⁸ não poderia deixar de ser acrescentado ao se tratar de noções modificadoras da estrutura e do caminho seguido por Freud no decorrer desses anos. Citado por Strachey como central: *“trata-se de um dos mais importantes trabalhos de Freud, podendo ser considerado como um dos fatores centrais na evolução de seus conceitos”*¹⁴⁹, o narcisismo também

¹⁴⁸ S. FREUD, (1914), *“Sobre o narcisismo: uma introdução”*. Obras completas, Col. Standard, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago. 1969.

¹⁴⁹ S. FREUD, *“Sobre o narcisismo...”* Op. Cit. Em Nota do editor, p. 86.

pode ser lido na direção da constituição do corpo e sua relação com a sexualidade, pois, como a própria definição da palavra explicita, serve para denotar a relação de prazer sexual do indivíduo com seu próprio corpo. Freud, nesse texto, certamente foi bem mais adiante, mas nos interessa particularmente a entrada do corpo na apreciação freudiana sobre as relações objetais e egóicas, que é o tema central do texto. Não nos interessa aqui comentar todo o texto em sua grandeza, mas ressaltar que ele articula através desse termo, o corpo, uma passagem pela noção de perversão, e aponta a necessidade de a libido egóica ultrapassar possíveis represamentos e pender para um investimento sexual objetal. Vejamos por que isso nos interessa particularmente.

Uma das nossas preocupações tem sido a passagem das vivências sexuais infantis para a vida sexual adulta. Já citamos o quanto esse período contado a partir de 1915 agrega valores numa separação mais organizada entre ambas (vivência sexual infantil e vida sexual adulta). Esse texto sobre o narcisismo tem sua colaboração nesse aspecto também, uma vez que tentará, a partir da teoria da libido, explicar a passagem da libido do ego à libido objetal. Freud se pergunta: o que torna necessário para a vida mental passar do narcisismo para a libido objetal? Para ele, Freud, essa passagem

é, portanto, uma necessidade. E a necessidade dessa passagem indica que a sua estagnação poderá servir para a caracterização de uma perversão¹⁵⁰. Outra forma de aparecimento da perversão se daria por conta da não formação do ideal e, conseqüentemente, a não existência de um censor na escolha de objetos. Acrescenta mais adiante que *“estar apaixonado consiste num fluir da libido do ego em direção ao objeto. Tem o poder de remover as repressões e de reinstalar as perversões. Exalta o objeto sexual transformando-o num ideal sexual”*¹⁵¹. Portanto, a perversão ocorreria tanto quando não existe uma censura na escolha objetal, tanto quando existe uma exaltação do objeto amado, transformando-o e o restringindo num ideal sexual.

Desta forma, ao destacar duas espécies de libido que se separariam após a castração, esse texto indica formas distintas de amor no adulto e na criança. No adulto, existe um derrame libidinal em direção ao objeto (*verliebtheit*) ou um retorno à libido egóica (narcisismo secundário), ambos relativos à forma em que o ego se relaciona com sua instância ideal e

¹⁵⁰ S. FREUD, idem, “desenvolvido até esse grau, o narcisismo passa a significar uma perversão que absorveu a totalidade da vida sexual do indivíduo, exibindo, conseqüentemente, as características que esperamos encontrar no estudo de todas as perversões” (p. 89).

¹⁵¹ S. FREUD, “Sobre o narcisismo...” idem, p. 118.

censora. Certamente o modelo de amor desenvolvido na criança influirá no tipo de escolha feita posteriormente no adulto (narcísica ou anaclítica) porém, estão em jogo no tempo da criança: a castração, a repressão e a construção dos ideais. Na criança, ela se encontra ainda com as duas forças libidinais "misturadas", constituindo seu ego, seu ideal, sem a força definitiva de uma repressão ou da castração.

O narcisismo primário vem acrescentar, portanto, à diferença entre vida sexual adulta e sexualidade infantil uma necessidade distinta nos modos de amar. Se o texto sobre o narcisismo injeta no segundo ensaio as raízes relativas à possibilidade de uma organização libidinal através da teoria da libido, será ainda importante reconhecer o caminho freudiano para a organização das pulsões componentes pré-genitais.

O editor Strachey¹⁵², ao se referir ao tema da organização da libido, comenta: *"a noção hoje é tão familiar que nos surpreendemos em saber que ela (organização anal-sádica) fez seu primeiro aparecimento aqui (texto sobre **A disposição à neurose obsessiva** em 1913)"*. Continua o editor afirmando que o fato de haver pulsões componentes remonta a textos

¹⁵² S. FREUD, (1913) *"A disposição à neurose obsessiva"*. Obras completas, Col. Standard, vol. XII, Rio de Janeiro : imago. Comentário do Editor Inglês, 1969, p. 396.

anteriores, mas a novidade era a idéia de haver no desenvolvimento sexual estágios regulares, com uma ou outra pulsão dominando o quadro. Dessa maneira, segundo Strachey, podemos resumir assim as sucessivas organizações: estágio auto-erótico, 1905; estágio narcísico, 1911; estágio sádico-anal, 1913; estágio oral, 1915; e estágio fálico 1923.

Todavia, outra aquisição necessária seria um conceito que desse conta da ligação dessas zonas erógenas estimuladas pelos instintos componentes e suas marcas deixadas no psiquismo.

A invenção freudiana da noção de pulsão¹⁵³, encontrada no texto **Os instintos e suas vicissitudes**, é certamente um avanço do autor em relacionar a geografia do corpo com a construção da fantasia, uma das nossas preocupações durante este percurso sobre a construção da noção de natureza infantil. Nesse texto, não só relaciona a sensação e a

¹⁵³ Mas uma vez insistimos em justificar a manutenção do termo pulsão, não somente por conta de uma possível maior fidelidade ao termo Trieb usado por Freud, pois, como trabalhou SOUZA, em *As palavras de Freud* (São paulo: Ática, 1999), o termo instinto em português ainda poderia ser indicado, mas em todo caso, pelo que argumenta Lacan, em seu seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de janeiro: Jorge Zahar, 1996; o termo pulsão merece ser mantido pelo caráter de um impacto desconcertante que a palavra apresenta e, conseqüentemente, pelo que provoca no leitor. Acreditamos ser uma argumentação interessante por guardar na própria palavra o impacto da invenção freudiana.

representação, como também o “ interno” e o “ externo”, e define a pulsão como um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático¹⁵⁴.

A finalidade da pulsão, tratada pelo autor nesse texto, sobre as vicissitudes de uma pulsão, refere-se à “consecução do prazer do órgão” e somente quando uma “síntese” é alcançada é que eles entram em função da reprodução. As vicissitudes da pulsão (reversão ao seu oposto, retorno em direção ao eu, repressão, sublimação) engendram outros aspectos que escapam à pura erogeneidade corpórea e indicam sua articulação com o psiquismo.

Tomemos, por exemplo, a reversão em seu oposto, que pode se dar em relação tanto à finalidade quanto ao conteúdo. A reversão em seu oposto, em sua finalidade, aponta “pulsões componentes” como amostras interessantes da tentativa freudiana de relacionar uma erogeneidade no corpo com a representação disso. Vejamos no caso do olhar, por exemplo, em que temos o olho como órgão que favorece a pulsão. O olhar é tomado como atividade de prazer. O objeto é inicialmente seu próprio corpo (no caso da passividade) e num terceiro tempo, o seu próprio corpo é tomado como

¹⁵⁴ S. FREUD, “*Os instintos e suas vicissitudes*”. Obras completas, Col Standard, Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 142.

objeto para o olhar do outro. Ou seja, temos o corpo e o interesse impulsionador numa relação de prazer que o sujeito estabelece com o outro ou consigo mesmo e, a partir daí temos uma representação psíquica.

Na reversão da pulsão ao oposto no que se refere ao conteúdo, Freud considera as oposições ao amor. Desloca a palavra amor para a relação ego – objeto e define o amor: *“deriva da capacidade do ego de satisfazer auto-eroticamente alguns de seus impulsos instintuais pela obtenção do prazer do órgão.”*¹⁵⁵ Podemos, de forma segura, observar a tentativa do autor de realizar essas passagem importante entre mental e físico, amor e prazer do órgão. A reversão ao seu oposto relativa à finalidade, indica a análise das posições do indivíduo (lugares entre sujeito e objeto). A reversão da pulsão relativa ao conteúdo se refere ao amor como o que preenche, o que oferece conteúdo ao movimento pulsional.

O interesse aqui de relatar sobre as pulsões sexuais classificadas como independentes das zonas erógenas, é porque apresentam uma estreita relação com a perversão (raízes do sadomasoquismo e exibicionismo). Essas pulsões envolvem as pessoas na qualidade de objetos (ver, exibir-se,

¹⁵⁵ S. FREUD, (1915) *“Os instintos e suas vicissitudes”*. Col. Standard, vol XIV, rio de janeiro: imago. 1969, p. 160.

crueldade). A importância, além da estreita relação com a perversão, é abrirem espaço para explicar a influência da sedução, já que são independentes, ou seja, não nascem exclusivamente das zonas erógenas.

Como realizam uma estreita relação com a perversão, devem passar pela vicissitude de repressão, e a compaixão seria uma expressão observável dela. Freud tenta resolver o problema da repressão para poder pensar o que ocorre na infância, e assim, organiza melhor a passagem para a vida sexual adulta. Deparamo-nos com a repressão como uma necessidade, tanto a partir do texto sobre o narcisismo quanto a partir do texto sobre as vicissitudes da pulsão.

A propósito da repressão, Freud acrescenta que a atividade anal e seus produtos constituiriam a primeira vez em que o pequeno sujeito vislumbraria a existência de um meio hostil em relação a suas produções pulsionais e aprenderia a separar seu próprio ser do outro, consumindo a partir daí a primeira repressão de suas possibilidades de prazer; por conta disso, o prazer genital seguiria vencendo o prazer da cloaca. Encontra aqui a razão pela qual o indivíduo abandonaria o prazer pré genital em função da conquista de um prazer genital.

Podemos insistir, em vários dos pontos desse pequeno percurso, nas oportunidades criadas por Freud para acionar os mecanismos psíquicos que descreve com manifestações observáveis, como nesses exemplos: "os produtos da atividade anal", "compaixão para argumentar em favor da repressão".

Os acréscimos realizados a partir da edição de 1920 merecem também uma cuidadosa leitura. Esse período é também o mesmo período preparatório ao texto **Mais além do princípio do prazer**¹⁵⁶, publicado em 1920. Em **Mais além do princípio do prazer**, o autor também irá fazer todo um trabalho de retorno às fontes biológicas, porém não se trata de um retorno a um organicismo ou biologismo científico, pelo contrário, como afirma Monzani¹⁵⁷ ao enumerar diversas críticas que foram realizadas ao texto pelo seu caráter pouco científico e desvirtuado. Nesses acréscimos realizados a partir de 1920, o autor se refere, em muitas passagens dessa época, às questões biológicas ou orgânicas. Vejamos algumas dessas passagens: *os autores que consideram a região intersticial das glândulas germinais como o órgão determinante do sexo se viram forçados, na raiz de*

¹⁵⁶ S. FREUD, (1920) *"Mais além do princípio do prazer"*. Col. Standard, vol XVIII, 1969.

¹⁵⁷ L. MONZANI, *Freud, movimento de um pensamento*. Op.cit.

*certas investigações anatômicas, a falar, por sua vez, de sexualidade infantil*¹⁵⁸.

Logo nos deparamos com um Freud que se utiliza de dados e contribuições da organogênese para, além de convencer seu leitor, ao mesmo tempo, reiterar o uso, no caso aqui da biologia, em utilizar certos elementos que são elementos da mesma tradição de ciência. A partir dos acréscimos de Freud que incluíam argumentos da própria biologia, esses autores se veriam forçados a acrescentar em suas observações elementos da sexualidade infantil. Em outra passagem desse mesmo ano, por exemplo, ao se referir a Havelock Ellis, que emprestou¹⁵⁹ o termo auto-erotismo, Freud afirma que: *"para a psicanálise, o essencial não é a gênese e sim o vínculo com o objeto"*¹⁶⁰. Como podemos perceber, Freud, aqui também, vai aos poucos desmontando os argumentos usados pelos sexólogos contemporâneos e definindo o campo da psicanálise.

¹⁵⁸ S. FREUD, "Tres ensayos..." op. cit. p. 160.

¹⁵⁹ RODRIGUE, E. Sigmund Freud, o século da psicanálise, Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 123. "Freud em cata a Fliess, em 1899, falou pela primeira vez do auto-erotismo como a mais inferior das camadas sexuais agindo com independência de qualquer fim psicosexual e exigindo somente sensações locais de satisfação. O termo foi tomado emprestado de Havelock Ellis, que havia lançado um ano antes um artigo intitulado "Auto-erotism: a psychological study."

¹⁶⁰ Idem, nota 15 p. 164.

Em suma, os acréscimos realizados no ano de 1920 somaram, ao segundo dos três ensaios, uma maior aproximação, não com o biológico necessariamente, mas com o corpo, um corpo como fonte de prazer sexual: *“o organismo constitui o poder executivo de toda sexualidade infantil”*¹⁶¹. Essa aproximação do orgânico e da anatomia com o corpóreo faz com que compreendamos a razão dele também acrescentar, nesse mesmo ano, não só a existência da castração nas mulheres, como sua diferença¹⁶² para com o homem: o pênis é tido como substrato para a castração, e a percepção de sua inexistência pelas mulheres determina o complexo de castração.

Finalmente, em 1924, no seu ultimo somatório de notas ao texto, Freud acrescenta a fase fálica. Essa nota é incluída depois da publicação, em 1923, do texto **A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade**. Nesse texto, Freud dará importância à marca da diferença entre os sexos: o pênis favorecerá a descoberta desta diferença para o menino e para a menina. Mas o interessante para a organização da teoria, é que essa valorização do pênis nessa fase não implica uma primazia dos genitais e sim uma primazia do falo. Dessa forma, mantém certamente

¹⁶¹ FREUD, S. *“Três ensaios...”* op. cit. nota 29, p. 172.

uma diferença entre sexualidade infantil e vida sexual adulta. Essa fase se apóia numa zona genital, mas com diferenças em relação à organização sexual adulta, por exemplo, a criança só conhece uma classe de órgão sexual: o masculino. Essa fase *“mostra um objeto sexual e certo grau de convergência das aspirações sexuais sobre esse objeto, porém se diferencia da maturidade genésica. Com efeito, não conhece mais que uma classe de genitais, os masculinos”*¹⁶³.

Os acréscimos de 1924 ao segundo dos três ensaios, favorecido pelo texto sobre **A organização genital infantil**, contam, portanto, com os termos: castração, instauração da diferença menino e menina (polarizada por ativo e passivo) e primazia do falo. O que indica também que a castração e a fase fálica se apresentam nesse momento da obra publicada sustentando uma relação do indivíduo com seu corpo.

Da Organização. O segundo ensaio sobre a sexualidade infantil apresenta uma organização extremamente peculiar. É preciso, segundo alguns comentadores ¹⁶⁴, para conseguir desenrolar a lógica dessa

¹⁶² Nosso grifo aí é para marcar que é muito mais a diferença observada entre os sexos do que o órgão pênis que irá chamar atenção de Freud, por isso, mais ao corpo do que ao biológico pendem seus comentários a partir de 1920.

¹⁶³ S. FREUD, *“Tres ensayos...”* op. cit. nota 42, p. 181.

¹⁶⁴ J. LAPLANCHE, *Freud e a sexualidade: desvio biologizante*, op. cit.

organização, ler o texto sobretudo a partir das suas várias edições¹⁶⁵, respeitando sua cronologia e, realizar uma leitura em diversas dimensões, para que passagens importantes não sejam negligenciadas. No primeiro ensaio, a sessão sadismo e masoquismo; no segundo, a elaboração sobre o fantasia e o desenvolvimento da organização sexual infantil; no terceiro, restou a teoria da libido. Ora, mesmo que assim procedamos, ainda existe certa obscuridade na intenção de Freud com relação à organização final do segundo ensaio¹⁶⁶.

A própria organização desse segundo dos três ensaios merece, do nosso ponto de vista, uma apreciação, pois, além de constituir uma estratégia do autor para convencer seu leitor, funciona como uma radiografia do contexto em que seus conceitos foram sendo produzidos. Decifrar essa organização nos servirá tanto para considerarmos o efeito de *só-depois* da apresentação final do texto, como para indicarmos a especificidade desse construto determinante na obra freudiana que é a natureza infantil

¹⁶⁵ 1910, 1915, 1920, 1924.

¹⁶⁶ Pois apesar de levarmos em consideração as várias edições, o que nos interessa particularmente aqui, além das passagens posteriormente adicionadas, comentadas por Laplanche, é acompanhar a construção da noção de natureza infantil.

É na direção do deciframento da organização dos textos que uma exaustiva pesquisa sobre o estilo de Freud, realizada por Souza¹⁶⁷, mostra-nos o quanto é enganador pensar que Freud era um escritor “espontâneo”, cujas obras já saíam irretocáveis de sua mente. Afastando-nos um pouco de uma idealização improdutiva sobre o escritor Freud, podemos testemunhar através de seus textos que, ao escrever, tinha o objetivo de levar o leitor sempre em consideração¹⁶⁸: *Um traço marcante do prosador Freud é a relação de camaradagem, quase cumplicidade, que logra estabelecer com o leitor.*¹⁶⁹

Interessa-nos problematizar a lógica inerente a este segundo ensaio, pois, dessa forma, acreditamos poder vislumbrar algumas relações que a organização do texto impõe ao seu conteúdo. Recorramos mais uma vez a Souza:

No entanto, há obras em que Freud parece não se dar conta do leitor, ou não tratá-lo com a deferência de que vimos alguns exemplos. [...]

¹⁶⁷ P. C. SOUZA, *As palavras de Freud*, op. cit.

¹⁶⁸ P. COTET citado por SOUZA op. cit.

¹⁶⁹ P. C. SOUZA, op. cit., p. 26.

Vêm-nos à lembrança, de imediato, a prosa seca e objetiva dos “Três ensaios de um teoria da sexualidade”, ou a abstração algo elíptica e ascética de “Inibição, sintoma e angústia”, além de alguns dos chamados textos “metapsicológicos”.¹⁷⁰

Não considerar o leitor nessas obras deve-se ao caráter dogmático desses textos, ou seja, são textos em que os resultados da sua pesquisa são apresentados na forma final, sem nenhuma ou com pouca ilustração para o leitor em relação ao seu caminho. Pode-se também perceber, além do que afirma Souza, que existe de início uma falta de clareza do próprio Freud ao relatar o tema da sexualidade infantil¹⁷¹. Cabe indagar se existe mesmo desligamento para com o leitor nesse texto que estamos investigando, ou se mais uma vez existe uma clara intenção de Freud de apresenta-los em sua forma final como textos científicos, com direitos a determinadas argumentações, observações, construções de hipóteses pretendidas verificáveis, dentre outros.

A forma final do segundo ensaio apresenta-se assim: o texto é iniciado com uma introdução que se bifurca nos títulos: “O descaso para com o

¹⁷⁰ Idem, p. 28.

infantil” e “amnésia infantil”, em que o autor dará uma breve justificativa sobre a necessidade do estudo da sexualidade infantil e, ao justificar esse estudo, já faz uma primeira analogia: amnésia infantil e amnésia histérica. Ou seja, mais uma vez deixa claro que, para entender a amnésia histérica, temos que compreender a amnésia infantil. Isso nos apresenta um Freud em duas ordens de estratégias: a primeira a de prevenir que antes de qualquer oposição do leitor às suas novas teses, é necessário convencê-lo de que ele, o leitor, também sofre de amnésia infantil, pois quando se trata do caráter sexual das suas vivências, não irá recordar nada do que se passou com ele na infância. Caso não consiga identificar em si próprio as manifestações sexuais relatadas pelo autor, já se tem uma explicação: foram esquecidas. A segunda, que perpassa a construção de sua teoria do período que estamos estudando pelo menos, a de circunscreve-la no campo das ciências naturais¹⁷².

¹⁷¹ Após dez anos de oscilações a respeito da sexualidade, temos a saída da infância da inocência. Mas a caracterização dessa sexualidade também não se fará em um único ano, como desenvolveremos mais tarde.

¹⁷² "Finalmente, percebemos por que a cientificidade está tão automaticamente ligada, nos escritos de Freud, a essas ciências determinantes que são a física e a química: é porque elas valem menos como ciências particulares entre outras do que como canteiro e ceme do método da ciência da natureza propriamente dita". Em ASSOUN, *Epistemologia freudiana*, idem, p. 55.

Vejamos o primeiro problema ocasionado por essa organização específica ao segundo ensaio: qual é o propósito de Freud iniciar as sessões desse segundo ensaio referindo-se ao período da latência? Nessa mesma sessão, introduz o sub-tema das *irrupções* nesse período de latência e depois abre um outro item para abordar as *manifestações* da sexualidade infantil. Posteriormente, apresenta duas sessões que foram acrescentadas em 1915: “Investigação sexual infantil” e “As fases do desenvolvimento da organização sexual”. Finalmente, termina o ensaio abordando as fontes da sexualidade.

A estratégia de Freud em iniciar o texto com o tema da latência, período onde não existe manifestação sexual comprovada e observável, provoca uma certa confusão importante quanto a esse período. A latência é um momento na infância em que as *moções* sexuais estão desviadas da sua meta, a união dos genitais. Dessa definição, poderíamos inferir que isso ocorre durante toda a infância, período durante o qual as *moções* sexuais são desviadas de sua meta, a ser alcançada na puberdade: *as moções sexuais desses anos infantis seriam inaplicáveis, pois as funções da*

*reprodução estão diferidas, o que constitui o principal caráter do período de latência; por outro lado, seriam perversas,...*¹⁷³

Segundo este mesmo raciocínio, observamos que, mesmo nesse período de latência, podem existir irrupções, desvios na própria sublimação, ocasionando manifestações sexuais:

*De tempos em tempos irrompe um bloqueio de exteriorização sexual que se subtraiu à sublimação, ou certa prática sexual se conserva durante todo o período de latência até o estouro reforçado da pulsão sexual na puberdade*¹⁷⁴

Inicialmente, não parece claro se Freud pensava a latência valendo para toda a infância, sendo apenas entrecortada por algumas temporárias irrupções da sexualidade, "exteriorizações"; ou se ele simplesmente tentava seduzir o leitor desavisado quanto a uma possível sexualidade na infância, para posteriormente apresentar suas teses revolucionárias.

¹⁷³ S. FREUD, "Três ensaios ..." op. cit, p. 162.

¹⁷⁴ Idem, p. 162.

Acreditamos que essa organização se deve realmente à estratégia freudiana de convencer o leitor, o que desfaz a argumentação de Souza¹⁷⁵ sobre o caráter não interlocutivo desse ensaio.

Freud tentou iniciar o ensaio com o período de latência para introduzir as manifestações sexuais infantis que apresentaria posteriormente, já com o leitor supostamente conquistado pelas suas idéias. Sendo que esse suposto leitor inclui certamente toda a sexologia da época, que descrevia uma sexualidade infantil patológica.

No nosso ponto de vista, o que existe de importante no que Freud está querendo demonstrar é que, mesmo num momento em que *aparentemente* não existe nenhuma manifestação sexual, a sexualidade está presente, através da sublimação e da formação reativa. Como bem define Sulloway, ao comentar sobre a influência de Fliess:

Freud tinha os dois processos de sublimação e formação reativa como responsáveis pelo desvio da libido para outras saídas psíquicas durante o período de latência. (...) São estes dois mecanismos psíquicos e não a aparente irrupção da

¹⁷⁵ P. C. SOUZA, op.cit.

*atividade sexual que constituem a essência da "latência" na teoria Freudiana posterior*¹⁷⁶.

O segundo problema referente a organização do texto, ainda sobre a latência, deve-se a cronologia das descobertas freudianas.

*Como já foi dito, a preocupação de Freud nesses tempos era opor uma sexualidade infantil desorganizada a uma sexualidade organizada, a partir da puberdade, sob o primado genital. É somente após a emergência da idéia de uma organização pré-genital que a noção de fase da libido passa a ser possível*¹⁷⁷

Em 1905, quando escreve sobre a latência, não terá ainda desenvolvido o tema das pesquisas sexuais infantis, assunto privilegiado na

¹⁷⁶ SULLOWAY *Freud biologist* ...op. cit. p. 167. Nessa mesma oportunidade, o autor se dedica a pensar os pontos de influência recíproca entre Fliess e Freud. Aí estão incluídos esses dois mecanismos psíquicos que Freud denomina sublimação e formação reativa, teorizados antes por Fliess com outros nomes, além do caráter perverso polimorfo e zonas erógenas. A periodicidade, também matéria fliessiana, foi amplamente tentada por Freud em suas teorizações sobre a sexualidade infantil." *é suficiente dizer que Fliess avança seus pontos de vista sobre a sexualidade infantil espontânea num momento em que Freud, obstinado pela sua fé numa teoria do trauma (teoria da sedução) das psiconeuroses, se agarrasse em minimizar essa possibilidade. Assim que Freud abandona finalmente sua teoria da sedução, ele a substitui por uma teoria que era muito mais fliessiana de inspiração*". Ora vejam, após Freud planejar um livro com Fliess sobre sexualidade, o autor arrisca: " *não é exagerado dizer que por trás dos Três ensaios de Freud se dissimula o fantasma por muito tempo ignorado da biologia sexual de Fliess*". P. 164.

¹⁷⁷ E. RODRIGUÊ, *O século da Psicanálise*, Escuta São Paulo, 1995, p. 125.

teorização da sublimação. Podemos notar, até então, o caráter anárquico com que Freud aborda o tema e, dessa forma, parece que até 1905 o período de latência realmente não está tão bem definido e delimitado. Em 1905 não existe definição de períodos ou fases, e Rodrigué aponta que só depois das outras edições (1910, 1915, 1920, 1924), o polimorfismo da edição original foi reduzido.

A latência não poderia ser pensada como uma fase sem que a noção de fase libidinal fosse implementada dentro da organização pré-genital, antes que a noção de fases da libido seja possível (oral, anal e fálica). A nossa hipótese é que, como uma organização para a sexualidade infantil só será possível a partir de 1915, e a descrição da fase fálica em 1924, a latência¹⁷⁸ antes disso não tem também uma organização delimitada por um *período*, e é definida como um momento da sexualidade infantil em que não se pode *observar* uma exteriorização sexual, mas nem por isso a sexualidade estaria apagada. Propomos aqui então que, quanto a esse aspecto, se não lermos

¹⁷⁸ Podemos encontrar na própria obra de Freud alguns trechos que corroboram nossa hipótese. No terceiro ensaio, por exemplo, temos uma passagem interessante: “*o malogro da função do mecanismo sexual por culpa do pré-prazer se evita, sobretudo, quando já na vida infantil se prefigura de algum modo o primado das zonas genitais. Os dispositivos para isso parecem estar realmente presentes na segunda metade da infância (desde os oito anos até a puberdade)*” ed. Amorrotu, p. 193. Ora vejam, dos oito anos até a puberdade? Onde

esse segundo ensaio levando em conta as várias edições e considerando que o próprio Freud foi realizando suas descobertas e escrevendo sobre elas paulatinamente a partir de outros textos, torna-se confuso pensar a inserção *da latência como um período* antes de terem estruturado as organizações sexuais infantis.

A partir daí um terceiro problema é configurado: se ainda em 1905 não existe uma organização sexual infantil, existiria para Freud algum momento privilegiado no qual a repressão seria instaurada? A repressão, importantíssima para pensarmos a natureza infantil e a vida sexual adulta, também é melhor esclarecida após o ano de 1915.

O que está claro desde 1905 é que, na infância, as crianças, desde a mais tenra idade. (bebês por exemplo), possuem de forma observável manifestações que se poderiam dizer sexuais, por comportarem uma liberação de prazer. Essas exteriorizações sexuais são exemplificadas com o chupeteio e a masturbação. Mas essa visibilidade perde terreno na latência, através do mecanismo da repressão: “ *processo através do qual o prazer da*

estaria a latência nesse caso? E continua : “ *Nesses anos, as zonas genitais se comportam já de maneira similar à época da maturidade....este efeito segue carecendo de fim*” .

satisfação se transforma em desprazer" ¹⁷⁹. A repressão e a latência têm motivos para se tornarem cúmplices e estruturantes no que tange à sexualidade.

Freud desenvolve que a repressão tem duas fases. A primeira, que consiste em negar no consciente a entrada do representante do reprimido, e com isso favorecer uma *fixação*. A segunda, chamada de repressão propriamente dita, afeta os derivados mentais que entram em contato com o reprimido. Mas, um aspecto importante é o fato de que, nessa segunda fase da repressão, cada conteúdo terá sua parcela de repressão particular. Explica o autor que existe um reprimido parcial ¹⁸⁰, e o exemplifica com o caso do fetiche, que apresenta um conteúdo reprimido dividido em duas partes: uma que sofre realmente o processo da repressão; outra, que passa pelo processo da idealização.

¹⁷⁹ S. FREUD, (1915), *A repressão*, Obras completas, col. Standard, Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIV, 1969 p. 169.

¹⁸⁰ Essa tese de um recalque parcial, segundo Henri Rey-Flaud, é uma tese completamente inédita. Ele acrescenta: " *O recalque parcial é assim introduzido como uma espécie de solução conciliatória entre a conservação 'perversa' da satisfação anal infantil e o recalque dessa satisfação, operado nas formas clássicas da neurose*". REY-FLAUD, *Comment Freud inventa le fétichisme... et reinventa la psychanalyse*. Paris: Payot, 1994, p. 34.

A partir daí temos: uma organização da repressão em fases e a noção de uma periodização¹⁸¹ na organização sexual infantil e, portanto, um lugar, marcadamente um período para a latência, definindo-o assim, como uma *fase* de latência. Doravante, assim podemos relacionar a repressão e a latência. Como nos aponta Laplanche, essa *fase* limite marca o fato de que há uma passagem entre a sexualidade infantil e a adulta. Somente a partir de 1915 aparece uma separação e caracterização clara entre sexualidade infantil e vida sexual adulta. A partir desse ano, o autor organiza o que antes, em 1905, tinha deixado pulverizado: uma organização da distinção entre o sexual na infância e no adulto.

Retornemos ao início: a quebra da suposta relação natural entre objeto sexual e pulsão sexual, realizada no primeiro capítulo, foi essencial para delinear-mos, a partir da independência da pulsão, a possibilidade da sexualidade infantil. Como a sexualidade na infância não poderá arcar com as exigências da reprodução da espécie e da escolha genital, a configuração da sexualidade infantil oferece, no nosso entender, a possibilidade de repensar os moldes reprodutivos e genitais para a sexualidade. Ora vejam,

¹⁸¹ Não podemos nos esquecer de que uma das influências de Fliess sobre Freud foi a tentativa de periodização, claramente marcada no decorrer das várias edições dos três ensaios.

uma meta sexual que não esteja comprometida com o objetivo da reprodução está se desviando, *pervertendo* a norma.

Através dessa separação entre pulsão e objeto, pronunciada por Freud, uma ampliação da concepção de sexualidade é provocada, portanto, uma elasticidade nas caracterizações particulares da sexualidade infantil e vida sexual adulta, se realiza. A partir de 1915, a entrada das fases da libido, da repressão e da latência, constituindo um período delimitado, será determinante para um novo limite entre a criança e o adulto. Novo limite, pois, longe de ter igualada os dois tempos de maturidades sexuais, apenas ao ampliar a noção de sexualidade, descaracterizou a antiga concepção de sexualidade como genitalidade, retirando do prumo antigos limites. Além da subordinação da latência a uma organização sexual infantil, foi necessário também que, a partir de 1924, a noção de fase fálica fosse introduzida. Depois da separação ocorrida em 1915 entre vida sexual adulta e sexualidade infantil, a fase fálica amortizará essa passagem entre o sexual na criança e no adulto. Ou melhor, a entrada da fase fálica na organização libidinal vai acrescentar o aparecimento de uma certa “genitalidade” antes da puberdade, numa fase ainda pré-genital, diríamos. Desta forma, o aparecimento do privilégio da genitalidade na vida sexual adulta não se daria

de forma tão abrupta, mas sim como uma consequência lógica das vivências sexuais infantis.

Da cronologia. Em 1905 são, portanto, características da sexualidade infantil:

- Ter a condição de se repetir, ser ritmada como se se tratasse de uma condição orgástica.
- Não conhecer nenhum objeto sexual externo ao corpo, e ser, portanto, auto-erótica.
- Sua meta sexual está subordinada à zona erógena, apresentando uma verdadeira polimorfia do prazer.
- As manifestações sexuais infantis são exteriorizações observáveis e demonstráveis:

*é observando a polimorfia perversa na criança que podemos começar a formar uma idéia de sua natureza e de seu modo de funcionamento. Ela é um conjunto disperso, autônomo, de atividades sem ordem nem organização. Cada uma delas segue seu próprio destino e não tem nada a ver com sua vizinha.*¹⁸²

¹⁸² L. MONZANI, “Movimento ...” op. cit. p. 31.

Já em 1924, a sexualidade infantil apresenta-se:

- Organizada em fases libidinais (oral, anal e fálica)
- Apresenta objeto sexual, mesmo que somente o masculino representado pelo falo, de interesse para ambos os sexos.
- A diferença sexual passa a ter importância na constituição da sexualidade.
- Existem zonas erógenas em todas as partes do corpo, mesmo nas internas (mucosas), ainda que existam algumas privilegiadas.
- Existirá um período de repressão e um período de latência na passagem para vida sexual adulta:

Barreiras, diques, vão progressivamente se instalando, de tal modo que essa multiplicidade, essa diversidade, vai se canalizando e centralizando. Na criança, a fase fálica é o apogeu desse processo. Bloqueios que funcionam como interdições onde a sexualidade vai se centrando progressivamente. Restrições que dirigem e orientam a excitação sexual (repugnância , vergonha) e a focalizam de forma preferencial. Eis a essência do processo¹⁸³.

- Na decomposição da pulsão, vão existir outras que não são exclusivamente sexuais, mas que se ligam a elas; como é o caso da pulsão do saber.
- A observação não poderá oferecer instrumentos para o conhecimento da sexualidade infantil : *"Se os homens soubessem aprender com a observação direta, este ensaio poderia não ter sido escrito"* ¹⁸⁴.

A novidade foi, portanto, anunciada em 1905, e de forma anárquica, poderíamos dizer, revolucionária. Apesar de as edições posteriores terem vindo somar esforços na descrição e caracterização da sexualidade infantil, pleiteiam uma organização, um *desenvolvimento* para esse caráter anárquico e polimorfo inicial das pulsões sexuais infantis. O somatório desse primeiro período (1905-1915), anárquico e perverso, com o segundo período (1915-1924), organizador e desenvolvimentista, inscreveram e marcaram a originalidade do pensamento freudiano sobre a sexualidade infantil e imprimiram uma reviravolta determinante na semântica da sexualidade, assim como provaram definitivamente a existência de uma natureza infantil.

A partir da aproximação dessas duas noções, perversão e sexualidade infantil, a constituição da natureza infantil se faz com os tangenciamentos

¹⁸³ Idem, p. 37.

¹⁸⁴ S. FREUD, *"Três ensaios..."* op. cit., prólogo à quarta edição. p. 120.

entre manifestações da geografia do prazer no corpo e fantasia infantil. Todo esse percurso por Freud realizado irá definir uma natureza infantil que "demonstre" conexões entre o prazer corpóreo e suas representações.

Nesse segundo dos três ensaios, por exemplo, observamos não só a caracterização de uma geografia do prazer no corpo, através dos estágios da libido, mas também uma incipiente tentativa de descrever as representações das pulsões, através do que denominou a pulsão de saber. As teorias sexuais infantis entram em cena para tentar possibilitar que as sensações corpóreas fossem representadas. O privilégio na caracterização da sexualidade infantil não apaga a tentativa, mesmo que incipiente, de retratar a pulsão de saber a partir das teorias sexuais infantis, como uma aproximação inicial e possível entre as duas séries, geografia do prazer no corpo e construção da fantasia. Temos portanto, indícios para a caracterização de uma natureza infantil, como pontos de conexões, associações entre a geografia do prazer no corpo e a fantasia.

Do Nachträglich. O efeito do *só-depois* nesse texto traz a dimensão de uma força acumulada de vinte anos. O caráter revolucionário do texto é mantido devido a essa peculiar organização, que uma leitura pouco avisada do texto esconde, tornando-o uma verdadeira condensação de pesquisas e

descobertas de um período de vinte anos. Portanto, o efeito de *só-depois* destaca pontualmente, num único texto, o caráter revolucionário de uma virada teórica que levou vinte anos para se tornar determinante. Onde concluímos que, se por um lado não existe uma separação abrupta e repentina entre a vida sexual adulta e a sexualidade infantil; por outro lado, esta segunda arcará com singularidades e especificidades que a tornam diferente da primeira.

Dadas essas oscilações entre perversão e sexualidade infantil que constrói duas séries entre prazer no corpo e representação psíquica, torna-se necessário enfrentar, mais tarde, um certo caráter definitivo da noção de natureza infantil. Será mesmo tão eterna, tão incorruptível, tão imperecível assim essa peculiar natureza infantil ?

O último dos três ensaios apresentará a tentativa freudiana de cultivar essa separação (vivência sexual infantil e vida sexual adulta), agora apontando as singularidades da vida sexual adulta. O pêndulo vai para o outro lado numa volta a mais da espiral.

O preço para amadurecer

O terceiro ensaio, chamado por Laplanche¹⁸⁵ de "instinto reencontrado", apesar de mais polêmico e mais árduo para a leitura, merece ter sua importância reconhecida, pois nos possibilitará acompanhar o caminho percorrido por Freud entre a vida sexual adulta e a sexualidade infantil nesse momento de sua obra:

*A pulsão sexual era até então predominantemente auto-erótica, agora direciona-se ao objeto sexual. Até esse momento, atuava partindo de pulsões e zonas erógenas singulares que, independentemente umas das outras, buscavam um certo prazer em qualidade de única meta sexual. Agora é dada uma nova meta sexual; para alcançá-la, todas as pulsões parciais cooperam, ao passo que as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital*¹⁸⁶.

¹⁸⁵ J. LAPLANCHE, "La sexualité", op. cit.

¹⁸⁶ S. FREUD, "Três ensaios..." op. cit., p. 189.

Nesse pequeno parágrafo, Freud praticamente resume sua tese: é preciso que haja uma cooperação de pulsões parciais com a única e determinada meta de privilegiar a zona genital e, conseqüentemente o encontro com o outro sexo.

Temos inicialmente a impressão de que Freud realiza um retrocesso no terceiro ensaio, como se toda aquela riqueza pulsional se restringisse ao velho recurso de recorrer à reprodução da espécie para explicar a direção da sexualidade. Vejamos o que afirma Monzani ¹⁸⁷: *“Quando o leitor inicia o terceiro ensaio, tudo se passa como se ele estivesse defronte de uma outra rede conceptual, regida por princípios e ordenadores diferentes daqueles que até agora tinham comandado o discurso”*.

É preciso, no entanto, deixar clara, como afirma Monzani, a dificuldade desse ensaio: *“De fato, há múltiplas interpretações e todas elas indicam claramente que há no terceiro ensaio uma série de dificuldades que seria inútil tentar minimizar”* ¹⁸⁸.

¹⁸⁷ L. MONZANI, op. cit., p. 31.

¹⁸⁸ Idem, p. 32.

Para nós o que parece estar em jogo é todo o esforço freudiano em decifrar não somente a sexualidade infantil, mas a passagem para a vida sexual adulta, e descrever as vicissitudes sexualidade no adulto.

Freud inicia esse esforço na direção do problema econômico do prazer-desprazer, definido por ele mesmo como um ponto sensível da psicologia atual. O grande problema seria explicar como o indivíduo abandonaria o prazer das zonas erógenas¹⁸⁹ para um prazer a ser alcançado com o primado genital, se essas mesmas zonas erógenas já oferecem um prazer sexual. Para dar conta dessa questão, Freud recorre à noção de pré-prazer.

A entrada da noção de pré-prazer, prazer este advindo do estímulo das próprias zonas erógenas, proporciona a Freud dois ganhos para sua teorização. O primeiro, que foi encontrar um motivo para justificar a passagem para o primado genital, e o segundo, promover um aspecto a mais na diferenciação entre vida sexual adulta e sexualidade infantil:

O pré-prazer, portanto, é o mesmo que já pudera ser produzido, embora em menor escala, pela pulsão sexual infantil; o prazer

final é novo e, portanto, provavelmente está ligado a condições que só surgem na puberdade. A fórmula para a nova função das zonas erógenas tem, assim, o seguinte teor: elas são empregadas para possibilitar, por meio do pré-prazer delas extraído, como na infância, a produção do prazer maior da satisfação¹⁹⁰.

Tanto esse novo prazer, quanto essa nova função, é o que gostaríamos de salientar. Salientar por se tratar de uma diferenciação, quantitativa (no caso do novo prazer, que seria um prazer maior de satisfação) e qualitativa (no caso da nova função, pois a qualidade da função é modificada), na caracterização da vida sexual adulta e da sexualidade infantil. Vale notar que a não aquisição desse novo prazer ou dessa nova função subordinaria o indivíduo a uma atividade sexual patológica:

A melhor maneira de se evitar esta falha da função do mecanismo sexual em virtude do pré-prazer é quando a primazia dos órgãos genitais já se prenuncia também na infância, e, na verdade, as coisas parecem efetivamente

¹⁸⁹ O prazer das zonas erógenas é de intensidade menor e não leva a um aumento de tensão.

¹⁹⁰ S. FREUD, "Três ensaios..." op. cit., p. 217. (grifo nosso).

combinar-se para promover isto por volta da segunda metade da infância (idade de oito anos até a puberdade).¹⁹¹

Essa explicação do pré-prazer também favorece descartar as explicações biológicas e químicas das substâncias sexuais ¹⁹²: “ *De qualquer modo, fica de pé a advertência de que não devemos atribuir à acumulação de produtos genésicos operações das quais não parece capaz* ¹⁹³”. De fato, observamos que se existe algum sinal do aparecimento genital ainda na infância, é porque o caráter sexual do torna-se adulto, não se daria sem um prévio anúncio. Essa segunda metade da infância combinaria um pré-prazer anterior e prenunciaria a primazia dos órgãos genitais na vida adulta.

A combinação não seria somente entre pré-prazer e prazer genital, mas entre as sensações das zonas erógenas e sensações da zona genital. Essas zonas genitais se convertem na sede de excitações e alterações sempre que as zonas erógenas forem acionadas. Daí também temos a explicação da relação entre as zonas erógenas e os genitais: as últimas são “acionadas” através das primeiras já na infância. Como argumenta o próprio Freud: “*Já na infância, portanto, ao lado do prazer da satisfação há certa*

¹⁹¹ Idem, p. 218.

¹⁹² Idem, Item 2) *O problema das excitações sexuais*. p. 194.

*quantidade de tensão, embora seja menos constante e em menor quantidade*¹⁹⁴”.

Mas somente em 1915, com a entrada da teoria da libido, temos uma apreciação de como Freud enfrenta esse problema que se apresenta: *“temos estabelecido o conceito de libido como uma força suscetível de variações quantitativas, que poderiam medir processos e transposições no âmbito da excitação sexual* ¹⁹⁵”. Ou seja, além do caráter quantitativo (aumento de tensão gera desprazer e prazer é tender ao equilíbrio), temos o caráter qualitativo, ao separar a energia libidinal das outras classes de energia psíquica. Assim, Freud separa libido egóica e libido objetal e possibilita pensar que essa energia está, por vezes, no corpo, no próprio ego e é narcisista; ou investida no objeto, o que completa o raciocínio sobre a necessidade da relação objetal ¹⁹⁶.

Na criança, a libido não apresentaria inicialmente essa distinção entre libido egóica e objetal. Acreditamos que por mais que Freud esteja tentando aproximar a sexualidade infantil da vida sexual adulta, na verdade, trata-se

¹⁹³ Idem, p. 195.

¹⁹⁴ Idem, p. 218.

¹⁹⁵ Idem, p. 198.

¹⁹⁶ Contribuição já comentada anteriormente ao ser tratado o texto Sobre o narcisismo: uma introdução, op. cit.

muito mais de constituir aí dois campos. Porém, pretende fazê-lo de forma gradativa, branda e coerente. Além disso, é preciso não esquecer que sempre uma parte característica de um campo vai invadir o outro campo.

Nesse movimento criança / adulto, Freud inicialmente pesquisa sobre as causas dos sintomas histéricos, levantando a hipótese de que estes seriam ocasionados por traumas advindos de vivências infantis. Recorre à separação em sua origem da pulsão e do objeto. Ao mesmo tempo, acredita que essas vivências infantis seriam de natureza sexual, e isso o leva a pesquisar sobre a sexualidade na infância. Após a descrição da sexualidade infantil, tendo essa parte da teoria sido desenvolvida, volta-se para o adulto e aponta nele fragmentos dessa sexualidade infantil (novo ponto da espiral). Até então, parece que tudo anda bem, mas os problemas teóricos aparecem quando, no retorno desse movimento pendular, a criança e suas exteriorizações passam a ser olhadas de modo distinto, como manifestações da sexualidade humana.

Nossa hipótese consiste, portanto, no fato de que Freud desenha uma constituição de dois campos que possuem uma zonas de interface, tanto no aparecimento das sensações genitais na infância, quanto na sobrevivência de certa polimorfia perversa infantil no adulto. O que se subtrai dessa zona

de interface continua sendo a distinção do patológico: desenvolvimento de um primado genital na infância e a exclusividade e fixação de um prazer perverso no adulto.

Portanto, o que o autor realiza é uma *atenuação* da diferença quanto à sexualidade da criança e à do adulto. Essa atenuante entre ambas as vivências advém como consequência lógica da quebra da relação entre a pulsão e o objeto, e oferece a possibilidade mesma de se pensar a sexualidade na infância.

Observa-se que, no percurso para o conhecimento, começamos por fazer uma idéia muito exagerada da diferença entre a vida sexual infantil e a madura, e agora fazemos uma emenda a isso. [...] Não só os desvios da vida sexual normal como também a configuração normal desta são determinados pelas manifestações infantis da sexualidade¹⁹⁷.

Quando Freud se refere a uma idéia inicialmente muito exagerada da diferença entre vida sexual infantil e adulta, acreditamos que está se referindo ao período da teoria publicado antes de 1905, em que o

¹⁹⁷ S. FREUD " *Três ensaios...* " op.cit. p. 218.

aparecimento da sexualidade na infância era sinal de patologia. Como essa citação é de 1905, época em que o caráter anárquico das pulsões era determinante, acreditamos que é o período em que o autor mais aproxima as noções (sexualidade infantil e vida sexual adulta), dado que, a partir de uma extrema ampliação da noção de sexualidade, sua expectativa era a de comprovar a sexualidade infantil.

Nesse caminho de diferenciações temos ainda, nesses três ensaios, a distinção entre o homem e a mulher e a eleição objetual. Dois pontos chave na caracterização da sexualidade a partir das singularidades na criança e no adulto.

A separação entre masculino e feminino só toma significação após a puberdade, e essa distinção será fundamental na sexualidade do adulto: *“que influi de maneira decisiva, mais que qualquer uma outra, sobre a trama vital dos seres humanos”¹⁹⁸*. Na criança, a fase fálica, que é uma primeira aproximação para com a zona genital, apresenta o caráter unicamente masculino dessa representação genital: ter ou não ter o pênis marca, de certa forma, o prelúdio para a organização genital madura. Porém, apresenta o masculino como referência para a representação psíquica, o clitóris, por

exemplo, este aparecerá como: “homólogo à zona masculina, a glânde”¹⁹⁹. Inicialmente, todos têm pênis. Só depois é possível a percepção de que alguns não possuem e, conseqüentemente, a crença de que outros poderiam perdê-lo. A representação no psiquismo de um único órgão, o masculino, traz conseqüências que a mulher terá que enfrentar. Segundo Freud, terá de realizar um caminho do clitóris até a vagina para sua prática sexual posterior. Não é nosso objetivo aqui adentrar pelas vicissitudes da sexualidade feminina, mas comentar sobre as “distinções entre os sexos”, estamos retratando mais uma marca de grande distinção, apontada por Freud, entre esses dois tempos de maturidade, adulto e criança.

*Desde que me familiarizei com esse ponto de vista da bissexualidade, considero que ela é fator decisivo nesse aspecto e que, sem levá-la em conta, dificilmente se chegará a compreender as manifestações sexuais do homem e da mulher como nos oferece a observação dos fatos*²⁰⁰.

A fase fálica e o complexo de castração marcam de forma definitiva a passagem da sexualidade infantil e vida sexual adulta, e nessa distinção a

¹⁹⁹ S. FREUD, “Três ensaios ...” op. cit. p. 200.

diferença sexual se inscreve como determinante. Certamente esse momento do desenvolvimento libidinal que apoia em um único órgão a sexualidade para ambos os sexos, o falo, faz retornar em Freud o tema da bissexualidade, porém, de forma bem diferente de tempos anteriores da obra e distanciada das influências de Fliess.

Depois desse momento inaugural, em que a libido irá desenhar a geografia do prazer no corpo, chega-se à latência. Na latência, a criança transforma esse amor inicial em correntes de ternura e amor por outras pessoas.

A angústia é uma prova desse laço de amor que as crianças nutrem pelos pais e que, graças à barreira do incesto, conduzem a criança à maturidade e à eleição do objeto. É por essa razão, continua Freud²⁰¹, que a eleição de objeto se consuma primeiramente na esfera da representação, no espaço das fantasias (representações não destinadas a executar-se). Quando chegar o tempo da puberdade, já terão existido nas representações os sentimentos pelos pais, e serão protótipos para a futura eleição de objeto:

¹⁹⁹ Idem, p. 201.

²⁰⁰ Idem, *Ibidem*.

²⁰¹ S. FREUD, op. cit

“A eleição *objetal* a partir da puberdade será um reencontro do objeto²⁰²”; a eleição do objeto (encontro) é, portanto, um reencontro.

Na puberdade existirá a necessidade de distinção sexual e o primado da zona genital irá se firmar: “no rapaz, o ímpeto do membro ereto remete imperiosamente a uma nova meta sexual: penetrar na cavidade do corpo que excite essa zona genital²⁰³”, esse encontro do objeto é um reencontro do objeto perdido na infância, quando ainda o objeto sexual estava fora do corpo, o seio materno.

Acreditamos que a marginalidade que até então o complexo de Édipo sofria na teoria da sexualidade infantil dá seus primeiros sinais de ser revisada e, dada a invenção da fase fálica (devido ao complexo de castração) e da latência (momento das correntes de amor e ternura da criança por outras pessoas), que o complexo de Édipo começa a ser incorporado à sexualidade infantil. É aqui, no terceiro ensaio, em apenas uma nota de rodapé acrescentada em 1920 (após o texto **Uma criança é espancada**) que o complexo de Édipo parece explícito:

²⁰² S. FREUD, “*Tres ensaios...*” op. cit. p. 217.

²⁰³ S. FREUD, “*Três ensaios*” p. 202.

se tem dito com acerto que o complexo de Édipo é o complexo nuclear das neuroses, a peça essencial do conteúdo dessas. Nele culmina a sexualidade infantil que, por suas conseqüências, influi decisivamente sobre a sexualidade do adulto ²⁰⁴.

O que ocorre é que essas inclinações infantis, essas fantasias (representações que não se realizam), apresentam-se na vida sexual adulta:

É no mundo das idéias, contudo, que a escolha de um objeto é realizada inicialmente na vida e a vida sexual dos jovens em amadurecimento é quase inteiramente restrita ao terreno das fantasias(...) Entre essas tendências o primeiro lugar é ocupado com freqüência uniforme pelos impulsos sexuais da criança em relação aos pais, que via de regra, já são diferenciados devido à atração pelo sexo oposto. ²⁰⁵

A escolha de objeto também será um ponto decisivo para a teorização da passagem da sexualidade na criança e a vida sexual madura, porém, com isso Freud pode iniciar a incorporação necessária da teorização sobre o

²⁰⁴ Idem, p. 206 nota 28.

²⁰⁵ Idem, p. 234.

complexo de Édipo e fantasias infantis à sexualidade infantil, em que essa tendência à escolha de objeto está ainda restrita ao terreno das fantasias.

Notemos que nessa citação, o autor, já de uma só vez, trata da latência, da escolha inicial de objeto, da fantasia e do complexo de Édipo. Apesar do caráter polêmico instaurado por esse terceiro ensaio, ao tratar da confluência das pulsões para uma só meta e do aparente retrocesso anteriormente citado aqui, o que acompanhamos é a paciente tentativa freudiana de realizar a passagem da sexualidade infantil para vida sexual adulta, e mais ainda, ao construir esse caminho irá ainda propiciar o início da incorporação do complexo de Édipo à sexualidade infantil, que no próprio texto dos **Três ensaios** ainda se restringe a um mapeamento dos prazeres das zonas erógenas.

Acreditamos que o fato de escrever sobre a sexualidade na puberdade, sobre suas transformações, o autor indica sua preocupação em elaborar as contingências e vicissitudes de uma passagem necessária: da sexualidade infantil à vida sexual adulta. A nossa hipótese é que Freud precisava esclarecer teoricamente essas diferenças após ter tido que

apazigua-las²⁰⁶. Trata-se agora de minimizar, sem deixar de marcar as diferenças necessárias, mas para que isso ocorra sem um retrocesso da separação abrupta entre ambas, e para que a prova da existência das manifestações sexuais infantis continue com toda força, será necessário, além de caracterizar a sexualidade infantil, incorporar a essa caracterização inicial, o complexo de Édipo, nuclear das fantasias infantis. Esse movimento será fundamental para nossa pesquisa sobre a construção de uma noção de natureza infantil, a partir da aproximação entre perversão e sexualidade infantil, que ao nosso ver se define pelas conexões entre uma geografia dos prazeres no corpo (privilegiadamente teorizado no texto dos **Três ensaios**) e uma construção da fantasia infantil (prioritariamente articulada no texto **Uma criança é espancada**).

Entre a primeira publicação dos **Três ensaios** e o texto **Uma criança é espancada** temos quatorze anos de teorizações para Freud; e mais relações entre a sexualidade infantil e a perversão são realizadas. Vamos a esse segundo texto.

²⁰⁶ No segundo ensaio sobre sexualidade infantil fizemos referência a esse movimento do texto freudiano.

Uma criança é espancada

Embora o título desse ensaio indique sua contribuição ao estudo das perversões e desperte, com muita frequência, interesse pela gênese da perversão, é aqui que a idéia insistente da aproximação entre as noções de perversão e sexualidade infantil, mais precisamente fantasias infantis, ganha fôlego.

É curioso, entretanto, que dentre os principais objetivos apontados pelo autor ao artigo, não encontramos a iniciativa que perpassa todo o texto: compor com a fantasia o que faltava às articulações sobre a sexualidade infantil:

Essas observações podem ser utilizadas em vários sentidos: para esclarecimento da gênese das perversões em geral e do masoquismo em particular, e para avaliar o papel desempenhado pela diferença de sexo na dinâmica da neurose²⁰⁷.

²⁰⁷ S. FREUD, (1919). " Uma criança é espancada, op. cit., p. 239.

Seu editor, James Strachey²⁰⁸, também tece alguns comentários a esse respeito para indicar que o texto constitui um exame detalhado de um tipo de perversão : o masoquismo. O que nos interessa particularmente, nesse mesmo texto, é o surgimento de uma outra dimensão no objetivo do ensaio: a construção da estruturação da fantasia inconsciente, porque para tal empreendimento o texto terá que passar por pontos por nós abordados nesse trabalho, a saber, o empenho do autor em aproximar a fantasia das exteriorizações sexuais infantis proposta de forma incipiente no último dos **Três ensaios sobre as teorias sexuais**, em 1905; apontar quais são os elementos fundamentais para Freud poder relacionar a geografia do prazer no corpo e a construção da fantasia; afinar as definições que o texto propõe entre a vida sexual adulta e a sexualidade infantil.

Portanto, a construção que se impõe é: de um lado, temos as zonas erógenas e o prazer parcial do corpo, descrevendo nos **Três ensaios** uma disposição perversa polimorfa na criança; por outro lado, no texto **Uma criança é espancada**, temos a narração do prazer obtido em uma fantasia infantil perversa no adulto, construída a partir do Complexo de Édipo. Em uma frase podemos resumir a essencialidade desse texto para nossa

²⁰⁸ J. STRACHEY , nota do tradutor em FREUD, *Uma criança é espancada (...)*.op. cit.

investigação “A fantasia liga-se agora a uma forte e inequívoca excitação sexual, proporcionando, assim, um meio para a satisfação masturbatória²⁰⁹”.

Essa criança, não sou eu

Resumamos essa trama central: o que Freud vai examinar são basicamente fantasias sobre crianças sendo espancadas, em que o observador, o paciente, sente um misto de prazer e repugnância. Normalmente não sabe quem é a criança espancada ou quem está espancando²¹⁰, e são lembranças relativas a crianças de dois a seis anos. Freud relaciona fantasia e manifestação de prazer, caracterizando-a como uma situação imaginária, que promove uma satisfação auto-erótica.

Vejamos as primeiras impressões de Freud no texto: a fantasia de espancamento é uma fantasia de infância que foi retida na memória. Esse “resíduo” é retido com o propósito de satisfação auto-erótica: é um traço primário de perversão.

²⁰⁹ FREUD S. , “ Uma criança é espancada...” op. cit., p. 233.

²¹⁰ É interessante observar a insistência do autor em tentar retratar como nebulosa, indescritível, de difícil lembrança e relato. Do nosso ponto de vista, toda essa ênfase serve para preparar o tema da repressão. Logo no início do texto, vai tratar, por exemplo, dos

Durante sua investigação, Freud descobre que essa fantasia, esse *resto de lembrança*, tem uma lógica: é construída sob os moldes da repressão e deve tratar, portanto, de uma representação importante na vida do indivíduo.

A partir da sua clínica chegou à observação nos relatos de seus pacientes que essas fantasias tinham três fases: a primeira, em que a criança não é conhecida e o espancador é o pai. Na segunda, a criança se vê na própria criança que está sendo espancada. E na terceira fase, o espancador é desconhecido, é um professor, por exemplo, espancando muitas crianças.

Na primeira fase da fantasia, *“meu pai bate numa criança que eu odeio”*, resume Freud : *A idéia do pai batendo nessa odiosa criança é, portanto, agradável, independente de ter sido realmente visto agindo assim. Significa: ‘O meu pai não ama essa criança, ama apenas a mim’²¹¹.*

A primeira fase resume o que Freud denomina o “egoísmo infantil”. Segundo o autor, parece que é característico da criança ser “egoísta”, querer o amor dos pais apenas para si. Contamos, portanto, com a satisfação em

temas da culpa e vergonha, fazendo notar, a partir daí, o caráter de hesitação presente na recordação.

²¹¹ S. FREUD, *“Uma criança é espancada...”* op.cit., p. 232 e 234 respectivamente.

ser o preferido, o escolhido pelo pai. Nessa fase da fantasia existem três personagens: o pai, a criança que apanha, e o paciente que assiste à cena. Porém, esse prazer e essa satisfação encontram no seu caminho a culpa em relação à odiosa criança e em relação ao amor do pai. Passa-se para uma segunda fase.

Já a segunda fase, é eleita como a mais importante e significativa, visto que, nela, o paciente admite ter um lugar na fantasia. Ao observar que a fantasia possa nunca ter tido existência, nota-se aí, ao indicar tal importância para a segunda fase, que a fantasia toma uma grande dimensão na roupagem da etiologia. A fantasia pode não ter correspondência com a existência: *"mas nem por isso é menos uma necessidade"*. Essa segunda fase se restringe a uma situação dual: o pai e o paciente quando criança: *"estou sendo espancada pelo meu pai"*. Aqui a fantasia passa de sádica para masoquista, e o prazer será ser espancado pelo pai, pois está sendo substituído aí o amor incestuoso impedido de aparecer dessa forma para o paciente, amor reprimido depois da infância.

A terceira fase, por seu lado, suprime não só o executor da sova, mas a própria criança autora da fantasia, e temos uma des-subjetivação da fantasia. Apesar de uma excitação nos órgãos genitais já estar presente na

fantasia desde a primeira fase, a particularidade aí, nessa terceira fase, é que, nesse momento, a fantasia se liga a uma “forte e inequívoca” excitação sexual, e com isso provoca o meio inquietante para a satisfação masturbatória.

Para nós, essa construção da fantasia tem significado importante, pois aqui se encontra uma importante tentativa do autor de conjugar sensações sexuais e representantes psíquicos inconscientes. É exatamente por meio dessa relação entre a construção da fantasia e a satisfação masturbatória que encontraremos elementos para pensar, nesse período da obra freudiana, o espaço para a entrada do complexo de Édipo. O início dessa estratégia em articular o prazer corpóreo à representações psíquicas, já tinha sido tratado no terceiro dos **Três ensaios** ao articular latência e fase fálica aos sentimentos de amor e ternura que nutria a criança pelos pais. Mas é o Complexo de Édipo que propiciará, a partir do texto **Uma criança é espancada**, o início deste enlace necessário entre a sensação, a geografia do prazer no corpo, e a representação, a construção da fantasia.

Nos **Três ensaios**, até esse ano de 1919, já tinham sido acrescentadas à sexualidade infantil, basicamente caracterizada pela geografia do prazer nas zonas erógenas e a tentativa de repeti-la, as teorias

sexuais infantis. Propomos que esse texto, **Uma criança é espancada**, tentará efetivar a relação da fantasia infantil às excitações corpóreas, incluindo aí indícios do prazer da zona genital na infância e o complexo de Édipo.

Do lado do papel dos genitais:

*...podemos considerá-lo prova do fato de que os genitais já começaram a desempenhar o seu papel no processo de excitação [...] a criança parece estar convencida de que os genitais têm algo a ver com o assunto*²¹²

Do lado do complexo de Édipo:

*se a análise é levada até o período primitivo ao qual se referem as fantasias de espancamento e do qual são recordadas, ela nos mostra a criança envolvida nas agitações do seu complexo parental*²¹³

O complexo de Édipo será, a partir daqui, articulado como parte integrante e fundamental da sexualidade infantil:

²¹² Idem, p. 235.

*Em virtude de circunstâncias particulares que já foram freqüentemente assinaladas, o segundo grupo, o dos instintos sexuais, é capaz de derrotar as intenções de repressão e de forçar sua representação por formações substitutivas de natureza perturbadora. Por esse motivo, a sexualidade infantil, que é mantida sob repressão, atua como a principal força motivadora na formação de sintomas; e a parte essencial do seu conteúdo, o complexo de Édipo, é o complexo nuclear das neuroses*²¹⁴.

O complexo de Édipo é o conteúdo da fantasia, parte essencial da sexualidade infantil mantida sob repressão na vida sexual adulta. É nesse texto que essa inclusão aparece de forma mais clara. Nesse ensaio, portanto, indícios do papel dos genitais na infância e complexo de Édipo, são imprescindíveis para pensarmos a articulação entre geografia do corpo e fantasia infantil, levando adiante nossa pesquisa sobre a natureza infantil.

²¹³ Idem, p. 233.

²¹⁴ Idem, p.253.

Édipo: o conteúdo que faltava

O tema complexo de Édipo nos parece fundamental, uma vez que durante todos esses anos é apresentado à *coté* das pesquisas sobre a sexualidade infantil²¹⁵. Era necessário para Freud encontrar uma relação mais intrínseca entre o complexo de Édipo e as exteriorizações sexuais infantis.

Logo nos primeiros textos de Freud, o complexo de Édipo é ainda marginal. Não nos parece ser nem fácil e nem óbvia a relação existente entre a sexualidade e o Édipo²¹⁶, pelo contrário, o complexo de Édipo ficou à margem por um bom tempo na teoria²¹⁷, não aparecia como componente da sexualidade. Os sentimentos de amor e ciúmes para com os pais não

²¹⁵ Segundo Monzani: " *Algo que tem espantado muito os leitores dos três ensaios... é o caráter pouco marginal que ocupa a noção do complexo de Édipo durante todo o desenvolvimento do texto*". Acrescenta ainda que a existência marginal do complexo de Édipo não é privilégio somente dos três ensaios... mas de todos os textos até essa época. L. MONZANI: *Freud, Movimento de um pensamento*, op. cit., p. 34.

²¹⁶ Até o texto "uma criança é espancada" de 1919.

²¹⁷ Aqui refiro-me sempre ao complexo de Édipo nuclear das neuroses, sem levar em conta o Édipo que aparece em *Totem e tabu*, o representante da cultura. Mesmo porque esse representante da cultura não interessa no momento para as nossas preocupações, que são restritas ao construto freudiano de uma Natureza Infantil.

conseguem uma relação clara com o auto-erotismo e as zonas erógenas, a polimorfia perversa.

O que já era observado em textos anteriores era a existência de uma relação entre certos tipos de sentimentos e algumas sensações sexuais físicas, por exemplo, no texto **Esclarecimento sexual das crianças** isso já aparece:

*...muito antes da puberdade a criança já é capaz da maior parte das manifestações psíquicas do amor - por exemplo a ternura, a dedicação e o ciúme. Com freqüência, uma irrupção desses estados mentais associa-se às sensações físicas de excitação sexual, de modo que a criança não pode ficar em dúvida quanto à conexão entre ambos*²¹⁸

A existência dessa relação (ternura/ciúme e excitação sexual) não fazia com que Freud pudesse encontrar uma forma de comprometer as fantasias edípicas. Temos que pensar em dois tempos na relação entre corpo e fantasia: um primeiro, demonstrado na citação acima, em que dada a simultaneidade dos acontecimentos, manifestações psíquicas de amor e

ternura e sensações físicas de excitações sexuais, uma conexão é realizada. Um segundo tempo porém, se faz necessário, que é a realização dessa conexão ao tratar do complexo de Édipo.

A atitude de Freud no texto **Uma criança é espancada** realiza, na aproximação, entre essas manifestações da sexualidade infantil e complexo de Édipo, o envolvimento teórico para contemplar na sexualidade infantil um panorama mais amplo:

É na infância, entre os dois e os quatro ou cinco anos de idade, que os fatores libidinais congênitos são despertados pela primeira vez pelas experiências reais e se ligam a determinados complexos. As fantasias de espancamentos, que agora estamos considerando, só se mostram mais para o final desse período, ou após o seu término. Assim, pode muito bem ser que tenham um histórico anterior, que atravessem um processo de desenvolvimento, que representem um resíduo e não uma manifestação inicial ²¹⁹

²¹⁸ S. FREUD, (1907) "Esclarecimento sexual das crianças". Obras completas, Col. Standard, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1969, p.139.

²¹⁹ S. FREUD, "Uma criança é espancada..." op. cit. p. 230.

Freud através do exemplo da fantasia de espancamento contribui para esclarecer exatamente a relação entre essas experiências reais, as exteriorizações sexuais infantis e determinados complexos de fantasias. Daqui também vislumbramos a suspeita do autor de que o histórico anterior das fantasias de espancamentos poderiam ter alguma relação com as fantasias edípicas.

É verdade que o método freudiano de investigação que passa necessariamente pela observação ou relatos clínicos, não pode deixar de exibir exigências susceptíveis de se ligarem às definições de seus conceitos, como é o caso das fantasias despertadas por experiências reais.

Desde os **Três ensaios** já sabíamos que algumas características da perversão - como a fragmentação do prazer das zonas erógenas e a ausência do primado de uma zona de genital de prazer - estavam presentes na criança²¹². Assim, nos **Três ensaios**, a relação da sexualidade infantil com a perversão era basicamente marcada pela geografia do prazer no corpo. O início da relação desse represamento do prazer no corpo e a

²¹² Gostaríamos de manter clara a nossa posição em relação a diferença entre a perversão no adulto e a condição polimorfa perversa na criança, como já observamos desde o início do texto. Porém, gostaríamos de marcar a caracterização específica ao utilizar o conceito de perversão.

fantasia, foi inicialmente referido a partir de 1915 com as teorias sexuais infantis. As teorias sexuais infantis são fantasias elaboradas pelas crianças com intuito de satisfazer a pulsão de saber. Porém, essas fantasias, apesar de iniciarem a relação entre somato e psíquico, não serviam para explicar os prazeres sexuais do corpo, ou mesmo, acrescentar alguma descoberta à sua compreensão das patologias.

Na tentativa de incluir o complexo de Édipo na sexualidade infantil, Freud vai conjugar a perversão e o complexo de Édipo também, assim como nos **Três ensaios** conjugou perversão e sexualidade infantil. A perversão será também um elemento de ligação entre o complexo de Édipo e a sexualidade infantil:

A perversão não é mais um fato isolado na vida sexual da criança, mas encontra seu lugar entre os processos típicos, para não dizer normais, de desenvolvimento que nos são familiares. É levada a uma relação de objeto de amor incestuoso da criança, com seu complexo de Édipo. Destaca-se, de início, na esfera desse complexo; e depois que o complexo sucumbiu, permanece, quase sempre por si, como

herdeiro da carga de libido daquele complexo, oprimido pelo sentimento de culpa ligado a ele ²²⁰

Vejamos como o autor chega a brincar com os novos limites entre o patológico e o normal: a perversão encontra lugar em processos normais do desenvolvimento e ainda se liga ao complexo de Édipo. Além do mais, se a primeira experiência de todos os pervertidos é anterior ao sexto ano de vida, o que prova que a perversão, assim como a neurose, é herdeira do complexo de Édipo. “A neurose é o negativo das perversões” também porque ambas nascem em um mesmo princípio: o complexo de Édipo.

Os aspectos descritivos da perversão, que faz dela paradigma tanto nos **Três ensaios**, como aqui no texto **Uma criança é espancada**, não se encontram mais isoladamente em suas manifestações polimorfas das excitações sexuais infantis, também desenvolve uma relação com o objeto amoroso incestuoso da criança: na sua relação edípica. Se esses aspectos descritos da perversão não estão unicamente vinculados à disposição polimorfa das satisfações sexuais infantis, e sim também a uma relação de amor incestuoso com os pais, Freud parece completar finalmente, nesse

²²⁰ Idem, p. 239.

texto de 1919, as razões que o levaram ao estudo das perversões e sua relação com o infantil.

A constituição sexual anormal finalmente mostrou a sua força, impondo ao Complexo de Édipo uma determinada direção e compelindo-o a deixar para trás um resíduo incomum ²²¹.

Dada a direção tomada no complexo de Édipo, teremos as saídas posteriores: neurose ou perversão. Porém, está indicado que entre dois e quatro anos, ao serem despertadas pela primeira vez, as vivências sexuais geram um “resíduo”. Esses resíduos, depois dessa fase inicial, ligam-se aos complexos de fantasias. Desta forma, as fantasias de espancamento só aparecem após essa história anterior. Observa o próprio Freud que o “resíduo” não é ainda uma “manifestação”.

A partir dessa distinção aparentemente fugaz, Freud justifica a perversão: ela resta como resíduo e origina-se do complexo de Édipo.

Uma fantasia dessa natureza, nascida, talvez, de causas acidentais na primitiva infância, e retida com o propósito de

²²¹ S. FREUD , “ *Uma criança é espancada...*” op. cit., p. 239.

satisfação auto-erótica, só pode, à luz do nosso conhecimento atual, ser considerada como um traço primário de perversão ²²²

Esse traço primário de perversão não resultará (necessariamente) numa perversão no adulto. Trata-se de uma construção muito semelhante à dos **Três ensaios**: polimorfia perversa do prazer sexual infantil que não resultará em perversão no adulto.

O que nos parece também relevante, nesse propósito de juntar o complexo de Édipo com a perversão, é certamente reafirmar as analogias propostas nos **Três ensaios** entre sexualidade infantil e perversão. Em 1905, essa analogia foi realizada porque, permitindo a quebra da relação entre pulsão e objeto, seria conseqüentemente possível falar sobre sexualidade na infância. Aqui, em 1919, a junção entre perversão e complexo de Édipo nos serve para possibilitar a entrada do Édipo no campo da sexualidade infantil.

Seja traço primário de perversão, como relatado nesse ensaio, seja disposição perversa polimorfa, como nos **Três ensaios**, o que nos interessa é apontar a necessidade que Freud teve de tornar a perversão um paradigma e que os aspectos descritivos da perversão servem para

²²² Idem, p. 228.

caracterizar, tanto do lado da geografia do prazer no corpo, quanto do lado da construção da fantasia infantil, a natureza do infantil.

No que se refere à junção do complexo de Édipo com a sexualidade infantil, temos que adentrar um terreno insípido para Freud, a saber, a relação entre o externo e o interno. Por quê? Nesse caminho que estamos apontando, seria necessário acompanhar as relações entre a sexualidade infantil e o complexo de Édipo: caso a sensação e a representação consigam ser articuladas na etiologia. Parece-nos que a sexualidade infantil, como uma geografia do prazer no corpo, desenvolvendo a sensação como fonte de prazer provoca a repressão e a fixação. Por meio do complexo de Édipo temos a representação como uma construção da fantasia infantil, que terá também que passar pelas vicissitudes da repressão, ou mesmo da fixação.

O que merece um destaque de imediato e que responde a muitas das nossas indagações prende-se ao fato de que, ao mesmo tempo em que realiza uma junção entre as noções de perversão e o complexo de Édipo, Freud constrói uma relação entre as manifestações sexuais infantis e a fantasia. A vivência da sensação sexual provoca uma marca psíquica que para se tornar uma representação de prazer, necessitará a partir do complexo de Édipo ser re-significada, e terá assim seu conteúdo, "*fantasia*

liga-se agora a uma forte e inequívoca excitação sexual, proporcionando, assim, um meio para a satisfação masturbatória ²²³.

O papel da masturbação

O papel da masturbação não pode ser negligenciado aqui nesta busca freudiana²²⁴, nesse texto, a masturbação vai realizar uma conexão entre uma excitação e a fantasia, mas, para isso, Freud vai tentar apontar um certo papel dos órgãos genitais na obtenção do prazer ainda na infância. Ao referir-se à masturbação, Freud afirma: *“podemos considerá-la a prova de que os genitais já começaram a desempenhar o seu papel no processo de excitação* ²²⁵.

E acrescenta a seguir: *” Toda vez que dei crédito a essas afirmações, senti-me inclinado a presumir que a masturbação estava, inicialmente, sob o domínio das fantasias inconscientes e que as conscientes só as substituíam*

²²³ Idem, p. 233.

²²⁴ Em 1912, Freud enfatiza o papel da masturbação, não mais como elemento causal na etiologia das neuroses, mas aponta a importância de se prestar atenção nos efeitos da masturbação em uma neurose. Para ele, o “assunto da masturbação é inteiramente inexaurível”. S. FREUD, (1912), *“Contribuições a um debate sobre a masturbação”*. Obras completas, Col Standard, vol. XII, Rio de Janeiro: Imago. 1969.

²²⁵ S. FREUD, “ *Uma criança é espancada...*” op. cit., p. 235.

depois"²²⁷. Portanto, a masturbação também exerce seu papel constituinte: é um motivo para que uma exteriorização sexual ocorra sob o pano de fundo de uma fantasia inconsciente. Na rede que estamos tecendo sobre a trama teórica freudiana, mais uma vez nos deparamos com a necessidade epistêmica de relacionar conceitos mais abstratos (como o da fantasia) à observações de vivências reais (masturbação), o que lhe serve tanto na construção de uma novas noções em psicanálise, quanto na validação de suas hipóteses.

O que Freud deixa claro é que na criança ocorre a ligação de uma fantasia sexual infantil e o ato masturbatório, já no adulto: *"chega a época em que esse florescimento prematuro é estragado pela geada. Nenhum desses amores incestuosos pode evitar o destino da repressão"*²²⁸. A entrada do tema da masturbação favorece a junção entre fantasia edípica e sensações corpóreas e realiza também a inclusão do complexo de Édipo na sexualidade infantil.

²²⁷ Idem, p. 238.

²²⁸ Idem, p. 235.

Parece-nos, no entanto, que a proposta de Freud é tornar a fantasia a mola mestra no caminho da satisfação, mas a vivência sexual corpórea, no caso, a masturbação, serve também para facilitar o processo da repressão:

*Há muito presumimos que esse sentimento de culpa se relaciona com a masturbação da primitiva infância, e não com a puberdade; e que, no essencial, deve-se ligá-lo não com o ato da masturbação, mas sim com a fantasia que, embora inconsciente, está na raiz – ou seja, com o complexo de Édipo*²²⁹

No texto sobre a masturbação, essa relação já é citada, mesmo que ainda não articulada: *“devemos lembrar a significação que a masturbação adquire como realizadora da fantasia (...) temos de lembrar-nos de como a masturbação possibilita efetuar desenvolvimentos e sublimações sexuais na fantasia....*²³⁰”. O papel da zona genital na infância, masturbação e fantasias edípicas se enlaçam a partir das relações entre perversão e sexualidade infantil. É assim que o complexo de Édipo anuncia sua entrada ao campo da sexualidade infantil: será o conteúdo que servirá ao indivíduo para dar

²²⁹ Idem, p. 243.

²³⁰ S. FREUD, *Contribuições a um debate sobre a masturbação* op. cit. p. 316.

significações às marcas psíquicas ocasionadas na simultaneidade das ocorrências de sensações sexuais.

A função da fantasia nos textos iniciais de Freud já foi explorada no presente trabalho ao longo do primeiro capítulo, mas é interessante observar que Freud, nesses textos iniciais, sempre tentava verificar como a fantasia poderia propiciar uma sensação semelhante à sensação sexual.

O que observamos, nesse texto de 1919, é que, como a sexualidade infantil já estava caracterizada, já era hipótese verificada e comprovada, não seria ameaçador para sua sedimentação constituir a fantasia como mola mestra na etiologia, posto que já se tinha como conseguir uma "convivência pacífica" entre essa fantasia e a realidade da sexualidade infantil e, já podia também ser pensado um conteúdo para a fantasia originária infantil: o complexo de Édipo.

Freud perverte e re-organiza a sexualidade infantil²³¹, o que tem como efeito repensar a sexualidade no adulto e, conseqüentemente, as patologias, ao mesmo tempo em que uma das funções da aproximação da noção de sexualidade infantil e perversão é configurar um elo possível entre

²³¹ Através da introdução de uma organização libidinal, da fase fálica e da latência como um período determinado, como foi trabalhado no capítulo anterior.

manifestações sexuais infantis e complexo de Édipo. O fato desses sentimentos de amor e ódio se ligarem aos progenitores e a existência da masturbação, vai gerar a culpa necessária para a repressão. Porém, dada a organização que o caminho da teorização impunha, pensar a repressão também se fazia necessário.

A necessária repressão

Na verdade, não poderíamos deixar de lado o esforço freudiano em tentar mais uma vez explicar a repressão. Principalmente pelo nosso interesse na Natureza Infantil, pois, a repressão é um elemento que faz barreira entre a sexualidade da criança e a vida sexual do adulto; mas apostamos que após o desenvolvimento inicial da barreira da repressão, a manifestação de toda sexualidade será de outra ordem.

As inversões entre o que é lembrado e o que é reprimido nas fantasias de espancamento, propiciadas pelas suas três fases, relatam de forma clara que essas inversões são efeitos dos mecanismos de repressão

que não podem permitir passagem livre para fantasias edípicas. Depois que o complexo desaparece, relata Freud²³²:

(...) permanece, quase sempre por si, como herdeiro da carga de libido daquele complexo, oprimido pelo sentimento de culpa ligado a ele. Dessa forma, a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer.

Parece-nos fecunda essa metáfora da cicatriz para descrever esse tipo de resíduo das fixações perversas da infância, enquanto cicatrizes indicam as marcas de uma ferida que pode ainda ser descoberta.

Enquanto nos **Três ensaios** a repressão se dava de modo “natural”, aqui, a culpa advinda com a fantasia será fator fundamental para a repressão. E Freud nos convence: *Esse ser espancado é agora uma convergência do sentimento de culpa e do amor sexual.* Vejamos o que Freud novamente argumenta, ao se referir à fantasia de uma criança sendo espancada, sobre a relação entre masturbação, proibição e fantasia:

²³² S. FREUD op. cit., p. 241.

*Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios*²³³

Dada a visibilidade da masturbação, poderíamos inferir que a fantasia perversa de espancamento derivaria unicamente da relação genital proibida na infância, mas a fantasia é o *próprio substituto* da relação genital proibida. É apenas assim que compreendemos de onde se origina a fonte de excitação sexual, que se ligando à fantasia, encontra escoamento na masturbação. Parece-nos que estamos diante do antigo esquema arco reflexo do aparelho psíquico (pólo perceptivo- pólo motor)²³⁴, entretanto a entrada da fantasia edípica acrescenta à esse esquema um conteúdo distinto.

Parece-nos que alguns aspectos ainda se interpõem ao nosso raciocínio. Caracterizar a distinção entre sexualidade infantil e vida sexual no adulto parece ser uma importante finalidade nessa empreitada freudiana.

²³³ S. FREUD, *“Uma criança é espancada...”*, op. cit., p. 237.

²³⁴ FREUD, *Projeto...*idem.

*A origem do próprio complexo de Édipo e o destino que compele o homem, provavelmente sozinho entre todos os animais, a iniciar duas vezes a sua vida sexual: primeiro, como todas as criaturas, na primitiva infância, e depois, após uma longa interrupção, uma vez mais, na puberdade...*²³⁵.

Quando o próprio Freud se pergunta, nesse texto, sobre a diferença entre a perversão no adulto e na criança, oferece-nos a oportunidade para nos questionarmos. O que ele afirma, com a certeza de mestre, é que não se tem nenhuma garantia de que a perversão na infância terá como conseqüência uma perversão no adulto. Repetiremos de outra forma: o que Freud ensaia é tornar a descrição da perversão a possibilidade de ampliar a caracterização da sexualidade infantil. A partir das condições de maturidade necessários a um primado genital, não exercê-lo como meta e permanecer fixado a uma distribuição indistinta de prazer nas zonas erógenas, é que caracteriza a perversão no adulto. Mais uma vez nos inclinamos a afirmar que toda essa vacilação de Freud em torno da conjunção entre perversão e sexualidade infantil aponta muito mais para uma delimitada separação entre

²³⁵ S. FREUD, *idem*, p. 241.

os tempos de maturidade (criança e adulto) do que para uma verdadeira aproximação em superposição²³⁶.

Além disso, o aparecimento de aspectos do papel dos genitais na criança, através da masturbação²³⁷, favorece a articulação entre a necessidade de escoamento das exteriorizações sexuais e a excitação advinda das relações amorosas incestuosas infantis do complexo de Édipo. E se a masturbação, ato que corre o risco de ser punido, é o escoamento da excitação corpórea advinda do papel precoce exercido pelos genitais a partir da relação edípica da criança com os pais; podemos acrescentar a isso o fato de que a proibição da masturbação daria certa “visibilidade” à repressão, apesar de o mecanismo de repressão ocorrer independente dos fatores externos, demonstrando para a criança sua força e favorecendo a culpa.

A possibilidade de tornar observável fenômenos aparentemente abstratos, como os fenômenos psíquicos, sempre foi meta a ser atingida por Freud. Restava, entretanto, percorrer ainda algumas articulações (dentre as

²³⁶ Neste mesmo sentido temos a afirmação de Geraldo MAESO e colaboradores, quando afirmam que: *“resulta interessante remarcar aqui a vacilação freudiana, que oscila em alguns momentos em homologar a sexualidade infantil com a perversa, entretanto, que por outro lado, fazendo aí um regresso mais fecundo sobre seus desenvolvimentos, termina perfilando uma linha demarcadora entre ambas”*. *El porque de las perversiones en la obra de Freud y Lacan*, em *Rasgos de perversion en las estructuras clínicas*, Buenos Aires: Manancial. 1992, p. 175.

quais a que estamos trabalhando) para que esse projeto fosse posto à prova: conseguir conexões possíveis entre fenômenos visíveis e observáveis e noções inicialmente abstratas.

As oscilações da teorização deságuam na existência de uma marcada diferença entre as manifestações sexuais infantis e as suas cicatrizes no adulto. A natureza infantil passa necessariamente pelas conexões entre sensações sexuais infantis e as representações na construção da fantasia.

²³⁷ A partir de 1923 a "genitalidade" na infância será explicada pela primazia do falo.

CAPÍTULO TERCEIRO: NATUREZA INFANTIL

As considerações realizadas nessa dissertação, relativas à noção de natureza infantil na obra de Freud durante o período de 1895 a 1924, apontam a aproximação entre as noções de perversão e sexualidade infantil como uma das condições determinantes na delimitação da especificidade do campo psicanalítico. Além disso, registram a constituição de duas séries, geografia do prazer no corpo e construção da fantasia e delimitam as bordas entre sexualidade infantil e vida sexual adulta; de forma que, tanto a noção de perversão quanto a de infantil, são usadas de forma descritiva no contorno desses dois tempos de maturidade.

O recorte em três períodos

Os cortes em três períodos indicados nessa dissertação são apontados por marcarem, sobretudo, momentos fundamentais nesse percurso de oscilações e aproximações entre as noções de perversão e sexualidade infantil, além do que, oferece-nos a oportunidade de acompanharmos a construção da noção de natureza infantil.

No primeiro período, de 1895 até 1905, que denominamos de “mapeamento do campo”, pudemos observar na obra publicada, uma inicial e cuidadosa passagem relativa aos conceitos aqui estudados. Inicialmente, do lado da sexualidade, de uma infância inocente (impossibilidade de representar o sexual e, que portanto, suas vivências só poderiam ser significadas como sexuais após uma segunda vivência na puberdade) à suspeita, dessa vez determinante, da infância como um período indicado para pesquisar a origem das neuroses. Depois, do lado na noção de perversão, acompanhamos a uma bifurcação inicialmente muito nítida entre perversão patológica e o esboço de uma sexualidade perversa que poderia estar origem de todas as neuroses. Não mais uma sexualidade genital seria fonte das neuroses, mas sim, a sexualidade perversa.

Nesse período, de “mapeamento do campo”, algumas articulações teóricas realizadas pelo autor foram determinantes na aproximação entre as noções de perversão e sexualidade infantil, para caracterizar a noção de natureza infantil: a apropriação da noção de zonas erógenas (definindo um prazer fora da esfera genital), chegada da noção de fantasia (fragmentos de coisas ouvidas na infância), esboço da retirada da perversão do campo da patologia (sexualidade perversa como fonte das neuroses e período da

infância como origem das neuroses), e finalmente a infância como um período que será, nos anos posteriores, a fonte da pesquisa freudiana.

O segundo período, recortado na dissertação entre os anos de 1905 e 1915, caracterizado por nós como “reviravolta dos conceitos”, por se tratar de um período em que, dada a delimitação do campo realizada nos anos anteriores, Freud irá subverter os conceitos existentes para poder caracterizar a sexualidade infantil. Acreditamos que a principal reviravolta foi, sem dúvida, quanto à noção de perversão, a sua retirada definitiva do campo exclusivamente da patologia. Graças a esse movimento separa pulsão de objeto, o que não gera unicamente uma desnaturalização do instinto, mas o início da criação de conceitos extremamente psicanalíticos. A afirmação, nesse período, da existência e da caracterização da sexualidade infantil, portanto, não só foi uma grande transformação, como provoca a reviravolta de outras noções para a psicanálise, tais como: a já citada noção de perversão, a de infância, zonas erógenas e principalmente a descrição de uma outra anatomia para o corpo, a anatomia das zonas de prazer.

O terceiro período aqui apontado, 1915-1924, marca a maturidade de uma “construção teórica” original. Não é mais unicamente a inovação e transformações dos conceitos, mas uma construção específica da teoria

psicanalítica que está em jogo, separando-a das teorizações de pensadores da época. Permite-se, com a entrada da noção da fantasia no campo de avanços e descobertas dos anos anteriores, amarrar as especificidade para o campo psicanalítico. A entrada, nesses anos, das noções de fase fálica e latência como períodos, determina também possibilidades para articulações entre corpo e fantasia, assim como, entre os dois tempos de maturidade (criança e adulto).

Quanto à aproximação das noções de perversão e sexualidade infantil já iniciada em anos anteriores, apontamos a partir do texto **Uma criança é espancada**, articulações que faltavam entre as sensações corpóreas e as possíveis representações. Essa articulação foi determinante para a entrada do complexo de Édipo no campo da sexualidade infantil.

A problemática do tempo, presente de distintas formas nesses três períodos evocados, assume caráter explicativo: a simultaneidade dos acontecimentos instaura uma *relação imediata* entre os próprios acontecimentos. Por exemplo, a ocorrência dos estados mentais e as irrupções das sensações sexuais num mesmo momento pode favorecer e até mesmo realizar uma conexão entre ambos.

Desta forma, Freud conta os tempos: cronológico, quando se refere à criança e ao adulto; o da simultaneidade, quando evoca relações aparentemente distantes associadas por ocorrerem num mesmo tempo (a conexão entre sensação e representação); *só-depois*, quando se refere à leitura do infantil nas manifestações do adulto.

A despeito de a simultaneidade no tempo realizar um laço entre elementos que se apresentam desconectados de início, podemos continuar afirmando que essa conexão não inclui todo o paralelismo entre sensações e as atividades mentais, uma vez que estas são pontuais. Desta forma, ocorrem excitações corpóreas e, num determinado momento, a existência simultânea dessas excitações corpóreas e de fantasias relativas aos estados mentais (por exemplo: de amor, ciúme e ódio) faz com que concorram a um laço de parentesco que não existiria antes.

Esse três tempos evocados aqui, cronológico, da simultaneidade e do *só-depois*, permitem uma pesquisa mais abrangente e mais condizente com o estilo freudiano, ao afastar-se, por exemplo, de uma leitura exclusivamente linear. Ao tratar do infantil que existe no adulto, por exemplo, acreditamos não só apontar a diferença entre o infantil e a criança, mas demonstrar o efeito do tempo do *só-depois* na constituição desse infantil.

As séries de Freud

Encontramos nos três períodos acompanhados nesta dissertação (1895-1905, 1905-1915, 1915-1924) o delineamento de duas séries²³⁹: corpo, exteriorizações sexuais infantis, sensação, de um lado; e fantasia, complexo de Édipo, representação, de outro lado.

Seria presunçoso acreditar que essas duas séries, guiadas pela geografia do prazer no corpo e pela construção da fantasia, pudessem se tornar unívocas, compor uma única série, como se possível fosse retirar toda oscilação inerente às conceitualizações freudianas.

No texto **Três ensaios**, principalmente até 1915, o corpo será o foco e a mira do autor. A sexualidade infantil é descrita e caracterizada por excitações nas zonas de prazer existentes em todo o corpo. Algumas dessas zonas são privilegiadas em distintos momentos, são zonas que serviram de apoio à satisfação da necessidade biológica e a partir desse registro inicial e da característica de repetição, inscrevem essa zona na geografia do prazer

²³⁹ Supomos aqui ainda a influência do estilo Fliessiano de teorizar compondo séries: prazer, desprazer; masculino, feminino.

no corpo, inaugurando, como já afirmamos mais acima, uma outra anatomia para esse corpo. Portanto, fica muito claro, nos primeiros dez anos dos de acréscimos ao segundo ensaio, que a sexualidade infantil se restringe ao prazer indeterminado e difuso dessas zonas do corpo.

A partir de 1915, as teorias sexuais infantis vão oferecer à esta restrição inicial da sexualidade infantil certo acréscimo à sexualidade infantil, saindo do campo exclusivamente do corpo. Porém mesmo assim, as próprias teorias sexuais infantis ainda parecem ser uma continuidade para a tensão sexual das zonas erógenas:

...para ele (Freud) é porque há pulsão no corpo que haverá hipóteses. (...) É por isso que subscrevo a hipótese freudiana quando ele diz que é no pulsional que se origina um saber. Creio que essa é uma contribuição psicanalítica incontornável, do contrário, podemos nos contentar com o cognitivismo, etc.²⁴⁰

²⁴⁰ Bergés J. e Balbo, G. *A atualidade das teorias sexuais infantis*, Porto Alegre: CMC editora, 2001. P. 21 e 22.

Efetivamente, para Freud, as teorias sexuais infantis são manifestações da pulsão, ou melhor, tentam dar conta do prazer sexual corpóreo. É por isso que afirmamos, mediante essas duas séries (corpo e fantasia), que o texto dos **Três ensaios**, na caracterização da sexualidade infantil, privilegia o lado da série referente à geografia do prazer no corpo. A outra série descrita, a da construção da fantasia, é privilegiada no texto **Uma criança é espancada**²⁴¹. Afirmamos anteriormente, no terceiro dos **Três ensaios**, que para tratar da passagem da infância para a vida sexual adulta, Freud irá articular a fantasia com a sexualidade infantil. Mas no texto **Uma criança é espancada**, deixará claro que para que exista masturbação (que o menino ou a menina se toquem), é preciso que eles associem algumas fantasias. Poderá, então, a partir desse texto injetar o complexo de Édipo: são fantasias edípicas que a partir da culpa são recalcadas.

Ao aproximar sexualidade infantil e a perversão, os pontos de conexões entre essas duas séries são evocados para caracterizar a natureza infantil. O autor aposta na necessidade de conexões. É como se *au bout d'un moment* a ocorrência simultânea entre sensações e representações as

²⁴¹ Ao observarmos que uma série é privilegiada em um texto e a outra série é privilegiada em outro texto, não estamos descartando que podem ter percorrido caminhos distintos em

associa, por exemplo, na fase libidinal fálica o complexo de Édipo ganha um lugar.

A criança e seu adulto

Em 1923 temos um bom exemplo da oscilação freudiana entre sexualidade infantil e vida sexual adulta:

A aproximação da vida sexual da criança à do adulto vai muito mais além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto. (...) Ao mesmo tempo, a característica principal dessa organização genital infantil é sua diferença da organização final do adulto ²⁴².

No mesmo ano da publicação dos **Três ensaios para uma teoria sexual**, em 1905, Freud escreveu um texto pleno de referências sobre a

outros textos.

²⁴² S. FREUD (1923) *Organização genital infantil...* op. cit. p. 180.

idéia do infantil dessa época: **Os chistes e as espécies de cômico**²⁴³. A coincidência de datas não é a única especificação da relação entre esses dois textos; podemos observar, graças à coincidência de alguns de seus termos, a preocupação de Freud em relação a especificidades da natureza infantil.

Numa comparação entre o cômico e os chistes, utiliza-se da criança, da sua inocência: *"o tipo de cômico mais próximo dos chistes é o ingênuo"*²⁴⁴. Segundo o autor, a ingenuidade ocorre mais freqüentemente nas crianças e, se o efeito de ingenuidade que a pessoa contadora do chiste provoca é o levantamento da inibição na pessoa que escuta, é porque a ingenuidade, a mesma que ocorre numa criança, tem a capacidade de suspender a "barreira" que existe nos adultos: *"o prazer se origina pela suspensão da inibição interna"*²⁴⁵.

O sentido de infantil aqui liga-se à criança pela ingenuidade, o que oferece um "prazer puro"; ou melhor, ingênua quanto às suas palavras e ações, evoca nos adultos, levemente, o "cômico"²⁴⁶. Se o adulto é afetado

²⁴³ S. FREUD, (1905), "Os chistes e as espécies de cômico". Em Os chistes e sua relação com o inconsciente. Obras completas, col. Standard, Rio de Janeiro: Imago, vol. VIII, 1969.

²⁴⁴ S. FREUD (1905), Os chistes... op. cit., p. 208.

²⁴⁵ Idem, p. 212.

²⁴⁶ Idem, p. 252.

pelo efeito de comicidade, a partir da ingenuidade proposta pelo infantil, o riso pode ser considerado um momento de encontro entre a criança e o adulto: "*o ultimo riso da infância*". O cômico estaria invariavelmente do lado do infantil, e este infantil se apresenta, nesse caso, no levantamento da inibição que um traço do ser da criança provoca no adulto.

Analisando com prudência esses trechos do ensaio, podemos afirmar que Freud, apesar de aproximar a criança e o adulto, quando evoca o cômico do riso, torna a diferença entre ambos mais visível. O adulto pode ser afetado pela ingenuidade típica da criança, ao ser despertado pelo cômico, porém por exemplo, a criança não consegue ser um espectador para o chiste. O seu lugar será o de despertar o riso pela ingenuidade que lhe é peculiar. Seu lugar está bem definido. O adulto frente à criança será particularmente desviante, desviante em relação a esse outro que ele foi, dado que a criança fará apelo ao infantil nele. A criança em relação ao adulto é desviante, também, se considerarmos o encontro com o outro sexo e a reprodução como meta. A natureza infantil se torna desviada, em relação aos desvios relativos a um suposto biologismo do instinto, a partir da aproximação descritiva entre a noção de perversão e sexualidade infantil, que re-arruma as concepções de criança, de adulto e o laço entre eles. A

natureza infantil é também desviada em relação ao primado genital e à reprodução como meta.

A criança pode levantar a barreira da vergonha e por isso, desperta o suposto infantil do adulto. Essa “transposição” adulto-criança, realizada por Freud, é uma espécie de *tradução*. No caso do chiste, por exemplo, uma determinada manifestação de criança provoca uma manifestação no adulto que, favorece uma relação de proximidade, entre ambos, e assim exige ser traduzida numa suposição: é o infantil do adulto que retorna.

Segundo Vorcaro, Freud aproxima e diferencia a criança e o adulto dessa forma:

*a despeito de ser tida por Freud como diferente do adulto, a ele equivale, para ser modalizadora da repetição e do desejo, no jogo e no sonho: produtora de chiste, no equívoco da confecção de coisas em palavras; intimadora do pensamento e investigadora diante da urgência psíquica, e figuradora do sexual, na substituição simbólica.*²⁴⁷

Diferente e equivalente, a criança suscita no adulto a fantasia de suas próprias produções do período infantil. Essa fantasia advinda do tempo de criança está ligada, pelo tempo da simultaneidade, a erogenização das zonas do corpo.

Em 1907, no texto **Esclarecimento sexual das crianças**, o autor nos lembra que a estimulação na zona genital, por exemplo, é inevitável na primeira infância. No adulto a excitação genital é condição para seu tempo de maturidade na exigência da meta do primado genital, por outro lado na criança, a excitação na zona genital ocorre sem significar um estado patológico, e não é genitalidade, dado que a pulverização do prazer, em diversas zonas erógenas, não a leva a conjugá-las ao primado do prazer genital.

Ali verá que os órgãos de reprodução propriamente ditos não são as únicas partes do corpo que geram sensações de prazer sexual, e que a natureza dispôs as coisas de tal forma que as

²⁴⁷ A. VORCARO, *A criança e a clínica psicanalítica*, op. cit., p. 55.

*estimulações reais dos genitais são inevitáveis na primeira infância*²⁴⁸.

Assim como a estimulação dos genitais são “inevitáveis” na primeira infância, muito antes da puberdade, a criança já é capaz da maior parte das manifestações psíquicas do amor, por exemplo, ternura, dedicação e ciúme não seriam privilégio unicamente do mundo dos adultos. Mas como se agregam às sensações? “*Com freqüência, afirma Freud, uma irrupção destes estados mentais associa-se às sensações, físicas de excitação sexual, de modo que a criança não pode ficar na dúvida quanto a conexão entre ambos*”²⁴⁹.

A existência de uma visibilidade na criança provocada pelas manifestações sexuais infantis, favorece uma relativa visibilidade de conexões entre essas exteriorizações sexuais infantis e a fantasia. As construções das fantasias, portanto se tornam associadas, a partir da simultaneidade no tempo, às manifestações sexuais (que podem se encontrar inicialmente desconectadas de significações,

²⁴⁸ S. FREUD, (1907), “*Esclarecimento sexual das crianças*”. Op.cit., p. 139.

²⁴⁹ S. FREUD idem.

Aparentemente, o caráter de visibilidade²⁵⁰ apontado por Freud na criança, considerando suas exteriorizações sexuais, torna o infantil na criança o signo de sua transparência. Podemos nos arriscar a supor que essa visibilidade e simultaneidade concorrem, na criança, para a captação de um ponto de encontro entre essas duas séries: *“Não são difíceis de observar as manifestações da atividade infantil; ao contrário, para deixá-las passar despercebidas ou incompreendidas é que é preciso certa arte²⁵¹”*. Deste modo, a criança carrega, segundo Freud, a *capacidade de demonstrar* esse ponto articulado pela simultaneidade entre geografia do prazer no corpo e fantasias infantis, e essa demonstração só ocorre na infância. Essa visibilidade, essa exteriorização sexual infantil, provoca no adulto uma espécie de “atualização” do infantil do adulto, re-construindo ativando o sua fantasia inconsciente, de um suposto infantil opaco e recoberto pela repressão.

Na latência, por exemplo, essa visibilidade seria recoberta pelo véu da repressão, sob o qual essas conexões se encontram adormecidas:

²⁵⁰ A VORCARO, *A criança e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

Durante o período de vida que vai do final do quinto ano às primeiras manifestações da puberdade (por volta dos 11 anos) e que pode ser chamado de latência sexual, criam-se na mente formações reativas ou “contraforças”, como a vergonha, a repugnância e a moralidade. Na verdade, surgem às expensas das excitações provenientes das zonas erógenas e erguem-se como diques para opor-se às atividades posteriores dos instintos sexuais ²⁵²

No adulto, como efeitos da formação reativa, da vergonha, da repugnância e da moralidade, o ponto de conexão direto entre excitações das zonas erógenas e estados mentais já estaria reprimido. Por conseguinte, podemos delinear a hipótese que o estado infantil no adulto revela-se de forma *desviada* desse laço supostamente realizado no tempo de criança entre as duas séries (por vezes tangenciadas a partir da simultaneidade no tempo manifestações corpóreas de prazer parcial e fantasias infantis).

²⁵¹ S. FREUD, (1910), “*Cinco lições de psicanálise*”, Quarta lição. Obras completas, Col. Standard, Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 39.

²⁵² S. FREUD, (1908), “*Caráter e erotismo anal*”. Rio de Janeiro: Imago, col. Standard. 1969, p.177.

Tanto descritivamente o adulto aparece como alguém que tem suas conexões entre geografia do prazer no corpo e fantasia infantil recalçadas, quanto a criança apresenta, além da ingenuidade, citada no texto sobre os chistes, a crueldade como conteúdo referente a essas possíveis conexões:

A crueldade é coisa inteiramente natural no caráter infantil, com efeito, a inibição em virtude da qual a pulsão de apoderamento se detém ante a dor do outro, a capacidade de compadecer-se, se desenvolvem relativamente tarde. A ausência da barreira de compaixão traz consigo o perigo de que este enlace estabelecido na infância entre as pulsões cruéis e a zona erógena resulte imprescindível mais tarde na vida²⁵³.

Contudo se, em seus próprios relatos Freud tenta demonstrar o quanto as exteriorizações sexuais infantis são pouco percebidas como tais pelos adultos que não compactuam com sua existência, é que esse traço desconectado no adulto, impede-o de reconhecê-lo como sexual, mas a

manifestação sexual da criança pode, inclusive, afetar essa conexão recalcada do adulto. Em uma única situação de exceção, no caso dos pais nas relações com o filho, essa conexão não seria visível: *“A relação entre a criança e pais não é, como a observação direta do menino e posteriormente o exame psicanalítico demonstram e concordam, absolutamente livre de elementos de excitação sexual”*²⁵⁴.

Em 1910, por exemplo, nas **Cinco lições de psicanálise**, Freud acrescenta que as pulsões sexuais experimentam uma condensação e organização em duas direções, de tal modo que, no fim da puberdade, o caráter sexual está completamente formado: de um lado, subordinam-se todos os impulsos ao domínio da zona genital e se colocam a serviço da propagação da espécie; de outro lado, a escolha de objeto repele o auto-erotismo, de modo que os componentes da pulsão sexual só podem se referir à pessoa amada. Continuamos afirmando que o fato de existir uma preocupação do autor em diferenciar a criança do adulto não é irrelevante:

²⁵³ S. FREUD, *“Três ensaios...”* “op. cit.”, p. 175.

²⁵⁴ S. FREUD, (1910), *“Cinco lições em psicanálise”*. Quarta lição. Obras completas, col. Satandart, Rio de Janeiro: imago. 1969, p. 43.

A partir do terceiro ano de vida a criança já mostra muita semelhança com o adulto. Difere deste, conforme já sabemos, por lhe faltar uma organização estável sob a primazia dos genitais, por seus inevitáveis traços de perversão e, também, naturalmente, pela intensidade muito menor de toda a tendência sexual²⁵⁵.

A diferença entre a criança e o adulto, caracteriza-se por uma menor intensidade do impulso sexual na criança devido à distribuição igualitária do prazer em diversas zonas do corpo, porém, ultrapassa esse aspecto: trata-se de uma diferença concreta de meta.

Na conferência XXI observamos mais um outro lado sobre a questão da reprodução: *"apenas em virtude delas (as perversões) justifica-se afirmarmos que a sexualidade e reprodução não coincidem, pois é óbvio que todas as perversões negam o objetivo da reprodução²⁵⁶".* Portanto, a aproximação entre perversão e sexualidade infantil tem também uma função suplementar, além das citadas acima, de diferenciar o adulto do seu tempo

²⁵⁵ S. FREUD, *Conferência XXI*, Obras completas, Col. Standard, Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 382.

²⁵⁶ Idem, p. 375.

de criança, a de realizar a fundamental separação entre reprodução e sexualidade.

Portanto, se só na criança os germes das perversões podem surgir com intensidade moderada, é porque também na criança as metas de satisfações sexuais são indeterminadas e difusas, o que facilita uma fragmentação do prazer pelo corpo sem a necessidade de atingir o primado genital. No adulto, dada a necessidade da primazia dos genitais como meta da vida sexual, o prazer fragmentado das zonas erógenas a ele deverá se submeter. Dessa forma, no adulto as conexões ocorridas na infância entre sensações e representações, têm que ser re-arrumadas, recalçadas, para que a meta sexual do primado genital seja atingida dado que precisa de certa organização libidinal para tal. Depois de todo esse percurso, podemos afirmar, que existe uma separação concreta entre o adulto e a criança (dada as diferenças de metas), sem que haja um abismo entre ambos (dadas as supostas conexões infantis no adulto e dado ao aparecimento de excitações genitais nas crianças).

A perversão e sua função

A nomeação de perverso relativa à idéia de perversidade não foi abalada (nem na medicina e nem popularmente) após o avanço freudiano. A especificidade que ganhou o campo psicanalítico, a partir da mudança dos limites entre o perverso e a sexualidade humana como perversa, trouxe uma inovação sem precedentes para o termo perversão. A oscilação referente à homologação e ao distanciamento entre as noções de perversão e sexualidade infantil, ao nosso ver, traz a marca de uma importante inovação para o campo psicanalítico. O que determina, além de alguns compromissos, a própria constituição de uma das principais especificidades do campo psicanalítico.

Freud abordou o tema da perversão e o retirou do somatório dos preconceitos que sempre o relacionavam com perversidade. Julien²⁵⁷ afirma que em 1912, é o psiquiatra francês Ernest Dupré que denunciava:

²⁵⁷ JULIEN, P. *Psicose, perversão, neurose*. Rio de Janeiro: companhia de Freud, 2002. p. 101.

O termo perversão é um dos mais freqüentemente usados na linguagem psiquiátrica; encontramos-lo correntemente nas observações clínicas, nos relatórios médico-legais e nos certificados de internação.... Ora, se percorremos a bibliografia corrente da alienação mental, se consultarmos os grandes tratados de psiquiatria, não encontramos nenhuma obra, nenhum capítulo dedicado sob este título a este respeito.

Freud foge desse estigma e desde o início das teorizações freudianas temos alguns ensaios do autor apontando certas relações entre neurose e perversão²⁵⁸. São relações de oposição (uma sendo o negativo da outra), de paralelismo (ambas se originam do complexo de Édipo), de simultaneidade (ambas apresentam a participação das zonas erógenas na composição da sexualidade). Apesar dessas três magnitudes de relações, é a entrada da perversão nesse debate e sua relação com a

²⁵⁸ " A passagem para as perversões se fazia na medida em que o sujeito não houvesse reprimido suficientemente as tendências para a satisfação das necessidades eróticas parciais da sexualidade infantil e em que, finalmente, houvesse permanecido nelas; o caminho para as psicose neuroses prendia-se, ao contrário, ao fato de essas mesmas tendências terem sido excessivamente recalcadas e insatisfeitas, reaparecendo sob a forma de sintomas neuróticos". LANTERI –LAURA, *Leitura das perversões*, op. cit., p. 81.

sexualidade infantil que favorecerá o questionamento sobre a função da perversão na construção de uma natureza infantil.

Quanto à perversão e sua caracterização para Freud, apontamos duas divisões iniciais. Uma primeira divisão entre: perversão como constituinte da sexualidade e da neurose conseqüentemente, e a perversão que ainda se mantém no campo da patologia. Uma segunda divisão aparece ao diferenciar perversão no adulto e condição perversa polimorfa da criança. O que permanece claro ao longo desse percurso é que a condição perversa da criança é a condição da sexualidade infantil e a perversão patológica se restringe ao campo do adulto.

Desta forma consideramos a oscilação freudiana em relação à composição entre sexualidade infantil e perversão um marco na constituição da natureza infantil como uma natureza desviada: em ambos os casos essa aproximação favoreceu a comprovação de que a pulsão aparece sem a sua aparente solda com o objeto, essa relação mostra-se *desviada*. É referindo-se a essa relação ente pulsão e objeto que Menezes²⁵⁹ aponta: " *Após operar uma implosão dessa idéia, Freud lança por terra a idéia de meta*

²⁵⁹ MENEZES, J. E. *Fábrica de Deuses, a teoria freudiana da cultura*. São Paulo: Unimarco, 2000. p. 127.

*fixada biologicamente. Se o objeto não é, por assim dizer, uma inscrição genética, tampouco o escopo da pulsão o é". Mesmo porque a etimologia da palavra perversão, que deriva de *pervertere*, nos diz na sua raiz latina, que o ato de *pervertere* é "desviar"²⁶⁰.*

Se, inicialmente, a função da perversão como parâmetro para a sexualidade deveu-se a uma estratégia teórica para colocar o tema da sexualidade infantil no rol das discussões mais atualizadas para a época, posteriormente serviu para caracterização da própria sexualidade infantil e sua utilização foi, portanto, de caráter descritivo. Podemos dizer que a noção de zonas erógenas (prazer fora da esfera genital) foi determinante na aproximação entre as noções de perversão e sexualidade infantil. Mais tarde ainda, funcionou como elo de ligação no paralelismo entre as teorizações sobre a sexualidade infantil e o complexo de Édipo, além de separar na teoria, sexualidade e reprodução (na sexualidade a perversão é constitutiva e constituinte e, a reprodução não participa da perversão).

Porém, não só de aproximações convivem essas noções. No âmbito restrito à comparação entre perversão e polimorfia perversa, uma grande

²⁶⁰ JULIEN, *idem*.

distância as separa. A primeira, a perversão, ao se definir como fixação e exclusividade nas metas preliminares que fogem ao primado genital, portanto, só se manifesta nos adultos. A segunda, polimorfia perversa, caracterizada por pulverização do prazer em todo corpo através de zonas erógenas, sem a necessidade de alcançar o primado genital, é caracterizada por só poder ocorrer na criança.

Como a perversão nega o objetivo da reprodução, um outro véu sobre a relação da perversão e a sexualidade infantil vem a ser levantado: ambos apresentam como central a negação da reprodução, além de marcar a distinção entre sexualidade e reprodução. Dado que, a reprodução era para Freud um grande argumento nas diferenciações necessárias para a teoria: perversão, infantil, criança e adulto. Mais adiante, no mesmo texto adverte:

a essência da perversão não está na extensão do objetivo sexual, nem na substituição dos genitais, e mesmo, nem sempre na escolha diferente do objeto, mas unicamente na exclusividade com a qual se efetuam esses desvios e em

*consequência dos quais o ato sexual a serviço do objetivo da reprodução é posto de lado*²⁶¹

O encontro entre sexualidade infantil e perversão serve para por para fora do campo da sexualidade a reprodução como meta, poderíamos arriscar dizer que a noção de reprodução também tem como função ajudar na distinção entre criança e adulto.

Finalmente, acreditamos que a noção descritiva de perversão, muito mais do que ter contribuído para a concepção da sexualidade infantil ou mesmo colaborado com a noção de sexualidade de modo geral, ao ser aproximada da sexualidade infantil, foi mola fundadora e sustentadora na teorização da natureza infantil, além de ter sido fundamental para a generalização necessária para que a sexualidade infantil se inscrevesse definitivamente no campo psicanalítico e propiciasse mais argumentos para a busca freudiana do estatuto científico.

A entrada da noção de perversão na caracterização da sexualidade infantil inscreve para psicanálise a possibilidade de ampliar a noção de

²⁶¹ Idem, p. 377.

sexualidade, de modo a universalizar seu alicerce e oferecer ao individual a capacidade de se inscrever no geral.

Natureza Infantil

A noção de infantil em psicanálise já foi amplamente pesquisada²⁶², mas acreditamos ainda fecundo manter esse debate, justamente por se tratar de um elemento fundamental para concepções freudianas essenciais como inconsciente, coisa, sexualidade.

Alguns autores ao se debruçarem sobre o conceito de infantil para a psicanálise freudiana, a ele dedicaram a função de metáfora. O infantil seria metáfora para origem, sexualidade, coisa, trauma, inconsciente, dentre outros. Entretanto, um ponto de interseção faz coincidir essas leituras: o infantil não se reduz à criança. Uma interrogação a esse respeito ainda se torna necessária: se o infantil e a criança não se igualam, como ele se apresenta na criança e no adulto ?

²⁶² Ver na bibliografia: Sauret, Zornig, Tanis, Fernandes, Vorcaro.

Segundo Sauret²⁶³, o infantil (no sentido ontogênico, localiza-se na cena do fantasia, e no sendo filogênico, torna-se o lugar da estrutura do sujeito) difere da criança (que se apresenta em três registros: imaginária, falada pelos adultos. Simbólica, é o sujeito no Édipo. Real: criança concreta). Para o autor, o infantil em psicanálise não é homogêneo e se tornou o ponto central da teoria. Segundo o autor, para Freud, *“no fundo, infantil não é a criança, mas a sexualidade”*²⁶⁴. Na nossa pesquisa acompanhamos que a construção da natureza do infantil não se deu sem oscilações e que, seria preciso especificar melhor tanto o infantil quanto a sexualidade para fazermos aí qualquer analogia entre ambas as noções.

Os episódios infantis são ligados a motivos inconscientes que pré-determinam a posição subjetiva do adulto. Essa posição subjetiva terminal não consiste na acentuação de traços passíveis de leitura da infância, porém, do nosso ponto de vista, queremos entender melhor essa relação. Segundo Sauret, a descoberta da criança no adulto é uma originalidade da psicanálise; a despeito dessa afirmação, para nós a originalidade freudiana se encontra, muito mais, no processo de construção dessa descoberta e que

²⁶³ J. M. SAURET, *De infantile à la structure*, Paris: Presses Universitaires du Miral, 1992.

²⁶⁴ Idem, p. 59

o infantil no adulto, longe de ser o infantil da criança, no sentido descritivo a ele se aproxima em alguns pontos: através da sexualidade perversa (anatomia regida pelo prazer das zonas erógenas) e, do lado da fantasia (quando escolhas objetais do adulto são regidas pelo complexo de Édipo).

A pertinência do infantil no psiquismo do adulto carrega unanimidade nas leituras de diversos comentadores da psicanálise freudiana:

*essa referência é tão evidente que a indagação pode parecer estranha: acaso a psicanálise não é, em seu próprio princípio, tanto na teoria quanto na prática, inteiramente movida pela crença, sempre confirmada, de que aquilo que chamamos "adulto", aliás, com hesitação cada vez maior, é modelado de uma ponta a outra pelos sofridos traumas e desejos da criança?*²⁶⁵

Quando Freud trata do infantil está certamente tratando do problema da origem. Este originário, encontrado na criança mítica e imaginária de

²⁶⁵ PONTALIS, citado por B. TANIS em *Memória e temporalidade, sobre o infantil em psicanálise*. São Paulo: Escuta. 1994, p. 26.

Freud, difere da criança observada. Tanis²⁶⁶ desenvolve a tese de uma relação entre o infantil e o campo da reconstrução: *“constatamos que simplesmente falar do infantil nada acrescenta à nossa compreensão, se não o entendermos deste ângulo: como conceito psicanalítico diferente da infância concretamente vivida”*. Na mesma linha de leitura, temos Zornig:

Podemos, neste momento, fazer duas leituras do texto freudiano: A primeira, privilegiando o conceito de infantil como radicalmente distinto da infância concretamente vivida, já que a constituição da neurose infantil se faz pela construção das teorias sexuais infantis e do percurso edípico do sujeito... A segunda, colocando maior ênfase na realidade externa e na infância concretamente vivida, na qual se coloca a criança como objeto falado pelo adulto e não como sujeito desejante...²⁶⁷

²⁶⁶ TANIS *Memória e temporalidade...* op. cit., p. 169.

²⁶⁷ S. ZORNIG, *A criança e o infantil em psicanálise*, São Paulo: Escuta. 2000, p. 49.

De certo modo, parece-nos que os autores acima citados, quando se referem ao infantil, deixam escapar o que a aproximação freudiana entre as noções de sexualidade infantil e de perversão traz como efeitos, daí nosso interesse em circunscrever minuciosamente a construção de uma natureza do infantil, que não se restringe a descrição de possíveis metáforas para o conceito de infantil na psicanálise. A alternativa que estamos apresentando é poder acompanhar, no decorrer da delimitação ao campo psicanalítico, na teorização sobre perversão e sexualidade infantil, além das articulações daí retiradas, que uma noção fundamental para o modo epistêmico de tratamento dessa empreitada é a noção de natureza infantil. A referida noção, constituída nos bastidores da conceitualização da noção de sexualidade infantil, proporciona abarcarmos aí o estrondo dos efeitos da inclusão da noção de perversão nesse debate, sem abandonar a pertinência à ótica naturalista.

Acreditamos, para uma apreciação de qualquer noção relativa ao infantil, ser *imprescindível* a conjunção dessa noção de infantil com as oscilações relativas à borda constituída pela noção de perversão. Retratar a inclusão da noção de perversão na caracterização da sexualidade infantil apenas nas manifestações do prazer advindo da estimulação das zonas

erógenas, na polimorfia perversa, parece-nos tratar ainda apenas de uma parte do problema, faltando portanto, a inclusão da noção de fantasia. Ou seja, tratar a natureza do infantil requer acompanharmos a aproximação entre a noção de perversão e a sexualidade infantil, e implica, além da caracterização de uma erogenização descritivamente perversa do corpo, a inclusão da noção de uma fantasia infantil também estruturalmente perversa na caracterização dessa sexualidade infantil.

Falar de natureza infantil é tentar acompanhar o esforço freudiano de descrever o caráter do infantil. Apesar de concordarmos que, em Freud, o significado da palavra natureza é descritivo, serve para ele tratar do *caráter* do infantil, acreditamos importante pensarmos mais a esse respeito. O termo “natureza” tem normalmente uma conotação que expressa uma qualidade. Natureza infantil pode tratar, nesse sentido, de uma espécie de *essência* do infantil, de *caráter* do infantil. Algo é natural quando é capaz desse fundo de raiz unitária, seja como “geração dos viventes”, “como princípio intrínseco ao movimento”, “como matéria e forma”, “como essência de algo”, o termo natureza imprime sempre o princípio imóvel que faz possível toda mobilidade. Seria essa uma leitura possível do termo natureza infantil em

Freud ? Será que o infantil se mantém num *corpus* inalterado e imutável da criança até o adulto ?

Ao considerar a psicanálise uma *Naturwissenschaft* estamos propondo uma importância evidente ao termo natureza infantil. É verdade que se a "démarche naturalista tem por finalidade e por efeito a evidência de uma axiologia de certa forma experimental"²⁶⁹, o termo natureza infantil aponta para a direção na indagação, em quais aspectos do infantil essa *démarche* naturalista se apresenta ?

Parece-nos que até seja possível essa leitura sobre a natureza infantil em Freud, do infantil como uma essência do psiquismo que se manifestaria em qualquer tempo de maturidade (seja criança ou adulto), o que manteria o infantil como uma espécie de essência imutável. Esse estudo aponta para interrogar essa espécie de estado "imutável" de um infantil que permaneceria o mesmo da criança ao adulto. Diferente disso, acreditamos que a noção de natureza infantil delineia para a psicanálise freudiana, não uma essência imutável da criança ao adulto, mas a conexão (*Zusammenhänge*) pontual entre manifestações sexuais corpóreas e construção da fantasia, conexões que

²⁶⁹ ASSOUN, *Introdução à epistemologia freudiana*, São Paulo: imago, 1983, p. 47.

independem do tempo cronológico, mas se inscrevem do tempo da simultaneidade. Para nós não se trata de buscar no adulto um acontecimento traumático ocorrido no período da infância, porém, natureza infantil é a descrição de um mecanismo: as conexões (exteriorizações sexuais corpóreas e construção da fantasia), que viabilizam a evidência: " tudo que é percebido se encontra na natureza"²⁷⁰. Para psicanálise, de uma vez por todas, a ciência que a ela se apresenta não está dividida ou em posição intermediária, mas se encontra inteiramente por vocação²⁷¹ ao lado da esfera da natureza.

Se o infantil pode encontrar-se tanto na vida de uma criança quanto na vida mental de um adulto, Freud foi levado a construir uma série de artifícios teóricos para realizar uma melhor demarcação entre o adulto e a criança, que como já vimos, por vezes fica mais adormecida, ou por vezes se torna fundamental, e que impele conexões entre sensações sexuais corpóreas e representações psíquicas. Essas conexões estão submetidas ao tempo da simultaneidade, ocorrências simultâneas que provocam conexões, e por isso

²⁷⁰ WHITEHEAD, *O conceito de natureza*, São Paulo: Martins fontes, 1994, p. 7.

²⁷¹ ASSOUN afirma ser uma relação de vocação e essência. *Introdução a epistemologia freudiana*, idem, p. 53.

podem aparecer tanto na criança quanto no adulto. O que depende do tempo cronológico são, nas relações entre sexualidade infantil e perversão, tanto no adulto como na criança, a delimitação de parâmetros distintos de normalidade e patologia.

As delimitações nas diversas formas de satisfação sexual na criança e no adulto diferem em grau e em meta. Porém, dado o caráter descritivo do mecanismo da natureza infantil, podem esses dois tempos de maturidade se perpassarem: quando o adulto imprime ao corpo da criança²⁷², nas regiões de troca que são as zonas erógenas, a própria erogeneidade da sexualidade a partir da sua fantasia infantil e a criança desperta no adulto o seu narcisismo perdido.

Para nós o importante é apontar que a natureza infantil não se restringe à sexualidade infantil, muito menos apenas à sexualidade caracterizada no texto dos **Três ensaios**. A natureza infantil comporá uma noção mais abrangente, construída nos bastidores da delimitação do campo psicanalítico, caracterizada pelas conexões entre a geografia do prazer no corpo e fantasia infantil. Conexão esta que sofre o processo de repressão e,

²⁷² LAPLANCHE, *Teoria da sedução generalizada*, Porto Alegre: Artes médicas, 1989.

no adulto poderá ser despertada por alguma associação, (poderá ser despertada inclusive pela relação com uma criança).

Se o infantil trata da questão da origem, se indica as condições de possibilidades para a neurose, se amplia o espaço para o desenvolvimento da sexualidade infantil, a natureza infantil é um construto constituído pelo tempo da simultaneidade, tempo que provoca uma conexão entre sensação sexual corpórea e fantasia infantil. Torna-se porém, insubordinada ao tempo cronológico (seja no adulto ou na criança) e, dada alguma possibilidade dessa conexão quando reprimida retornar, haverá no tempo do *só-depois* uma tentativa de re-significação da conexão (sensação e representação) do tempo da simultaneidade, ou melhor do infantil no adulto.

Se a ordem foi: conceitualização dos elementos, aproximação entre noções como perversão e sexualidade infantil, delimitação de duas séries (relativas ao corpo a à fantasia), diferenciação entre dois tempos de maturidade (criança e adulto), assim procedemos com o intuito de realizarmos uma análise desses temas, com a atenção nos efeitos obtidos por esse movimento, o que não descarta a partir do tempo do *só-depois*, que possamos ler o termo de “natureza infantil” como uma noção determinante

para a delimitação do campo psicanalítico e para a pertinência da psicanálise no campo da *Naturwissenschaft*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O revezamento das questões de ordem epistemológicas e metodológicas, operado pelos textos aqui pesquisados da obra freudiana, implica, de imediato, vislumbrarmos que essas ordens de questões se apresentam sempre entrelaçadas no percurso apresentado por esse trabalho. Essas duas ordens de questões aparecem nos textos sem demarcações e encontram-se diluídas no decorrer da teoria, o que delimita um lugar para a filosofia da ciência: conferindo-lhe estatuto de texto, ao tratá-lo como "uma rede, um tecido de significações que vale a pena ser explicitado, comentado, discutido e interpretado"²⁷³.

Encontramos, nesse percurso, pelo menos três formas de comparecimento das questões metodológicas. A primeira delas se refere ao empréstimo de conceitos de outros campos da ciência para a base do sistema psicanalítico. O exemplo aqui mais importante desse fato é relativo a noção de perversão e sua inversão após incorporação ao campo psicanalítico. O segundo exemplo de estratégia metodológica podemos

²⁷³ MONZANI, *"Freud, Movimento de um pensamento"*, São Paulo: unicamp, 1989, p. 23.

observar na operação de "redução ao familiar", em que conceitos ou princípios já familiares podem ser tomados na explicação de hipóteses. Uma forma de verificar esse tipo de estratégia podemos encontrar, dentre outros exemplos, no segundo dos três ensaios ao comparar a amnésia das vivências sexuais infantis com a amnésia histérica, já bastante familiar e conhecida na época. Um terceiro ponto, que merece ser ventilado, é a realização de conexões entre fenômenos abstratos (por exemplo a fantasia) e manifestações visíveis (como as exteriorizações sexuais infantis). Esse último ponto é o que nos mais chamou a atenção na construção da noção de natureza infantil.

A psicanálise como forma de conhecer a constituição do sujeito humano, apresenta-se como uma teoria fundamental para elucidar mecanismos que envolvem esse sujeito, além de alavancar um antigo debate sobre o limite entre o normal e patológico no ser humano. A aproximação realizada pela psicanálise entre as noções de perversão e sexualidade infantil oferece elementos para destacarmos: a importância do caráter de visibilidade emprestados por essas duas noções à teoria (portanto refere-se a preocupação metodológica do autor), a mais um caminho possível para a aproximação realizada pela teoria entre o patológico e o normal (uma

especificidade do campo da psicanálise na sua forma de conhecer o sujeito humano), e importância da criação da noção de natureza infantil na delimitação do campo psicanalítico.

Em relação ao movimento dos textos, acompanhamos durante esse percurso uma passagem de grande valia para o lugar ocupado pela criança no pensamento psicanalítico, quiçá a ponto de promover mudanças no pensamento mais amplo sobre esse tempo de maturidade: a invenção da própria concepção de uma natureza infantil atemporal. O objetivo de averiguar fenômenos psíquicos patológicos permitiu ao autor da psicanálise promover a saída da criança dos bastidores para a cena principal. A criança se tornou, juntamente com a perversão, um importante instrumento metodológico para a viabilidade do projeto científico naturalista que necessitava.

Quanto à noção de perversão uma inversão ainda mais radical ocorre, mesmo porque, temos nesse caso, comprovadamente a contrapartida do pensamento dos sexólogos da época a esse respeito. Inicialmente, o uso da noção de perversão é um instrumento para o autor inaugurar e sustentar em base conhecida a sexualidade infantil, por ser a perversão uma noção estudada e divulgada por autores e sexólogos da época. Esse "terreno

relativamente conhecido pela ciência” da época, o das perversões, favorece a atenção desejada por Freud sobre o que apostava ser um grande novidade: a descrição da sexualidade infantil.

A inversão da noção de perversão, promove a possibilidade de descrever a sexualidade infantil: prazer sexual em várias zonas do corpo (zonas erógena), partindo de um apoio inicial aos instintos da necessidade, com tendências a repetir-se, e sem que uma zona tenha privilégios em relação às outras, o prazer é difuso e sem a meta do primado genital. Posteriormente, a noção de perversão serve como elo para conjugar a sexualidade infantil e o complexo de Édipo, noção que ficou marginal à sexualidade infantil durante muitos anos na obra.

A aproximação das duas noções, perversão e sexualidade infantil, dá início a uma longa jornada sobre a sexualidade. Freud começa esse percurso retirando e distinguindo a pulsão sexual de instinto. A separação entre pulsão e objeto será o pivô da construção de tudo que viria ser sexualidade infantil. Configurada a sexualidade infantil como vivências de prazer sexual pulverizado em diversas zonas erógenas, a partir da separação do apoio à necessidade biológica de onde se encontra inicialmente ligada, faz-se a primeira caracterização da sexualidade infantil.

Dois efeitos foram de imediatos provocados pela aproximação entre as noções de perversão e sexualidade infantil: a desmontagem desse conceito de pulsão realizada na obra demoliria a idéia de não considerar como normal a sexualidade infantil, o que estimula um grande argumento no distanciamento e distinção entre sexualidade e reprodução (manifestações de sexualidade infantil e de perversão estão no campo da sexualidade, mas não atingem o fim da reprodução). Existe sexualidade independentemente da meta da reprodução.

Quando tratamos dos textos **Três ensaios sobre a sexualidade e Uma criança é espancada**, realizamos uma primeira leitura que nos evocou três tempos de deciframento (cronológico, simultaneidade, *só-depois*). Posteriormente, realizamos também uma leitura em que as duas séries instauradas por Freud (geografia do prazer no corpo, exteriorizações sexuais infantis, zonas erógenas, polimorfia perversa, e fantasia, complexo de Édipo, teorizações infantis, representação) foram por vezes perfuradas pelo tempo da simultaneidade podendo ocasionar pontos de conexões (*Zusammenhänge*) entre elas. Porém, ao finalizar essa tarefa uma outra versão se fez necessária: a dos efeitos e da força da *Nachträglich* referente à leitura

desses textos, que nos indicam a construção da noção de natureza infantil como fundamental para delimitação do campo psicanalítico.

Se realmente foi imprescindível debruçarmo-nos pacientemente sobre as várias edições do segundo dos três ensaios, ou mesmo percorrermos durante os trinta e cinco primeiros anos da obra freudiana, as oscilações inerentes à junção das noções de perversão e sexualidade infantil, assim o foi, por força também da necessidade de um recobrimento²⁷⁴ dos conceitos fundamentais para uma leitura possível sobre o construto denominado natureza infantil, tangenciados durante o período de 1905 a 1924. Para nós, mais do que a afirmação e comprovação da sexualidade infantil, a junção da perversão nessa empreitada remete-nos a um espaço maior conquistado por Freud, que gerou uma *determinante* demarcação para o campo psicanalítico, a saber, a noção de uma natureza infantil que conta, na sua construção, com a noção da perversão, especialmente no primeiro o texto sustenta o privilégio para o corpo e, no segundo texto, o acento vai para a fantasia.

A construção da noção de sexualidade infantil, portanto, não se fará num bloco coeso e único. Num primeiro tempo, "mapeamento do campo", temos a impossibilidade de representar o sexual na infância, mas sexual

ainda é sinônimo de genital. Posteriormente, a comprovação e caracterização da sexualidade infantil é apresentada em duas etapas. A primeira, que vai de 1905 até 1915, caracterizando um período que denominamos de "reviravolta dos conceitos" uma espécie de *bouleversement* pulsional. A segunda, que vai de 1915 até 1924, período dedicado a instaurar uma organização libidinal, a inclusão do conteúdo da fantasia, o complexo de Édipo, na sexualidade infantil, portanto, a criação de um lugar definitivo para a sexualidade infantil e suas articulações, é o que chamamos de "construção teórica".

Tratar a natureza infantil para Freud foi também mapear a borda dos dois tempos de maturidade: a criança e o adulto. Acreditamos que essa aproximação inicial entre criança e adulto faz parte do jogo estratégico de Freud para trazer ao centro das discussões da época a comprovação da sexualidade infantil. Aproximações e distanciamentos entre essas duas bordas ocorreram. À medida que a sexualidade infantil vai sendo caracterizada e fundamentada, vai se edificando uma gradativa e necessária passagem da sexualidade infantil para a vida sexual adulta. Por fim, a semântica de toda noção sobre a sexualidade será transformada. A junção

²⁷⁴ Dado favorecido, no caso dos três ensaios, pela composição final em um único texto.

das noções de sexualidade infantil e perversão imprimiram à obra freudiana um caráter original determinante para o pensamento sobre a sexualidade.

Marca-se também a separação concreta e definitiva entre, perversão e polimorfia perversa, e entre criança e adulto. Aproximações se fazem no sentido descritivo, há separações, porém, não há abismos.

A configuração da noção de natureza infantil é dada então a partir da incorporação da noção da perversão à sexualidade infantil, delineada por conexões pontuais entre geografia do prazer no corpo e fantasias infantis, a partir da simultaneidade do tempo dessas séries evocadas. Além de que serve de interface entre os dois tempos de maturidades adulto e criança. A natureza infantil, que aqui na dissertação se apresenta num tempo de *só-depois*, foi sendo construída nos bastidores do desenvolvimento da noção de sexualidade infantil. Consideramos que a caracterização da noção de natureza infantil, como foi pesquisada nesse trabalho, foi fundamental para delimitação do campo da psicanálise e configura mais uma vez o seu propósito de conhecer a constituição do sujeito humano.

Acompanhar a obra freudiana é poder manter o caráter inventivo da obra sustentando a lógica: não admitir fundir o texto em um todo sem repetições e não contraditório.

BIBLIOGRAFIA

ANZIEU D. "*L'auto analyse de Freud et la découverte de la psychanalyse*", Paris: PUF, 1959.

ASSOUN, P.L. "*O Freudismo*". Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

_____ "*A Metapsicologia Freudiana*". Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____ "*Introdução a epistemologia freudiana*". Rio de Janeiro: Imago, 1983.

_____ "*Freud a filosofia e os filósofos*". Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CHALMERS, A. , "*A fabricação da ciência*." São Paulo: unesp, 1994.

FERNANDES, L. R. "*O olhar do engano, autismo e Outro primordial*", São Paulo: Escuta, 2000.

FORRESTER, J. "*As seduições da Psicanálise*", Rio de Janeiro: Papyrus, 1990.

FOUCAULT, M. "*História da Sexualidade*", Graal, 1997.

FREUD S. "*Projeto para uma Psicologia Científica*", (1895). Tradução Osmyr Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess, (1887-1904), org. J. M. Masson, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____ Hereditariedade e Etiologia das Neuroses (1896). Obras completas, col. Standard, vol III. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____ Novos Comentários sobre as Neuropsicoses de Defesas (1896). Obras completas, col Standard, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____ Etiologia da Histeria (1896). Obras Completas, col. Standard, vol III, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____ A Sexualidade na Etiologia das Neuroses (1898). Obras completas, col. Standard, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____ Lembranças encobridoras (1899). Obras completas, col. Standard, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____ Fragmento da Análise de uma Caso de Histeria (1901). Obras completas, col. Standard, vol VII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____ Tres Ensayos sobre la Teoria da Sexualidad (1905). Buenos Aires: Amorrortu, 1974.

_____ Meus pontos de vista sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia da histeria (1906). Obras completas, col. Standard, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

- ____Os chistes e sua relação com o inconsciente cap. VII (1905). Em os chistes e sua relação com o inconsciente. Obras completas, col. Standard, vol. VIII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- ____Esclarecimento Sexual das Crianças (1907). Obras completas, col. Standard, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- ____Fantasias Históricas e suas relações com a Bissexualidade (1908). Obras completas, col. Standard, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago 1969.
- ____Caráter e Erotismo Anal (1908) Obras completas, col. Standard, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago 1969.
- ____Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna (1908). Obras completas, col. Standard, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago 1969.
- ____Sobre as Teorias Sexuais Infantis (1908). Obras completas, col. Standard, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago 1969.
- ____Cinco conferências de psicanálise (quarta conferência) (1909). Obras completas, col. Standard, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago 1969.
- ____Análise de uma Fobia de um Menino de Cinco Anos (1909) Obras completas, col. Standard, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago 1969.
- ____Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância (1910) Obras completas, col. Standard, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago 1969.

- _____ Um Tipo Especial de Escolha Objetiva feita pelos Homens (1910) Obras completas, col. Standard, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago 1969.
- _____ Contribuições a um Debate sobre a Masturbação (1912) Obras completas, col. Standard, vol. XII, Rio de Janeiro: Imago 1969.
- _____ A disposição a Neurose Obsessiva (1913) Obras completas, col. Standard, vol. XII, Rio de Janeiro: imago 1969.
- _____ Sobre o narcisismo: uma introdução (1914) Obras completas, col. Standard, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago 1969.
- _____ Os instintos e suas vicissitudes (1915) Obras completas, col. Standard, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago 1969.
- _____ Repressão (1915) Obras completas, col. Standard, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago 1969.
- _____ Conferência XXI O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais (1917) Obras completas, col. Standard, vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____ Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919) Obras completas, col. Standard, vol XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

____Além do princípio do prazer (1920) Obras completas, col. Standard, vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago 1969.

____A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923) Obras completas, col. Standard, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago 1969.

____A dissolução do complexo de Édipo (1924) Obras completas, col. Standard, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago 1969.

____Algumas conseqüências psíquicas das distinções anatômicas entre os sexos (1925) Obras completas, col. Standard, vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago 1969.

____Prefácio a juventude desorientada de Aichhorn (1925), Obras completas, col. Standard, vol XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GABBI, O. F. *"Freud Racionalidade Sentido e Referência"*. Col. CLE Campinas: ed. Unicamp, 1984.

GANGUILHEM G. *"O Normal e o Patológico"*. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 2000.

HANS, L. *"A teoria pulsional na clínica de Freud"*, Rio de Janeiro: Imago, 1999.

JULIEN, P. , *" Psicose, perversão, neurose."* Rio de Janeiro: companhia de Freud, 2002.

LAPLANCHE, J. *"Nouveaux Fondements pour la Psychanalyse"*. Paris: Puf, 1987.

- _____ *"Freud e a Sexualidade, um desvio biologizante"*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1997.
- _____ *"La Sexualité"*. Bulletin de Psychologie. 1969 -70.
- _____ *"Teoria da sedução generalizada"*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- _____ *"Vida e Morte em Psicanálise"*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- _____ *"Problematices II castration symbolisations"*, Paris: PUF, 1980.
- _____ e PONTALIS, J. B. , *"Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia"*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1988.
- _____ *"Vocabulário de Psicanálise"*, São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HEMPEL, C. , *"Filosofia da ciência natural"*. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1974.
- LANTERI-LAURA, *"Leitura das Perversões"*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- MAESO e col. " El por que de las persiones en la obra de Freud y Lacan", em *Rasgos de persiones en las estruturas clínicas*, Buenos Aires: Manancial, 1992.
- MENEZES J. E. , *"Fábrica de Deuses, a teoria freudiana da cultura"*. São Paulo: Unimarcos, 2000.
- MONZANI, L. *"Freud Movimento de um Pensamento"*, Campinas: ed. Unicamp 1989.

- MORA, J.F. *"Diccionario de Filosofia"*, Buenos Aires: editorial latinoamericana, 1958.
- MORGENBESSER, S. (org.), *"Filosofia da ciência"*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- MURCIA, C. "Um caso de perversão narrativa", *revista critique*, nov. tomo XL, N. 534, 1991.
- PENNA, A , *"Introdução à epistemologia"*. Rio de janeiro: imago, 2000.
- PORGE, E. *"Roubo de idéias ?"*, Rio de janeiro: Companhia de Freud, 1998.
- REY-FLAUD *"Comment Freud inventa le fétichisme...et la psychanalyse"*. Paris: Payot, 1994.
- RODRIGUÉ, E. *"Sigmund Freud, o século da psicanálise"*, São Paulo: Escuta, 1995.
- SAURET, M. J. *"De l'infantile à la structure"*, Paris: Presses Universitaires du Mirral, 1992.
- SOUZA, P. C. *"As palavras de Freud"*, São Paulo: Ática, 1999.
- SULLOWAY, F. *"Freud Biologist de l'esprit"*, Paris: Fayard, 1992.
- VALAS, P. *"Freud e a Perversão"*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- VORCARO, A , *"A criança e a clínica psicanalítica"*. Rio de Janeiro: companhia de Freud, 1998.
- WHITEHEAD, A N. , *"O conceito de natureza"*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ZORNIG, S. *"A criança e o infantil em psicanálise"*, São Paulo: Escuta, 2000.

Para a busca de palavras ou conceitos em toda obra foram utilizadas as versões eletrônicas: Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud e Obras completas Sigmund Freud, Espanha: Ediciones Nueva Hólade, 1995.

Na revisão da tradução foi usada a: Sigmund Freud, Studienausgabe, Germany: S. Ficher, 1989.